



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Educação Física e Desportos

Eliane de Queiroz Grivet

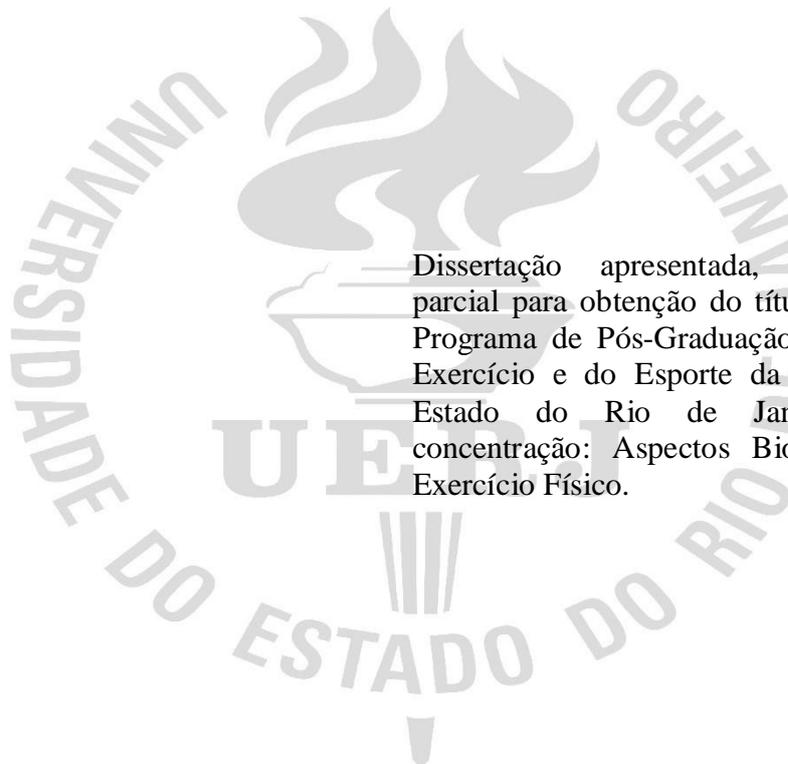
**Sobrevivendo ao estigma da hipertrofia: notas etnográficas sobre o
fisiculturismo feminino no Rio de Janeiro**

Rio de Janeiro

2019

Eliane de Queiroz Grivet

**Sobrevivendo ao estigma da hipertrofia: notas etnográficas sobre o fisiculturismo
feminino no Rio de Janeiro**



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Exercício e do Esporte da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Aspectos Biopsicossociais do Exercício Físico.

Orientador: Prof. Dr. Rafael da Silva Mattos

Rio de Janeiro

2019

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/B

G872 Grivet, Eliane de Queiroz.
Sobrevivendo ao estigma da hipertrofia: notas etnográficas
sobre o fisiculturismo feminino no Rio de Janeiro / Eliane de
Queiroz Grivet. – 2019.
131 f. : il.

Orientador: Rafael da Silva Mattos.
Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do
Rio de Janeiro, Instituto de Educação Física e Desportos.

1. Fisiculturismo – Teses. 2. Esportes para mulheres –
Aspectos sociais – Teses. 3. Estigma (Psicologia social) – Teses. 4.
Imagem corporal em mulheres – Teses. 5. Educação física para
mulheres – Aspectos sociais – Rio de Janeiro (RJ) – Teses. I.
Mattos, Rafael da Silva. II. Universidade do Estado do Rio de
Janeiro. Instituto de Educação Física e Desportos. III. Título.

CDU 796.894-055.2

Bibliotecária: Eliane de Almeida Prata. CRB7 4578/94

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta
dissertação desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Eliane de Queiroz Grivet

**Sobrevivendo ao estigma da hipertrofia: notas etnográficas sobre o fisiculturismo
feminino no Rio de Janeiro**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Exercício e do Esporte da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Aspectos Biopsicossociais do Exercício Físico.

Aprovada em 03 de setembro de 2019.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Rafael da Silva Mattos (Orientador)
Instituto de Educação Física e Desportos - UERJ

Prof. Dr. Alan Camargo Silva
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Silvio de Cassio Costa Telles
Instituto de Educação Física e Desportos - UERJ

Rio de Janeiro

2019

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao meu filho, que me faz crescer a cada dia.

AGRADECIMENTOS

Sempre fui apaixonada pelo conhecimento. Creio que nossos destinos são determinados por nossas vontades e ideologias. Assim, farei um breve e sincero agradecimento do fundo da minha alma às pessoas que me ajudaram incondicionalmente, deixando marcas eternas, com valor inexplicável de carinho, respeito e amizade, as quais ao longo do tempo, nunca irão se apagar.

Agradeço ao meu filho IURI, minha âncora, meu porto seguro, por fazer parte da minha vida. À minha grande e linda amiga, de pura alma, irmã e companheira de todas às horas, sem ela eu não faria o que fiz e não chegaria tão longe, sempre a meu lado me ensinando e me apoiando em minhas desordens mentais. Fernanda Andressa, sem palavras para expressar o imenso carinho que sinto.

Aos GRANDES MESTRES, eternos, ilustres professores a quem respeito e admir. É uma grande honra conhecê-los, obrigada pelo direcionamento com paciência: Prof. Dr. Rafael da Silva Mattos; Prof. Dr. Jeferson Retondar; Prof. Dr. Wecisley Ribeiro do Espirito Santo; Prof. Dr. Rodrigo Vale; Prof. Dr. José Silvio; Prof.^a. Dra. Lucia Maria; Prof.^a. Dra. Joyce Carvalho. Não deixando de mencionar professores que também fizeram parte da minha graduação em Licenciatura do Instituto de Educação Física e Desporto, que me ajudaram com suas palavras de incentivo para seguir em frente. Sou muito feliz em tê-los na minha vida e em minhas lembranças. Aos Professores do Programa de Pós-Graduação em Ciência do Exercício e do Esporte da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, meus sinceros agradecimentos e as Secretarias da Pós-Graduação, Luciana e Maria, meu carinho eterno. Aos funcionários de IEFD meu carinho eterno e a todos os funcionários desse grande universo de conhecimento que é a UERJ, sempre muito querida para mim.

Por fim, agradeço aos Deuses por terem me mostrado o caminho e nos guiado em busca da libertação das amarras da ignorância, a partir das Ciências do conhecimento e na construção de um novo ser humano.

“Ninguém nasce mulher: torna-se mulher”.

Simone de Beauvoir (1970).

RESUMO

GRIVET, Eliane de Queiroz. *Sobrevivendo ao estigma da hipertrofia: notas etnográficas sobre o fisiculturismo feminino no Rio de Janeiro*. 2019. 131 f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Exercício e do Esporte) - Instituto de Educação Física e Desportos, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2019.

A presente pesquisa tem como objetivo compreender o estigma da hipertrofia da mulher fisiculturista dentro e fora das academias de musculação. Para obtenção da potencialização muscular, essas mulheres constroem um grande interesse por um corpo forte, musculoso com baixo percentual de gordura. São reconhecidas em campeonatos de fisiculturismo com poder simbólica e ao mesmo tempo, estigmatizada dentro e fora das academias de musculação, consideradas exageradas, desproporcionais. O referencial teórico-conceitual selecionado para a pesquisa é a teoria de Erving Goffman privilegiando o conceito de estigma, e a teoria de L. Wacquant sobre a construção socioantropológico do objeto de estudo a partir do próprio corpo. Para compreender os sentidos dessa problemática foi realizada uma pesquisa qualitativa com entrevistas, realizadas com 15 mulheres fisiculturistas em academia de musculação no bairro do Flamengo na zona sul da cidade do Rio de Janeiro. A análise de dados foi realizada segundo a proposta de análise de conteúdo de Laurence Bardin. Concluiu-se que as mulheres fisiculturistas tendem a ser estigmatizadas por transgredirem as regras de feminilidade. Os resultados indicam que os relacionamentos e a vida afetiva dessas mulheres ficam restritos a uma tribo de fisiculturismo e a construção socioantropológica do corpo passa por processo de bioasceses e bioidentidade. O projeto foi submetido ao Comitê de Ética em 2018.

Palavras-chaves: Estigma. Gênero. Fisiculturismo. Educação Física.

ABSTRACT

GRIVET, Eliane de Queiroz. *Surviving the stigma of hypertrophy*: ethnographic notes on female fisiculturismo in Rio de Janeiro. 2019. 131 f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Exercício e do Esporte) - Instituto de Educação Física e Desportos, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2019.

This research aims to understand the stigma of hypertrophy of bodybuilder women inside and outside the gym. To achieve muscle enhancement, these women build a strong interest in a strong, muscular body with low fat percentage. They are recognized in bodybuilding championships with symbolic power and at the same time, stigmatized inside and outside the gym, considered exaggerated, disproportionate. The theoretical-conceptual framework selected for the research is Erving Goffman theory favoring the concept of stigma. And L. Wacquant theory about the socio-anthropological construction of the object of study from the body itself. To understand the meanings of this problem, a qualitative research with interviews was conducted with 15 women bodybuilders in weight gym in the Flamengo neighborhood in the south of Rio de Janeiro. Data analysis performed according to the content analysis proposal of Laurence Bardin. It was concluded that women bodybuilders tend to be stigmatized for breaking the rules of femininity. The results indicate that the relationships and affective life of these women are restricted to a tribe of bodybuilding and the socio-anthropological construction of the body goes through the process of bioasceses and bioidentity. The project was submitted to the Ethics Committee in 2018.

Keywords: Stigma. Gender. Bodybuilding. Physical Education.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EAA	Esteroides Anabolizantes Androgênicos
IFBB	Confederação Internacional de Fisiculturismo (Brasil)
EA	Esteróide Anabolizante
FGD	Federação Global de culturismo
CND	Conselho Nacional de Desporto
NPC	National Physique Committee
EUA	Estados Unidos da América
RJ	Rio de Janeiro

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	10
1	ESTIGMA DO MÚSCULO	36
1.1	O estigma da contemporaneidade	37
1.2	A representação do “eu” na academia	42
1.3	Maneiras e Aparências	44
1.4	Conveniência como suporte social	45
1.5	O fisiculturismo, conversas e encenações	46
2	GÊNERO, FEMINILIDADE E FISCULTURISTAS	49
2.1	O culto ao corpo da saúde feminina.....	54
2.2	O corpo nunca envelhece.....	56
2.3	A ilusão narcisista	59
2.4	A luta da mulher no campo do fisiculturismo.....	62
2.5	A saúde, autoimagem da hipertrofia.....	65
2.6	Educação Física corpo saudável.....	67
3	MÉTODOS.....	70
3.1	Etnografia na academia e nos campeonatos.....	72
3.2	Análise de dados das entrevistadas.....	84
3.3	Perfil socioeconômico das fisiculturistas.....	89
4	RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	91
4.1	A Tribo dos fisiculturistas.....	92
4.2	Bioasceses e Bioidentidade.....	100

CONCLUSÃO	105
REFERÊNCIAS	112
APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	121
APÊNDICE B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido Institucional ...	122
APÊNDICE C - Roteiro de entrevista realizado com as fisiculturistas	123
APÊNDICE D – Aprovação do Comitê de Ética	124
ANEXO A – Trabalhos publicados durante o mestrado	125
ANEXO B – Fotos dos Campeonatos de Fisiculturismo	130

INTRODUÇÃO

No século XXI, cresce a valorização do corpo como uma identidade alinhada com a ideia de biosubjetividade (MATTOS, 2014). O culto ao corpo se transforma em culto à aparência vigente na contemporaneidade, o mercado consumidor se expande com indústrias de beleza, cirurgia plástica consome de produtos farmacêuticos, esteroides anabolizantes (EAA) e suplementos alimentares (BIRMAN, 2014), contribuindo para o aperfeiçoamento da imagem corporal, valorizando a aparência de um corpo perfeito dentro dos padrões sociais. (MATTOS, 2014).

Segundo Debord (1991), a aparência corporal foi reduzida a uma mercadoria na sociedade do espetáculo em que vivemos. Portanto, cuidar do corpo é prepará-lo para expô-lo à visão de todos (LE BRETON, 2010). O corpo espetacularizado, exterioriza seus efeitos vividos na contemporaneidade pela subjetividade. Trazendo um paradoxo de incertezas na valorização do “ser” com acentuado “pavor à carne”. Logo, é preciso modificá-lo e remetendo-o ao corpo ideal para o espetáculo e dentre várias formas de personalizá-lo Ortega (2008) remete ao fisiculturismo e às diversas cirurgias plásticas como forma de personalizar o corpo e aumentar sua supervalorização como investimento simbólico.

O autor, portanto, remete as práticas corporais ascéticas para as bioascéticas¹ (p.22). Afirmando que na antiguidade grega, as práticas ascetes eram fundamentalmente uma prática de liberdade que integrava corpo e alma, remetendo os valores da coletividade, demandando a solidariedade política, na busca por uma identidade desejada pelas práticas de representação de si como forma de resistência à cultura. Na atualidade, portanto, as práticas ascéticas ou ascetismo intramundanos² passam a ser bioascética, nascendo uma nova forma de

¹ Bioascetes são formas de disciplinamento do corpo, é o crescimento do sujeito num meio social dominante ou alternativo com a intenção de inaugurar uma nova subjetividade com base na forma corporal. A nova subjetividade e, por conseguinte, identidade é construída a partir da forma física e dos padrões estéticos hegemônicos. Ascetismo da Antiguidade, a identidade desejada pelas práticas de si representava uma forma de resistência cultural, uma vontade de demarcação, de singularidade, de alteridade, nós encontramos na maioria das práticas contemporâneas uma vontade de uniformidade, de adaptação a uma norma e de constituição de modos de existência conformistas e narcisistas visando o corpo perfeito (ANDRIEU, 2008; ORTEGA, 2008).

² Ascetismo intramundano é um termo utilizado por Max Weber (2004, p. 34) para referir-se à ascese pelo trabalho na constituição de um ethos protestante, em especial, calvinista. O núcleo do “espírito” ou “ético” relativo à vida capitalista. O trabalho aparece como o fundamento de toda a vida, constituindo uma virtude e um dos caminhos para a salvação, e a profissão passa a ser vista como vocação, enquanto a preguiça como algo mau. Sabino e Luz (2007, p. 470) utilizam o mesmo termo de Weber para exemplificar o tipo ideal de ascese que existe nas academias de musculação, nas quais os sujeitos constroem o corpo de maneira ascética, rigorosa, sacrificial, esperando obter lucros imediatos na carne e não transcendentais.

sociabilidade, uma biosociabilidade. Em vez de prática de liberdade forma o exercício de adequação, de conformidade à norma (ORTEGA, 2008 p.23). O eu individualizado na busca da saúde e de padronização do corpo perfeito. “Já que o mundo não pode ser modificado, mudamos os corpos em busca da perfeição, passando o corpo um lugar de criação” (ORTEGA, 2008 p. 13). Assim, o fisiculturismo³, com a intenção de inaugurar uma nova identidade se volta aos padrões estéticos na prática bioascética. Prática corporal regada ao conformismo do século atual, submetida aos disciplinamentos estabelecidos pela ordem determinada da sociedade e fixada no controle da saúde na *performance*.

O fisiculturismo é um esporte regido por regras bem delimitadas ao redor do mundo, incorporado aos discursos das práticas corporais bioascética na contemporaneidade com disciplinamento do corpo ao conformismo da norma. Voltado à lógica hegemônica do corpo, forte, baixa adiposidade e viril. Está dividido em duas alas. A ala mais radical e a menos radical, segundo Estevão (2004), a ala mais radical são homens e mulheres, que possuem grande volume muscular, disciplinados, regrados, autocontrolados. Seus corpos são fisicamente muito fortes, harmônicos, vivem suas subjetividades em seus personagens da vida cotidiana dentro da valorização da bioidentidade, em busca da valorização e a espetacularização do corpo na contemporaneidade. Vivem sobre o controle hegemônico da ideologia da *healthism*⁴ (moralidade da saúde) e do *fitness* (moralidade da adequação) (ORTEGA, 2008). Logo, Sabino e Luz (2007) afirmam que são corpos obedientes, autoritários, que bastam a si mesmo. Buscam liberdade em sua reconstrução arquitetônica, harmonicamente construída. São modelos que não preenchem as características de corpos hegemônicos padronizados em busca da perfeição, do belo. Não comungam as regras instituídas da norma.

A segunda ala menos radical é representada simbolicamente por homens e mulheres que exercem um papel mais efetivo dentro da estética da corpolatria. Constroem uma

³ Fisiculturismo é uma modalidade esportiva que se sustenta no volume, na definição e na simetria muscular. A vertente feminina é constituída por quatro modalidades produzidas a partir de diferentes níveis de potencialização muscular. São denominadas, respectivamente, pela Federação Brasileira de Musculação (NABBA Brasil) e pela Confederação Brasileira de Culturismo e Musculação (CBCM) como Physique ou Culturismo, figure ou body fitness, fitness ou miss fitness e toned figure ou Wellness (JAEGER E GOELLNER, 2011 p. 256).

⁴ Helthism é uma nova consciência e movimento de saúde (saúde holística e autocuidado) para definir a solução de problemas relacionados à "saúde". Pode ser entendida como uma forma de medicalização, o que significa que ainda mantém noções médicas importantes. Na medicinal, o healthism situa o problema da saúde e da doença ao indivíduo e suas soluções também são formuladas aos indivíduos. À medida que healthism molda as crenças populares, continuaremos a ter uma concepção não política, sendo ineficaz na promoção da saúde (CRAWFORD. 1980; ORTEGA. 2008; ZORZANELLI. 2018).

identidade representada por uma impressão sustentada pelo seu personagem. Representam a instituição de poder a Federação Internacional de Bodybuilding (IFBB) dentro e fora das academias. Representam simbolicamente o desejo de muitos agentes sociais (GOFFMAN 1986). Representantes coletivos que sustentam as regras coercitivas da sociedade. Alinham-se a estética da beleza hegemônica do corpo na constituição de uma bioidentidade incluídos aos padrões sociais (GOFFMAN, 1986). Sobre o controle hegemônico da padronização do corpo, belo, forte e saudável ancorados aos *selfs*⁵, como ponto de permanência e estabilidade da norma. Investem altos recursos, para a manutenção da satisfação de uma boa imagem através de treinamentos regulares de musculação com dietas hiperproteicas, anabolizantes, conferindo a cultura da corpolatria atual (LESSA, 2012).

Segundo Courtine (1995), o Bodybuilding, surgiu por volta de 1900-1905, a partir da expressão *to build (up) one's Body* (para construir um corpo). A sua origem, é compreendida como representação da prática corporal tanto masculina como feminina de características peculiares com treinamento físicos diário muito intensos na academia de musculação, com predominância em exercícios progressivos de força com pesos e com consumo de hormônios esteroides anabolizantes andrógenos⁶. No Brasil, a expressão ficou conhecida como Fisiculturismo/Culturismo, para representar a forma construída no corpo. Segundo Sabino (2002), as “substâncias surgiram a partir de pesquisas farmacêuticas realizadas no final do século XIX e primeira metade do século XX”. O mesmo autor ainda afirma que:

Após a descoberta, os fisiculturistas amadores e profissionais da Costa Oeste americana, no início da década de 1950, passaram a utilizar testosterona para aumentar massa muscular e força. Este uso espalhou-se na década de 1960 entre os atletas profissionais e amadores de outros esportes, já sendo comum, na época, sua utilização entre alunos de colégios secundários e universidades americanas. Nos esportes olímpicos, no mesmo período, tais substâncias passaram a fazer sucesso entre atletas do Leste Europeu comunista e China, certamente os auxiliando nas conquistas de muitas medalhas (SABINO, 2002, p. 148).

⁵ Selfs são definidas pelas participações indissociavelmente ligada à maneira como as subjetividades individuais são mobilizadas em situação. Goffman nota, que há uma interação entre as pessoas e os papéis que assumem na interação, mas essa relação “responde” ao sistema interativo ou quadro, em que o papel é desempenhado. A subjetividade ou Self é por ele definida como uma “fórmula modificável para a gestão de si próprio” durante a ocorrência de acontecimentos ou episódios (GOFFMAN, 1986, p.573)

⁶ Esteroides anabolizantes androgênicos (EAA) são um grupo de compostos naturais e sintéticos formados a partir da testosterona ou uma de seus derivados, cuja indicação terapêutica clássica está associada a situações de hipogonadismo e quadros de deficiência do metabolismo protéico. O primeiro relato da utilização dos EAA com objetivo de melhorar o desempenho atlético ocorreu em 1954, na Áustria, e, desde então, esta prática tornou-se amplamente difundida. Obviamente, o uso de EAA está fora dos limites competitivos e foi declarado ilegal pelos setores governamentais desportivos nacionais e internacionais, realizadas em 2000 (LISE *et al.*, 1999, p. 364)

Segundo Iriart (2009, p.778), os fisiculturistas passam a usar Esteroides Anabolizantes Andrógenos (EAA) para hipertrofiar a massa muscular corpórea, aumentar a força muscular e obter significativa redução de tecido adiposo, com discurso da saúde, enaltecendo as consequências positivas para a saúde advindas da musculação, com fins estritamente estéticos e a longevidade, permanecendo jovem. Portanto, ao pesquisar sobre “Sobrevivendo ao estigma da hipertrofia: notas etnográficas sobre o fisiculturismo feminino do Rio de Janeiro”. Levo, ao leitor a refletir sobre o **objeto de estudo** o estigma da hipertrofia das mulheres fisiculturistas, um confronto que permanece entre as relações de poder hierárquica da dominação masculina referente ao novo modelo de corpo hipertrofiado das mulheres dentro da prática corporal.

Sendo assim, o **questionamento central** deste estudo é: os corpos das mulheres fisiculturistas são estigmatizados frente aos sentidos atribuídos à feminilidade dentro e fora das academias? O questionamento surgiu ao modelar o corpo com grande volume muscular. Numa experiência vivida com desaprovações e inquietudes por parte da plateia à minha volta, suas críticas e aconselhamentos, sobre minha *performance*. Sendo, muito criticada pelos familiares e amigos fora do mundo fitness, desapontados com a minha potencialização muscular. Vivenciei como é ser: excluída, estigmatizada e rotulada no julgamento do senso comum. Segundo Goffman (2004), desvio/ estigma tem efeito de subjugar o outro de forma impregnada de negatividade na vida cotidiana, com falsos conceitos.

Portanto, para responder a todas as questões da pesquisa, contemplo a teoria-conceitual de Erving Goffman uma perspectiva sociológica a partir do qual foi possível estudar a vida social organizada dentro da academia de musculação e nos campeonatos, observando as interações simbólicas das relações privilegiadas no conceito da representação eu na vida cotidiana e os estigmas sofridos pelos indivíduos que não preenchem os padrões hegemônicos impostos pelos determinantes sociais das normas. E a teoria de L. Wacquant sobre a construção socioantropológica do objeto de estudo a partir do próprio corpo efetivando a ruptura com a desconstrução da tradicional dicotomia indivíduo e sociedade.

Portanto, ao **justificar** a pesquisa, destaco a importância das realizações de projetos e publicações, suscitando novos saberes referentes à linha de pesquisa psicossociocultural do exercício físico voltado ao corpo feminino. Este, forte, vigoroso, potente dentro e fora do esporte, mas ainda exposto ao trato de comportamento desviante, frente às regras impostas pela hegemonia masculina heterogênea.

A pesquisa contribui para a Educação Física que cada vez mais se interessa pelos

estudos nas questões de gêneros no contexto atual. No sentido de romper com a história da valorização da masculinidade de forma dominante dentro das práticas corporais. Não só em relação às mulheres, mas também aos homens que são estigmatizados e reprimidos por não fazerem parte da imagem cristalizada condizente ao mundo esportivo, como: brutal e desumano. Qualquer menção ao seu inverso é considerada, um desvio (SABO, 2002).

Assim, compreender a estrutura histórica das relações de gêneros pode contribuir para desconstruir a persistência da segregação das mulheres fisiculturistas dentro das práticas corporais com a não aceitação das diferenças da esfera normatizada. Sendo, ao longo dos anos construídas estratégias de controle na vigilância sobre os corpos e o comportamento das mulheres e homens, formados por um discurso excludente pelas diferenças de gêneros.

Assim, julgo importante o amadurecimento do conhecimento com reflexões em nossas práticas, articulando estudos na produção com debates, palestras, publicações seminários acadêmicos, em espaços de intervenções corporais junto aos profissionais de Educação Física, agregando as Ciências Humanas e Sociais e as Ciências Biológicas, possibilitando interesse em legitimar os discursos pelos direitos dos sujeitos na igualdade de gêneros e sexualidades. Pois, os interesses institucionais vinculados com a mídia até o poder legislativo (CARRARA *et al.*, 2018) insistem com a exclusão e a disseminação de supostas “ideologias de gênero” como forma de humilhação e controle corporal feminizado e masculinizado. Controle hegemônico patriarcal, mercadológico nas diferenças de gêneros dentro das práticas corporais.

Portanto, o **objetivo geral** é compreender o estigma da hipertrofia relacionado às questões de gênero na fisicultura dentro e fora das academias de musculação. Questão vinculada ao aspecto teórico-metodológico das Ciências Sociais e Humanas, entre as quais se destacam a lógica do conhecimento para interpretação da luta do gênero feminino nas práticas corporais na contemporaneidade.

Questão que Margareth Mead (2014, p.294) propunha uma reflexão, sobre a ordem social estabelecida pela tradição da dominação masculina, gerando mulheres com suas vidas reguladas pelos padrões de suas professoras e de suas mães agressivas e orientadoras. Criadas ao longo da história para a manutenção de um comportamento domesticado, frágil e docilizado.

Dialogando com Bourdieu (2014, p.50) que reafirma o mascaramento dos direitos sociais e suas imunidades, seus privilégios e suas injustiças, foram intoleráveis e que

perpetuaram facilmente pelos padrões hegemônicos, permanecendo naturais nas imposições masculinas na hierarquia das relações de força de apropriação como meios de reprodução. Associados ao monopólio da concentração do capital cultural e capital econômico um *habitus* incorporado.

Portanto, a não aceitação do novo modelo corporal feminino, evidencia uma verdadeira batalha política, que segundo Bordo (1997a, 2000) engendra uma luta de ganhar ou perder. Principalmente com a cultura comercial que invade o mercado pela exposição do corpo feminino magérrimos em posturas “passivas” (JAEGER, 2009), o que não acontece com as mulheres fisiculturistas mais radicais da modalidade, que são vistas como mulheres sem atrativo sexual, “indesejáveis”, “transexuais”, “bombadas” e até mesmo travestis com forte construção às questões de gênero, adequando-se, portanto, ao referencial teórico-conceitual de Goffman (2004), em relação às marcas, tanto aos aspectos morais como físicos. Ou seja,

[...] mulheres musculosas, são feias, são bombadas demais, são masculinizadas, perdem o perfil feminino. Não acho bonitas, são desproporcionais [...]. (C, 25 anos, fisiculturista, Professora de Educação Física).

Os **objetivos específicos**: 1). Identificar os sentidos atribuídos à saúde das mulheres fisiculturistas com o consumo de esteroides anabolizantes andrógenos e suplementações; 2). Discutir os sentidos atribuídos à feminina das mulheres fisiculturistas.

O primeiro objetivo está vinculado ao discurso das práticas corporais como forma de saúde, bem-estar, força física, baixo adiposidade e longevidade. Como forma positiva no consumo dos esteroides anabolizantes (EA). O corpo almejado por muitos na valorização de identidade estabelecida pela “norma”. Norteadas por ações que associam e identificam o indivíduo nas relações do eu na vida do cotidiano (GOFFMAN, 2004).

Uma relação paradoxal como afirma, Sibila (2002, p.13) que a era do “pós-orgânico” e da “pós- humanidade” celebra a condição do corpo-máquina. Um paradoxo na sociedade contemporânea, que busca a valorização do corpo como um local de felicidade, uma identidade social e o direcionamento, para uma obsoleta lógica de mercadoria (LE BRETON, 2003).

No segundo objetivo específico, discuti os sentidos atribuídos à feminina dentro e fora da fisicultura. Traz o contexto vinculado a imagem feminina dentro do comportamento social idealizado no discurso da dominação masculina que categoriza a “mulher”, como sexo, sexualidade e gênero. Com controle de comportamento como deve ser uma mulher

feminina.

Bordo (1997a, 2000), afirma que o corpo feminino é padronizado em termos de tamanho (altura, corpulência, etc.), forma (curvas, firmeza ou ausência de musculatura, etc.), postura e movimento. Essa feminilidade pode ser entendida como uma estética da limitação, tanto no que se refere ao comportamento quanto à corporeidade feminina.

“A feminilidade é produzida através da aceitação de restrições, da limitação da visão, da escolha de uma rota indireta”; é “uma estética forte que se constrói em cima do reconhecimento da falta do poder.” (BORDO, 1997a, 2000, p.06).

Com a espetacularização do corpo crescente no cenário norte-americano, potencializando o mundo do fisiculturismo no mercado. Logo, Marcuse (1979), vincula esta potencialização como homem-máquina produzido com a finalidade de construir corpos fortes e saudáveis para o modelo capitalista norte-americano. Assim, o mercado consumidor norte-americano se expande tornando-se um campo fértil para um jovem visionário no mundo da construção do corpo musculoso.

O cenário capitalista favorece ao jovem Joe Weider e seu irmão Bem (1936), de pais emigrantes poloneses judeus, crescidos em Montreal (Canadá). O mercado influencia profundamente a sociedade americana com a cultura física no século XX (O'CONNELL, 2019). Tornando-se empresários visionários, aos 17 anos, criando a primeira edição da revista *Your Physique*, mas tarde passa a se chamar *Muscle Build Magazine* e em 1981 fica conhecida *Muscle & Fitness*.

Famoso e rico, Joe Weider mostra o seu corpo construído com musculoso, perpetuando a prática, como o precursor do Fisiculturismo nos Estados Unidos. Logo, a empresa Weider, invade o mercado com equipamentos de ginástica, suplementos dietéticos, criando a Federação Global de Culturismo (FGC) e com o império editorial em revistas especializadas: *Muscle & Fitness*, *M & F Hers*, *Flex*, *Shape* e *Men's Fitness* e muitas outras levando a 170 países a mensagem de saúde e condicionamento físico (O'CONNELL, 2019).

Courtine (1995) identifica e destaca Joe Weider como mentor do Arnold Schwarzenegger e fisiculturista fundador do concurso mais cobiçado do mundo, o Mister Olympia, além de fundador da Federação Internacional de Fisiculturismo, incluindo o Brasil. Goldenberg e Ramos (2002), afirmam que a ideologia do Fisiculturismo, fundamentada na concepção de beleza e forma física saudável, conquista adeptos em todos os lugares do mundo.

Assim, a partir de meados do século XX, o uso massivo de imagens de corpos

“sarados” ganhou um número maior de adeptos pelos meios de comunicação: cinemas, almanaques, anúncios publicitários, mostrando novos padrões de modelo corporais principalmente os femininos, influenciados pelos contextos sociais do alto consumo norteado pelo modelo capitalista norte-americano (MAUSS, 2003).

No Brasil, segundo Castellani Filho (1994), a primeira Revista de Educação Physica editada na década de 1930, vinculava as práticas corporais, reforçava a ideia que as mulheres precisavam cuidar dos seus corpos apoiadas principalmente por médicos higienistas, obedecendo as regras do cuidado com a beleza e o preparo para ser mãe (GOELLNER, 2003). Os homens, no entanto, buscavam destreza física, reforçado pelo pensamento dominante acerca do papel da mulher na sociedade brasileira.

O pensamento, direcionado às mulheres nas práticas corporais da década de 1930 no Brasil, segundo a historiadora Maria Ângela D’Incao (1997), era um forte controle sobre o corpo e a sexualidade feminina, advinda da época colonial, gradualmente cedendo lugar a sensibilidade e uma ideologia da família caracterizada pela cultura burguesa (D’INCAO, 1997).

Assim, no final do século XIX, de acordo com a historiadora, as novas formas de controle social encontravam-se internalizadas pelas próprias mulheres, especialmente as de classe média e da classe alta (elite), que se limitavam aos afazeres domésticos, mãe e esposas. Promovendo com maior afinco o controle social que se propagou no século XX. Nas práticas corporais, portanto, as mulheres passaram a exercitar ginásticas leves que permitiam considerar os benefícios para a saúde das futuras mães e esposas. Portanto, os exercícios eram voltados para o fortalecimento da musculatura da cintura pélvica para baixo, uma ideia que obedecia ao Decreto-Lei 3.199, Art. 54 da época, ligada a importância de gerar filhos saudáveis para nação. Como exemplos, citados na “*Revista de Educação Physica Feminina*”, de Orlando Rangel Sobrinho, publicado no Rio de Janeiro em 1930 e na “*Revista da Cultura Physica Feminina*”, da professora Lotte Kretzchmar, publicado na mesma cidade em 1932 (GOELLNER, 2008).

Nessa época, o escritor Orlando Rangel Sobrinho (1932), afirmava que enquanto o Brasil não possuísse um método próprio de Educação Física, o método ginástico francês seria aquele que melhor se adaptava ao povo brasileiro, e defendia,

[...] até a idade de 7 ou 8 anos, os exercícios físicos são os mesmos para ambos os sexos. Dos 9 aos 10 surgem diferenças, cada vez mais acentuadas. Os exercícios de força devem ser abolidos, pois o fim principal da mulher é procriar e

não lutar. Os exercícios que contribuem para o desenvolvimento normal da bacia são particularmente indicados. Não se devem aplicar a mulher os exercícios que concentram o trabalho na região superior do corpo é preciso nunca esquecer a correção das formas femininas. Choques e abalos fortes devem ser evitados. Todo o exercício utilitário deve ser sempre associado a beleza. A harmonia é encontrada nos exercícios sintéticos, onde todas as partes do corpo concorrem para um determinado efeito. Durante a puberdade, ao contrário do rapaz, a moça torna-se mais calma e reservada; nessa ocasião a educação física deve ser essencialmente higiênica. As funções fisiológicas especiais da puberdade são incompatíveis com o esforço muscular intenso. (SOBRINHO, 1932, p. 87).

Em concordância, com análise acima, as práticas corporais eram estabelecidas com restrições de 1941 a 1975 que vigorava no Decreto-Lei 3,199, Art. 54, onde estabelecia as bases organizacionais dos esportes no Brasil, incluindo, portanto, que: “Às mulheres, não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições da sua natureza” (Art., 54). Estabelecendo a força normatizada dos conceitos da feminilidade. Assim sendo, as práticas permitidas eram as atividades manuais, jogos e esportes considerados menos “agressivos” para construir uma mulher compulsoriamente mãe, pessoa de comportamento delicado, restrito e sereno (MARINHO, 1984).

Segundo Brannom (1999), a agressividade está relacionada ao estereótipo de gênero. Os traços da personalidade caracterizados culturalmente como masculino são: agressividade, força, autoconfiança, negligência, irracionalidade. Os traços culturalmente caracterizados femininos são: emoções, sensibilidade, carinho, companheirismo etc., portanto, atividades praticadas por mulheres que não condizem à feminilidade, geram julgamentos estereotipados e equivocados como mulheres-machos (gênero) ou lésbicas (orientação sexual), o mesmo acontece com homens que praticam atividades femininas como a dança que está socialmente relacionado ao feminino (BRANNOM, 1999).

Portanto, para não perderem seus traços femininos, Castellani Filho (1994), afirma que em 1941 mulheres eram impedidas de praticarem de forma oficial algumas modalidades esportivas. Segundo o autor, só em 1965, foram deliberadas pelo Conselho Nacional de Desporto (CND) as lutas, rúgbi, futebol, basebol, polo aquático e halterofilismo.

Desde modo, podemos perceber o processo da construção histórica em relação ao gênero feminino. As práticas corporais eram indicadas só para reforçarem caracteres estéticos, “feminis” e de eugeniação (SAVINI, 2012). Segundo Bourdieu (1983, 2012) esse pensamento era por conta do desconhecimento e mascaramento em que foram fundamentadas as relações sociais de pelas desigualdades entre os sexos, ou seja

“[...] submetem-se às normas que definem o que deve ser o corpo, não só na sua configuração perceptível, mas também na sua atitude, na sua apresentação, etc.” (BOURDIEU, 1983, p.201).

Atendendo um pensamento conservador como um pano de fundo, usado pelos ideais hegemônicos de dominação masculina a partir da arquitetônica construção da divisão binárias das características relacionadas ao gênero e ao sexo. De um lado, o uso social do corpo, na padronização entre o sexo e, do outro lado, a padronização das condutas e a utilização de objetos-signos a fim de retratar o que é aceito e desejável (SALVINI, 2012).

Desse modo, foi construído o processo histórico-social, que ao longo dos anos vem sendo uma estratégia de controle, imputada à imagem feminina, vigilância sobre seu comportamento em diferentes espaços e tempos na vida cotidiana, pois, para cada sociedade específica, existe uma forma cultural imersa em um discurso de controle social (MAUSS, 2003; MEAD, 1999).

Na fortificação dessa luta histórica, Jaeger e Goellner (2011) afirmam que as práticas corporais têm se mostrado, ao longo dos anos, um espaço no qual pode identificar a expressão de diferentes feminilidades, cujos, corpos e subjetividades se expressam culturalmente na busca do reconhecimento e aceitação.

Para entendermos, um pouco dessa luta de reconhecimento e aceitação, voltamos à década de 1970, quando a espetacularização do culto ao corpo dá início às primeiras aparições das mulheres fisiculturistas, mostrando publicamente seus corpos elaborados, hipertrofiados, tonificados e volumosos em competições de Fisiculturismo nos Estados Unidos, as mulheres já exibiam seus músculos nos trajes de biquíni. Só em 1978, as atletas começaram a ser julgadas pela definição muscular e pelo volume da hipertrofia igual aos homens, em competição de campeonato Woman's National Physique Championship em Ohio (JAGGER, 2009). O reconhecimento, com premiação só veio mais tarde com surgimento de patrocinadores, a mídia passa a explorar as imagens das mulheres (GOFFMAN, 1987) nas revistas e jornais, expondo os corpos femininos torneados e malhados, em filmes e em capas de revistas “Playboy”, ganhando a visibilidade e ampliando as divulgações dos campeonatos.

Com a ampla divulgação do fisiculturismo, o esporte ganha olhares mundiais e as mulheres brasileiras, passam a sonhar com a possibilidade de fazer parte desse rol de conquistas. Em 1984, no Brasil, o sonho torna-se realidade com o primeiro campeonato de Fisiculturismo, realizado pelo Professor Jair J. Frederico (Imagem II: doctor Body), no Rio de

Janeiro. Nessa época não existiam categorias ⁷ para as mulheres.

A partir, dos primeiros eventos de Fisiculturismo Feminino, a atleta Marlene Faria, mostra aos brasileiros e especialmente aos cariocas, seu grande desafio, a imagem do corpo feminino, considerada “sexo frágil” modelado na construção, de um corpo musculoso e forte, superando as barreiras sociais e culturais (JAEGER, 2009, MEAD, 2014). Porém, com a ousadia e as brechas lançadas no território, que até então, eram solidificados com o potencial muscular masculino, as mulheres se lançaram potencializando seus músculos, mostrando que o corpo feminino também poderia ser moldado. Desconstruindo as barreiras dos discursos de fragilidade, delicadeza e beleza, nos espaços esportivos, marcando suas posições, reafirmando um novo modelo corporal (JAEGER, 2009).

Figura 1 - Marlene Pinheiro Faria



(Disponível em <https://doctorbody.wordpress.com>, acesso em 06/06 2018 às 23h30min.)

⁷ “Bodybuilders Feminina” (Disponível em <https://doctorbody.wordpress.com.br>)

Sendo consagrada, a primeira mulher fisiculturista do Brasil, Marlene Pinheiro Faria e Vice-Campeã em 1985 a 1986 no Campeonato Carioca. (NETO, 1984). Com divulgações, feitas em recortes disponíveis na internet pela revista Fatos e Fotos, anunciada na matéria intitulada “A força das mulheres”, pelo editor da revista, Arcírio Gouvêa Neto (1984), evidenciando a crescente tendência entre as cariocas no concurso Miss Músculo. (NETO, 1984).

Figura 2 - Jair J. Frederico



(Disponível em <https://doctorbody.wordpress.com>, acesso em 06/06/2018 às 23h30min).

A espetacularidades dos corpos, na década de 1970, dentro e fora do culturismo, passa a ter inquietações sociais com protestos pela não potencialização muscular dos corpos femininos. Sendo assombradas pelo discurso do perigo da masculinização, (JAEGER, 2009).

Desse modo, observa-se que o fisiculturismo, é um possível campo para a construção de novas noções de feminilidade, provocado pela transgressão de regras na construção

destinada ao gênero. Logo, na conquista da modalidade de fisiculturismo, as mulheres estariam contrariando as normas do gênero feminino, colocando em “riscos a sexualidade e a feminilidade posta em dúvida”. Discurso usado pelos espectadores, que faziam duras críticas sobre a feminilidade e a sexualidade das mulheres (JAEGER, 2009, p.956). Mesmo, com as fortes críticas sociais, as discussões se mantinham firmes. Em 1998, em uma entrevista com a atleta Kim Chizeysky, Ms. Olympia, na época, declara que as pessoas precisavam começar a mudar suas visões sobre a mulher fisiculturista, visto que as atletas eram musculosas, mas também mulheres bonitas e femininas (BOLIN, 2001).

Figura 3 - Kim Chizeysky (1968)



(Disponível em <https://www.google.com>. Fisiculturismo feminino. Acesso em 06/01/2019, às 20h15min.)

Figura 4 - Reneé Toney (Brasileira, 2005)



(Disponível em <https://www.google.com>. Fisiculturismo feminino. Acesso em 06/01/2019, às 20h15min.).

Acirrando, mais, ainda os embates dentro do fisiculturismo feminino que perdura até o final de 1998. Logo, a Internacional Federation of Bodybuilders (IFBB), uma das principais

instituições do fisiculturismo foi mundialmente estabelecida.

É declarada a preocupação com a estética e a saúde das mulheres Fisiculturismo exigindo a redução do volume muscular. Esse discurso, apoiado pelas críticas sociais, estabeleceram mudanças rápidas, pois, com o aumento da potencialidade muscular feminina, as instituições⁸ (de investimentos contemporâneos na aparência) começaram a perder rendimentos e não viam com bons olhos a mudança da padronização do corpo feminino.

Corroborando, com as fortes críticas sociais, a *International Federation of Fisiculturismo* (IFBB), impôs o controle pelas novas regras na categoria feminina para não desestabilizar o terreno político criado e mantido sob o domínio masculino. (JAEGER, 2011). Portanto, a imagem “ideal de ser mulher”, iria continuar justificando a separação dos gêneros dentro da anatomia do corpo e do sexo (JAEGER, 2011).

No Brasil, a Confederação Brasileira de Musculação, Fisiculturismo e Fitness (IFBB) já potencializava as novas regras dentro do Fisiculturismo Feminino, com redução do volume muscular pela hegemonia patriarcal culturalmente estabelecida na sociedade brasileira. A “imagem de mulher”, nas competições vistas com adereços, cabelos pintados e maquiagens acentuavam os traços femininos normatizados nos discursos das “aparências dos corpos”. Tornando as competições em ambientes espetaculares, para favorecer a troca de corpo mercadológico (ORTEGA, 2008).

Em 2012, a *National Physique Committee* (NPC), anuncia em um seminário, no Estado do Colorado (EUA), que a categoria Fisiculturismo Feminino seria excluída das competições, criando uma nova categoria *Woman’s Physique*, uma categoria com mulheres com menos hipertrofia muscular, para manter a feminilidade confirmando o gênero feminino.

Em 2014, a última apresentação da categoria Fisiculturismo Feminino, gerou muitas mudanças e discussões dentro do esporte, causando descontentamentos em muitas atletas, que não conseguiram diminuir o volume muscular, para fazer parte da nova categoria *Woman’s Physique*, estabelecida pela Federação que preconizava graça, beleza e feminilidade, salientando o modelo sexista de reprodução adequado ao gênero (MEAD, 1969).

⁸ A espetacularização e a disseminação do culto ao músculo atravessam diferentes classes sociais, idades, raças, sexos e culturas, diante dos investimentos contemporâneos na aparência do culto ao músculo na exposição de contornos com exibição de diferentes artificios, tais como roupas justas, maquiagem, depilação e uso colorantes corporais e adereços. Desestabilizavam a feminilidade normatizada inscrita numa representação singular de gênero (JAEGER e GOELLNER, 2011, p.956).

Welles (2006) questiona os critérios de julgamento das modalidades de fisiculturismo feminino, enquanto os homens são avaliados por critérios objetivos como musculatura, vascularidade e definição muscular, as mulheres são julgadas por critérios subjetivos como beleza, graça e feminilidade.

O quadro abaixo apresenta o novo modelo de corpo aceito pela Federação Internacional de Bodybuilding.

CATEGORIA WOMAN'S PHYSIQUE

Figura 5 - Juliana Malacarne



(Disponível em <http://www.ifbbms.com.br/wp-content/uploads/Womens-Physique>, acesso 06/06/2018 às 20h30min).

Imagens (VI e VII) representam as mulheres da antiga categoria Bodybuilding Feminina, excluída em 2012, que possuía uma musculatura extremamente exigente, marcada por mulheres realmente fortes e definidas. Contava com poucas competidoras ao redor do mundo.

CATEGORIA BODYBUILDING FEMININA

Figura 6 - Anne Luise Freitas



(Disponível em <http://www.ifbbms.com.br/wp-content/uploads/Womens-Physique>, acesso 06/06/2018 às 20h30min).

Figura 7 - Larisse Cunha



(Disponível em <http://www.ifbbms.com.br/wp-content/uploads/Womens-Physique>, acesso 06/06/2018 às 20h30min)

Lenda do fisiculturismo: Iris Floyd Kyle é de uma categoria internacional a Pro Bodybuilding Feminina. É uma profissional Internacional que ocupa o primeiro lugar do ranque mundial entre as dez melhores do mundo. Pertencente ao rol das fisiculturistas profissionais mais bem-sucedidas de todos os tempos.

Figura 8 - IRIS KYLE A LENDA PRO BODYBUILDING



(Disponível em <https://top10mais.org.bodybuildingfeminina>, acesso em 20/11/2018, às 12h 07min.)

Figura 9 - Dana Linn Bailey (EUA)



(Disponível em <https://www.fisiculturismocarioca.com.br>, acesso em 06/06/2018, às 20h15min.)

O fisiculturismo é definido por uma modalidade competitiva da musculação, cujo propósito é obter o máximo de volume muscular possível, com simetria e harmonia entre os grupamentos musculares. Esses elementos determinam o padrão estético da competição. A vertente feminina é constituída por categorias dentro da modalidade e são produzidas por diferentes níveis de potencialidade muscular.

Segundo Sabino e Luz (2007), o fisiculturismo é uma prática de aprimoramento da forma física individual, que tem como objetivo a realização de uma estética e de uma ética em estado prático que remete a uma visão de mundo radicada na virilidade e na honra, no vigor e na força do corpo e da imagem, na determinação e abnegação, e em uma concepção específica de saúde e gênero. Essas concepções são representadas pelas imagens abaixo, com variadas categorias que representam o corpo feminino como deve “ser” e “fazer” na contemporaneidade. Um corpo valorizado e aceito pela norma presente ao modelo ideal da padronização hegemônica do corpo feminino, belo, perfeito e saudável.

QUADRO DE CATEGORIAS DA MODALIDADE FISICULTURISTAS BRASILEIRAS DO IFBB BRASIL

Figura 1 – Larissa Costa



(Disponível em <https://www.fisiculturismocarioca.com.br>, acesso em 06/06/2018 às 20h15min.)

1) Bikini: A primeira e mais leve categoria do fisiculturismo entre as mulheres. O corpo sarado é acompanhado de uma leve definição dos músculos. Nas competições, todas são muito simpáticas, usam biquínis e óleo para realçar suas formas físicas, e também podem usar o rosto maquiado.

Figura 2 – Janaína Matos



(Disponível em <https://www.fisiculturismocarioca.com.br>, acesso em 06/06/2018 às 20h15min.)

2) Fitness Coreográfico: A atleta deve apresentar um físico bem desenvolvido, sem exageros no desenvolvimento do volume muscular e definição muscular sem grandes marcações. A beleza é priorizada com forma saudável, com bons tônus musculares e baixa adiposidade. Apresentação de coreografia com movimentos que demonstrem força, resistência, flexibilidade e ritmo com a música utilizada (lembrando a ginástica artística de solo).

Figura 3 – Nina Mark



(Disponível em <https://www.fisiculturismocarioca.com.br>, acesso em 06/06/2018 às 20h15min.)

3) Wellness Fitness: Categoria composta por mulheres que preferem desenvolver um físico menos musculoso, pouco atlético e esteticamente agradável, com uma relação de tronco e membro inferior levemente desproporcional.

Figura 4 - Giusy Dezio



(Disponível em <https://www.fisiculturismocarioca.com.br>, acesso em 06/06/2018 às 20h15min.)

4) Body Fitness: É avaliada a aparência atlética geral do físico, tendo em conta a figura, os tônus muscular desenvolvido simetricamente, forma feminina e uma baixa quantidade de gordura corporal, assim como o cabelo, a beleza facial e o estilo individual de apresentação que fazem toda a diferença, incluindo confiança pessoal, equilíbrio e graça com estilo de vida saudável.

Figura 5 - Dana Linn



(Disponível em <https://www.fisiculturismocarioca.com.br>, acesso em 06/06/2018 às 20h15min.)

5) Woman's Physique: Categoria composta por mulheres muito fortes, mas que devem manter sua feminilidade. O corpo deve estar proporcional entre os membros inferiores e superiores.

A apresentação da dissertação

A partir da apresentação exposta e a fim de fornecer subsídios às discussões acerca do objeto de estudo, busquei contribuir de forma organizacional a leitura desta pesquisa que, divide-se em quadro capítulos:

O segundo capítulo, com apresentação teórico-conceitual do autor Erving Goffman que defendia a imersão da realidade social a fim de elaborar suas próprias análises. Recuperando para a Sociologia, a relevância das propriedades das relações dos grupos humanos produzindo a si mesmo por meio da ação. A linguagem verbal e não verbal é parte fundamental dessa relação, é parte importante das ações socializadoras no reconhecimento dos universos sociais. Objetivando três categorias: Objetos físicos, objetos sociais e objetos abstratos. Esses objetos pressupõem práticas sociais significativas, pela troca simbólica, trazendo sentidos e valores ao grupo. Portanto, o conceito de “Estigma” para a compreensão da temática, assim, como: “A representação da vida cotidiana” que alavanca o referido projeto, mostra o sentido e os esforços dos indivíduos na manutenção da dignidade projetada sobre si.

O terceiro capítulo, foi dividido em cinco subseções, apresentando: 3.1. Gênero X Sexo; 3.2. O culto ao corpo feminino; 3.3. O corpo nunca envelhece; 3.4. A ilusão narcisista; 3.5. A luta da mulher no campo do Fisiculturismo; 3.6. A saúde, autoimagem na hipertrofia; 3.7. Educação Física corpo saudável.

Considerações Finais: os resultados indicam que as fisiculturistas tendem a ser estigmatizadas por transgredirem as regras de feminilidade na sociedade. E que a tribo representa a vida afetiva dessas mulheres com relacionamentos restritos pela construção socioantropológica do corpo que passa por processo de bioasceses e bioidentidade nas práticas corporais da contemporaneidade. Assim, acreditamos que com novos conhecimentos ajudaremos a romper as questões de gênero e sexualidade, e que no futuro trabalharemos juntos sem diferenças raciais, etnias, gênero, classe, pois somos seres racionais que ainda não evoluímos o suficiente para chegarmos perto da nossa capacidade de aceitação de nossas diferentes. Acreditamos que só com conhecimento a igualdade chegará a todas mulheres e homens que apenas querem viver sua subjetividade.

1 O ESTIGMA DA HIPERTROFIA

Esse capítulo tem como objetivo realizar uma revisão bibliográfica pautada na obra de Erving Goffman (1922 a 1982). Sociólogo, filho de judeus ucranianos que haviam emigrado para o Canadá. Goffman estudou na Universidade de Toronto e concluiu respectivamente o mestrado em 1949 e o doutorado em 1953 na Universidade de Chicago de Sociologia ligada à sociologia norte-americana, como traço distintivo na metodológica de pesquisa empírica. Goffman avança academicamente nas áreas da Sociologia e Antropologia. Considerado como pai da microssociologia, sua obra permanece influenciando e contribuindo para os estudos nas áreas da Sociologia, Antropologia, Psicologia Social, Psicanálise, Comunicação Social, Linguística, Literatura, Educação, Ciências da Saúde e outras.

Os estudos analisados em suas observações etnográficas desvendam a lógica normativa das interações face a face, em diversos grupos ou redes sociais.

Suas obras: “*A representação do Eu na vida cotidiana*” (1959, 1996), “*Manicômios, Prisões e Conventos*” (1961), “*Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*” (1963, 2004), “*Interaction Ritual*” (1967), “*Análises de quadrados*” (1974), “*Formas de falar*” (1981) e “*Anúncio do Gênero*” (1987).

As obras são compostas pela etnografia vivida no campo social e aponta as várias formas em que a sociedade critica a realidade, construída pelas novas imagens subjetivas. É, portanto, uma grande contribuição à pesquisa, que mostra como os interesses manipulam, controlam e deterioram os indivíduos, seja por classe social, pelo estereótipo, por estigma, pelas características físicas ou morais.

Portanto, “*A Representação do Eu na vida cotidiana*” (1996), Goffman formula seu pensamento teórico metodológico a partir da pesquisa em relação ao comportamento humano nos espaços cotidianos. Uma metáfora teatral que Goffman analisa em ser em qualquer estabelecimento social limitado por barreiras à percepção (p. 9). No qual se realiza regularmente uma forma particular de atividade. Goffman descreve que é possível estudar com detalhes a vida social, principalmente aquela que é organizada dentro dos limites físicos, um prédio, uma fábrica.

Uma perspectiva sociológica nas regulações e os envolvimento que orientam os comportamentos e as formas que os indivíduos empregam em uma representação teatral (p.9) onde tentam convencer sobre seu ponto de vista uma impressão que o indivíduo deseja que os

outros tenham dele. No primeiro momento das interações entre os indivíduos inicia-se um processo baseado em experiências passadas que irão determinar suas expressões emitidas que envolvem uma série de ações consideradas sintomáticas (comunicação no sentido amplo) e as transmitidas ligadas aos símbolos verbais (comunicação no sentido tradicional e estrito) essas expressões comprovaram positivamente ou negativamente sua apresentação (p.11).

Ao analisar os personagens individuais, Goffman, utiliza de metáfora teatral e presume que na vida real, às vezes manifestamos simulações bem ensaiadas de acordo com o cenário onde se encontra, seja na política, no setor público, nas instituições. Assim, os indivíduos vão atuar de acordo com o cenário (p.11).

A outra obra que conceitua o objeto da presente pesquisa é discutida em “*Estigma: Notas Sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*” (1891-2004), que alavancou o estudo, no sentido de mostrar como o estigma exclui os indivíduos e tem por efeito subjugar, de forma de negativa, a vida do outro. Reflete, inconscientemente, os valores culturais enraizados dos contextos históricos sociais, independente da cultura, da etnia, da classe social, ou da moral inculcada nos aprendizados educacionais de forma hegemônica para excluir aqueles que são diferentes, ou aqueles que são impossibilitados de fazer parte do grupo social dos considerados “normais”. Esse movimento implicará na segurança da normalidade, reafirmando hegemonicamente as diferenças, afastando os indivíduos do círculo social, estigmatizando-os, e estabelecendo condutas de como o indivíduo tem de ‘ser’ para ser inserido no contexto social contemporâneo das relações globalizadas estabelecidas.

1.1 O Estigma na contemporaneidade.

O referencial-teórico de Goffman (2004) propiciou o entendimento do objeto da pesquisa, ou seja, sobre o estigma da hipertrofia muscular da mulher. Um estigma solidificado na cultura do pensamento patriarcado que historicamente conservou e perpassou pelo *habitus* incorporado sobre o comportamento social para cada um dos gêneros. Mulheres femininas e sexualidade com privações e homens másculos heteronormativo públicos.

Compreendendo, portanto, o porquê da não aceitação da hipermusculatura das mulheres fisiculturistas vistas como transgressoras da normatividade, dos padrões hegemônicos apontadas nas questões de gênero/sexo, da construção binária do ser humano, reafirmando o estigma através das diferenças. Sendo, julgadas e apontadas pelo comportamento

masculinizados na modalidade de fisiculturismo por consumirem produtos farmacológicos, como os esteroides anabolizantes andrógenos (EAA) e suplementações alimentares.

Esse julgamento ressalta a imposição dos padrões imprimidos pela sociedade na construção do corpo feminino. Um corpo que, na contemporaneidade, passa a ter valorização com certos atributos em detrimento aos outros, variando de acordo com o contexto histórico e cultural, repetindo atos e comportamentos para serem aceitos na sociedade. Portanto, o corpo com hipertrofia exacerbada contradiz o processo representado pela imagem ideal do corpo malhado. Desnaturalizando a imagem imposta pela dominação masculina, através do contexto histórico social representado pela mídia, nas revistas, e pelas tendências da globalização, que influenciam as percepções dos indivíduos como massa de manobra, para a não aceitação de novos modelos corporais femininos.

De acordo com Goffman (2004), o estigma tem relação com a formação das identidades individuais que refletem sobre a natureza de determinados grupos excluídos, como desviantes, vinculados às situações estigmatizantes.

Portanto, o presente estudo propõe que se reflita sobre o estigma a partir de uma perspectiva das interações sociais como forma de classificar o indivíduo normal⁹ e o indivíduo estigmatizado como Goffman (2004) aponta, sendo proveniente de certo número de atributos que cada sociedade elege para fragmentar os indivíduos. Associando particularmente um ideal de comportamento intelectual, afetivo, moral e físico pela incorporação cultural socializado frente à globalização.

As fisiculturistas, por conseguinte, são motivadas por um conjunto orgânico (de complexidade emocional, moral, política e sociocultural) apresentando determinadas atuações comportamentais, que estarão presentes (independente da formação específica que obtiveram), assumindo de forma atuante na reconstrução de determinadas atitudes como quebra de barreiras de padrões de comportamentos, dando sentido à sua subjetividade.

Apesar de ser uma obra do contexto social de 1963, o estigma se faz presente na contemporaneidade. Mesmo que os padrões sociais se diferenciem com o tempo, o estigma não deixa de existir reiterando a não aceitação dos diferentes, excluindo-os do convívio social e apontando os aspectos negativos em suas diferenças.

⁹ A noção de “ser humano normal” pode ter sua origem na abordagem médica da humanidade, ou nas tendências das organizações burocráticas em grande escala, como a Nação-Estado, de tratar todos os seus membros como iguais em alguns aspectos. Também aparece nas representações básicas por meio da qual os leigos usualmente se concebem (GOFFMAN, 2004, p. 9).

Figura 10 - Betty Viana



(Disponível <https://www.fisiculturismocarioca.com.br>, acesso em 06/06/2018 às 20h15min)

Tornando-se, portanto, marcado pelos atributos que a sociedade insiste em estabelecer, levando-os à margem dos desvios sociais como diferentes e inferiores aos padrões impostos pela sociedade.

O termo estigma, segundo Goffman (2004), teve início na Grécia antiga IV a. C. sendo construído por histórias e significados, os quais vieram sendo modificados e utilizados através dos séculos até a atualidade. Assim, na Grécia Antiga, o termo se referia a sinais corporais como marcas e cicatrizes perduráveis, as quais poderiam evidenciar algo de extraordinário ou mau sobre o *status* moral de quem os apresentava. O estigma não era só uma marca social, era também uma marca moral aos olhos da sociedade. Portanto, os indivíduos marcados, ou seja, estigmatizados, eram privados de conviver no meio social e em lugares públicos.

Entretanto, é importante lembrar que nem todos os atributos indesejáveis estarão em questão, mas somente os que são incongruentes com o estereótipo que criamos para um determinado tipo de indivíduo, que Goffman chama de identidade social virtual (p. 6).

As atitudes dos considerados “normais”, na contemporaneidade, prevalecem como a

ideologia que justifica a inferioridade do outro. Essa ideologia baseia-se, a ideia de que o outro representa um perigo para a sociedade, afastando-o com estigmas, e, conseqüentemente, deixando marcas profundas pelas concepções que nós transformamos em expectativas normativas (p.5).

Em cada sociedade vive-se um contexto social em que as críticas sociais conservadoras atingem as novas construções de subjetividades que serão vividas pelos indivíduos. Portanto, os interesses sociais de grupos dominantes, manipulam e deterioram os indivíduos que não estejam de acordo com a imposição social estabelecida. Um processo que ao longo das novas construções subjetivas, julgam o indivíduo pela sua identidade social, ou seja, de acordo com sua classe social, seu estereótipo, e suas deficiências.

A cultura da estética corporal são expectativas normativas dentro da “Identidade social virtual” criada para reforçar a imagem que o indivíduo deve “ter” e “ser” de acordo com as expectativas sociais normativas. Ocasionalmente uma diferenciação entre a identidade social real do indivíduo e a identidade virtual criada socialmente (p.5).

O discurso, social sobre ter um corpo perfeito, magro, malhado, é sinônimo de corpo saudável na contemporaneidade, uma lógica imposta na consciência social que omite os verdadeiros discursos da identidade social real, com produção de imagens desejadas, de corpos perfeitos, globalizados, fazendo com que os indivíduos criem estilos de vida favoráveis à sociedade capitalista normativa.

Além disso, podemos perceber que as identidades manipuladas estigmatizam os indivíduos que não conseguem fazer parte das interações sociais, ou seja, que não conseguem fazer parte da identidade social real. Esses indivíduos serão apontados por suas diferenças, pois, precisam reafirmar a normalidade para atender o mercado das indústrias farmacêuticas. Sendo assim:

[...] enquanto o estranho está à nossa frente, podem surgir evidências de que ele tem um atributo que o torna diferente de outros que se encontram numa categoria em que pudesse ser incluído, sendo, até, de uma espécie menos desejável, ou em caso extremo, uma pessoa completamente má, perigosa ou fraca. Assim, deixamos de considerá-lo criatura comum e total, reduzindo-o a uma pessoa estragada e diminuída[...] (Goffman, 2004, p.5).

Portanto, grupos vinculados aos meios das práticas corporais, criam formas permanentes de aproximação pela identificação, com apoio a um padrão de comportamento. Confirmando suas seguranças, com acolhimento social em detrimento ao estigma sofrido por

juízo de padrões sociais.

Porém, Goffman afirma que, ao categorizar e excluir os indivíduos do meio social, vai haver uma depreciação com desvios/estigmas, permanecendo como marcas de fraqueza de carácter, vontade fraca, desordens mentais, paixões excessivas, vícios, homossexualidade, desonestidade. Além, das que Goffman se refere às diferenças de raça, de religião e de nacionalidade e de ideologia para explicar a inferioridade do outro. Aumentando o afastamento social do indivíduo e anulando-o do contexto da produção técnica, científica e humana (p.8).

Entretanto, os estigmatizados podem romper com a barreira da inferioridade e corrigir sua condição de maneira indireta, dedicando seus esforços individuais e dominando áreas de atividades consideradas não convencionais de carácter de sua identidade com a sua realidade, tornando-se um estigma positivo para manter ao convívio da social.

Compreendem que os estigmatizados não sejam completamente humanos e por isso sofrem vários tipos de discriminações, acarretando a redução de suas chances na sociedade. Mas, que possuem as mesmas crenças definidas pelos “normais”, pois também estão inseridos na mesma cultura, sob a influência da linguagem que é um postulado fundamental nas relações humanas, e um atributo que estigmatiza alguém pode confirmar a normalidade a outro. Sendo assim, ele não será nem horroroso nem desonroso, mas será estigmatizado com um tipo especial de relação entre atributos e estereótipo (p.8).

Dessa maneira, as mulheres fisiculturistas hipermusculosa passam a ser estigmatizadas por não comungarem com o controle da estética corporal propostas pelos dominantes sociais institucionais e não concebendo o procedimento do comportamento feminino, resistindo a cumprir uma norma. Desconstruindo a barreira da inferioridade de gênero feminino no campo das práticas corporais, expondo seus corpos anatomicamente modelados, assim como os do gênero masculino.

Portanto, nos campeonatos de Fisiculturismo, o teatro abre as portas para o grande encontro entre os “normais” e os estigmatizados, homens e mulheres que ultrapassam a anatomia fisiológica do corpo se mostram no espetáculo da corpolatria para um público de indivíduos que não fazem parte da “tribo” de fisiculturistas. A troca de olhares, comportamentos, informações entre conversa, Goffman chamaria de cena de interações sociais, momentos em que ambos enfrentarão diretamente as causas e os efeitos do estigma.

Em muitos casos, os indivíduos, “normais” sentem também a incerteza quanto ao *status*, somada à insegurança de não ‘ser’ ou ‘estar’ com seu corpo malhado. O não

pertencimento traz certo distanciamento aos indivíduos na contemporaneidade. Exatamente, como Goffman exemplifica o que acontece com os adolescentes, negros de pele clara, imigrante de segunda geração, da pessoa em situação de mobilidade social e da mulher que entrou numa ocupação predominantemente masculina (p.14).

A incerteza dos estigmatizados está relacionada também por não saber em qual das várias categorias, elaboradas pelos “normais”, eles serão colocados. Goffman afirma que a insegurança que pode levar o indivíduo já marcado profundamente com estigmatização a responder antecipadamente através da timidez, retraindo-se ou respondendo com agressividade através de uma capa defensiva (p.22). Portanto, as situações sofridas acabam sendo angustiantes, para ambos os lados, sendo compreensível que nem todas as coisas caminhem suavemente.

Entretanto, observa-se que dentro desse mundo de solo sagrado, que é a academia, homens e mulheres se identificam com um único objetivo: reconstruir seus corpos, e pertencer ao convívio social, tentando mudar a visão cultural imprimida pelos indivíduos ditos “normais”. Desenvolvendo um novo padrão corporal, como rupturas estabelecidas com regularidade na impressão entre normais e estigmatizados. Considerando, quanto mais pessoal for a relação, menor será a sensação de se sentir um estigmatizado (p.23).

Portanto, a relação de apoio dentro da academia, diz respeito à “carreira moral” para alguns estigmatizados, que pode estabelecer entendimento significativo tanto em direção ao sucesso quanto ao fracasso, a respeito de si próprio com os diversos, podendo desenvolver rupturas ou aceitação de imposições de controles das instituições na construção de uma identidade social (p.30).

1.2 A representação do Eu na academia

Na obra “A representação do eu na vida cotidiana”, Goffman (1996) recorre à perspectiva das representações teatrais para descrever as relações sociais que ocorrem em espaço circunscrito, como em um prédio, uma fábrica ou uma empresa. O autor recorre à dramaturgia e apresenta representações das relações sociais fugindo do padrão acadêmico. Para Goffman as características de um imenso espetáculo são reproduzidas nas relações sociais entre os indivíduos. Essas características não são autênticas na representação, mas apresentam-se conforme os papéis determinados (p.9). O Goffman busca analisar uma intensa

reflexão interpretada pelo comportamento dos indivíduos em seu cotidiano, usando diversas metáforas ligadas ao meio teatral. A obra visa entender a necessidade que as pessoas têm de causar impressões em outrem, bem como o modo de se transmitir e de se obter tais impressões.

Assim, como na vida real, o papel social não é representado diante de uma plateia que está separada dos atores, mas é “talhado de acordo com os papéis desempenhados pelos outros presentes” (p.12). A vida social é constituída de atores-espectadores, sendo uma fusão de plateia e palco. As academias são palcos organizados por vários cenários adequados às atividades para cada ator executar sua encenação, chamando atenção ao conjunto de equipamentos onde um grande número de atores irá chamar de seu durante certo período de tempo. Nesse espaço, cada ator mostrará a sua própria identificação, correspondendo como distintivo suas características em aparências e maneiras, de acordo com a função que desempenha (p.33). Goffman conceitua a aparência, como estímulo que funciona a fim de transmitir status social, ritual temporário do indivíduo.

Dentro do cenário da academia de musculação, indivíduos atuam para fazer parte do contexto social, para não ser excluído como desvio/estigma, modelando seu corpo para mostrar sua identidade. A maneira é o estímulo que mostra a interação do ator no papel de seu desempenho. Portanto, no cenário existem tipos variados de personagens que buscam o seu status por alguns segundos, usando a aparência e a maneira para se diferenciar dos outros atores na exibição de sua encenação no palco da academia de musculação e nos campeonatos.

Portanto, a academia é um espaço de relação social, produzindo um grande espetáculo, onde corpos são mais sociais que individuais, uma vez que expressam metaforicamente os princípios estruturais da coerção social vida coletiva. Dentro das academias, esses corpos sociais se materializam como se fossem profanos no solo sagrado (academia), é nesse solo que os agentes permitem contracenar com a plateia, mostrando sua visibilidade e se ajustando ao compartilhar os treinos e seus resultados.

Observa-se que a plateia vai estar no solo sagrado (academia) e muitos indivíduos acabam invertendo os seus papéis, passando de plateia para atores assim, os segredos que eram mantidos em sigilo pela equipe de fisiculturismo, passam a fazer parte daquele que um dia foi plateia. Participando do enredo das encenações como uma fisiculturista. Tornando-se estigmatizadas pela hipertrofia muscular.

Logo, o indivíduo realiza a expressão de si mesmo, com auxílio da equipe que irão regula-lo delimitando e determinando o que “pode” ou não “fazer” enquanto realiza seu desempenho diante plateia (GOFFMAN, 1996, p.46).

1.3 Maneiras e Aparências

Goffman (1996) usa o termo “representação” para se referir a toda atividade de um indivíduo que passa por num período caracterizado por sua presença contínua diante de um grupo particular de observadores que tem sobre esta alguma influência. Denomina “fachada” como sendo “a dimensão do desempenho do indivíduo” (p.29), que funciona regularmente de forma geral e fixa com objetivo de definir a situação para os observadores como parte de uma hierarquia organizada pela subordinação da representação social que padroniza intencionalmente o desempenho empregado pelo indivíduo durante sua representação pessoal. (p.34). O cenário é aquilo que tende a ser fixo na representação, são os objetos e elementos de pano de fundo que estarão presentes no palco.

Para Goffman, fachada pessoal está relacionada entre várias partes da fachada social, tornando-se uma “representação coletiva” por direito próprio (p.34). Constituindo-se aos demais itens de equipamento expressivo, identificados como próprio do ator, como aparência e maneiras. A aparência faz parte dos estímulos que indicam o status social do ator; maneiras são informações que indicam o papel de interação que o ator irá representar em uma situação, tais quais, podem ser: arrogante ou agressivo (p.31). Nessa construção o ator, pode dar a impressão que comandará os outros ou que pode ser levado a proceder assim; por outro lado, caso a situação seja mais humilde ou escusatória, pode dar a impressão de que espera ser comandado por outros, ou pode ser levado a proceder dessa maneira.

A fachada social é mantida pela cultura contemporânea, a qual as práticas corporais estão envolvidas como promoção à saúde¹⁰. Associada, ao ritual do universo da corporeidade da estética torna-se obcecante. Os gastos excessivos com suplementos alimentares, esteroides anabolizantes, cirurgias plásticas, estética e vestuário, refletem na potência da perfeição do corpo, podendo promover de certo modo, comportamento desordenado de todo o organismo, representando uma oscilação de desvios ante à norma estabelecida e possibilitando constatar-se a gravidade das doenças tanto orgânicas como psicológicas.

Ou seja, em virtude de manter a saúde perfeita representada pela estética corporal, vale a pena lembrar que: a saúde não é definida somente com a ausência de doença, mas que dependerá da normatividade da vida representada no corpo e na mente, com um estado

¹⁰ Segundo, a Organização Mundial de Saúde (OMS) define **saúde** como “um estado de completo bem-estar físico, mental e social e não somente ausência de afecções e enfermidades”.

estabelecido de equilíbrio do meio interno e externo que irá determinar a saúde do corpo de cada indivíduo. Portanto, estas duplicidades na verdade acontecem, sendo mantidas com sucesso durante muito tempo. Isso indica que, embora normalmente as pessoas sejam o que aparentam, as aparências podem ser manipuladas (p.70).

Entretanto, as interações são importantes para que o indivíduo expresse e comprove aos outros a validade da sua própria ação, a fim de explorar mais as relações entre várias partes da fachada social (p.72).

Na representação coletiva efetiva, geralmente ocorre uma idealização. De acordo com Goffman, o desempenho do ator tende a incorporar valores abrihantados por impressionantes manifestações reconhecidas pela sociedade, como os símbolos de status social, que representam efetivamente uma determinada classe social, na qual o ator precisa causar impressões que combinem com os estereótipos dos observadores. Esse controle expressivo do ator é analisado por Goffman (1996) como uma analogia artística e não como sistemas mecânicos nos quais um grande ganho pode compensar uma pequena perda. O ator precisa observar a sua conduta nos mínimos detalhes para não deixar aparecer pontos fracos que possam ser explorados pelo seu oponente. Para Goffman (1996) uma representação feita por um impostor competente enfraquece a tendência de relacionar moralmente o desempenho de um papel com a capacidade do ator. Por isso, as técnicas de dissimulação, insinuação e omissão permitem que um ator engane sem dizer nenhuma mentira, basta usar as técnicas estrategicamente por meio de comunicação em massa (p.63).

1.4 Convivência como suporte social

Conceituando equipes, Goffman (1996), esclarece que, ao pensar numa encenação, é fácil supor que o conteúdo, seja somente uma extensão expressiva do caráter do ator de forma pessoal. Mas, que esta concepção é limitada, pois, obscurece um fator importante no aspecto de suas funções dentro das interações com outros atores, principalmente dentro da equipe, ou seja, cada ator pode representar, mas estando em grupo todos se representam (p.76).

Assim, as encenações das mulheres e homens fisiculturistas da ala menos “radical” na academia de musculação são constituídas por suas expressões como forma de sucesso, incorporado à saúde, energia, força e disciplina. Logo, suas encenações serão correspondidas ao vínculo de interesses por agentes sociais coletivos que buscam fazer parte dessa suposta saúde do discurso midiático.

Portanto, as encenações das fisiculturistas, como forma de acolhimento e interações na cooperação dentro da academia e nos campeonatos de Fisiculturismo são importantes para consolidar a impressão de valorização da corpulatria. Entretanto, algumas fisiculturistas empregam sua fachada pessoal com o propósito de alcançar maior prestígio no momento, em que a impressão de realidade que cria é verdadeira, sendo a única realidade. Tornando-se, pois, sua própria plateia; vindo a ser a única atriz no espetáculo, sendo chamado pelos psicanalistas de “auto afastamento”, do grupo (p.80).

De acordo com Goffman (1996) existem dois componentes básicos relacionados a uma equipe. O primeiro, na representação da equipe não há obrigação de ter uma conduta apropriada, mas cada um é obrigado a confiar na boa conduta e no comportamento de seus companheiros, e vice-versa. Há um vínculo de dependência recíproca unindo os membros da mesma equipe aos outros. Quando esses membros possuem posições diferentes de uma instituição social (como frequentemente acontece), vemos que a dependência mútua criada pelo fato de que pertencem à mesma equipe atravessará clivagens e estruturas da instituição, fortalecendo-se e criando uma fonte coesa na organização da equipe.

Em segundo lugar, é evidente que os membros de uma equipe devem cooperar para manter uma dada definição da situação diante da plateia, dificilmente estarão em condições de manter a impressão particular diante dos outros, essa fachada particular se abre, dando entrada a outras pessoas, sendo ligados por direitos do que se poderia chamar de “familiaridade”.

O objetivo geral de qualquer equipe é manter a definição da situação que sua representação alimenta. Isso implicará no controle das informações, no caso da fisicultura, o (que consomem, e como consomem) a equipe precisará garantir que a comunicação de alguns fatos não seja capaz de destruir a definição de situação mantida pela representação.

Portanto, o autor, afirma que os segredos podem ser estratégicos, íntimos ou livres, ou seja, a equipe precisa ocultar da plateia os segredos, a fim de evitar que o público se adapte efetivamente às situações que a equipe planeja executar. Se uma equipe não tem a pretensão de manter segredos estratégicos, não é preciso necessariamente que seus segredos estratégicos sejam indevassáveis. Contudo, deve-se observar que mesmo quando os segredos estratégicos de uma equipe não são indevassáveis, ainda assim a revelação ou as descobertas de tais segredos quebram a representação da equipe.

1.5 O fisiculturismo, conversas e encenações.

Goffman (1996) usa o termo “equipe” para conceituar qualquer forma de grupo de indivíduos que cooperem na encenação de uma rotina particular. Na representação do eu, vimos dois níveis de representações: de um lado o indivíduo e sua representação, e do outro lado, o conjunto inteiro de participantes e a interação como um todo.

Portanto, mostraremos a convivência da equipe (p.164) quando um participante transmite algo durante a interação, que não pode ser falado abertamente ao público. Geralmente criam códigos secretos para se comunicar com o outro ator (p.166). Na maioria das vezes, informações informais que só os participantes da equipe entendem. Por meio de comunicação secreta os atores entram numa relação de convivência, reconhecendo entre si o espetáculo que demonstram e projetam em suas representações e que julgam aceitáveis para a plateia.

Nesse jogo de interesse, a convivência da equipe de fisiculturismo é representada de forma a manter uma relação que se definirá como interação com outro indivíduo. Portanto, para manter a representação considerada própria para a interação de um grupo, faz-se necessário ter uma convivência com outros grupos da mesma instituição de poder, sobre qualquer informação que seja considerada imprópria para a sociedade. Assim, quando uma fisiculturista transmite inadequadamente uma informação, outras fisiculturistas irão mutuamente guardar o segredo de forma combinada.

Dentro da academia, as fisiculturistas homens e mulheres, se realinham nas ações mantendo reunidos com o propósito de interação social. Cada um se mantém fiel ao papel que lhe pertence dentro da rotina de treinamento consome de esteroides anabolizantes (EA), na conveniência da formalidade com intimidade na comunicação de forma positiva entre as relações exigidas pela pressão na época dos campeonatos. Essa relação traz liberdade entre os personagens que buscam interação, respeito e segurança entre o grupo igualmente presente na mesma ideologia.

Goffman (1996), afirma que há atributos necessários a um ator para o trabalho de representar um personagem com sucesso. Caso haja rupturas de modo não intencional, as projeções podem ser chamadas de “faux pas”, (um passo em falso ou ato falho) que sendo intencional, destrói a imagem da própria equipe, trata-se de uma “gafe” (p.192). Se um ator põe em risco a imagem de sua personalidade projetada pela outra equipe, chamaremos de “mancada”, ou diremos que o ator “meteu os pés pelas mãos”.

Portanto, a fim de evitar que aconteçam incidentes e embaraços consequentes, serão necessários que todos os participantes da interação, bem como aqueles que participam,

possuam certos atributos e os expressem em práticas empregadas para salvar o espetáculo.

Para que possa evitar embaraços a respeito das expressões inadequadas das conversas ou até mesmo das situações importunas de intromissões por parte de pessoas que não fazem parte da equipe de fisiculturistas dentro das academias, criam-se procedimentos de liquidez, ou seja, os atletas acabam, disfarçadamente, se redistribuindo pelo espaço, para que não haja rupturas com o público presente, a fim de evitar comentários que não dizem respeito aos outros, principalmente a respeito de consumo de esteroides anabolizantes andrógenos (EAA), evitando assim, comentários indesejáveis dos atores normais.

Goffman dá a noção geral de que fazer uma representação de si mesmo para os outros não é nenhuma novidade. O que deveria ser acentuado, para concluir, é que a própria estrutura do “Eu” pode ser considerada segundo o modo como os sujeitos se arranjam para executar essas representações na sociedade (p.230). Os estabelecimentos sociais tradicionais são analisados de acordo com quatro perspectivas: a técnica, a política, a estrutural e a cultural, Goffman sugere a dramaturgia como uma quinta perspectiva (p.198). Elas se entrecruzavam de vários modos: a técnica se cruza com a dramaturgia em relação às condições de trabalho, a política e a dramaturgia podem ser analisadas em conjunto quanto à capacidade de um indivíduo dirigir outros, julgando útil em guardar segredos estratégicos para manipulação, autoridade, punição e até ameaças, se necessário. A perspectiva estrutural e a dramaturgia cruzam-se na análise da distância social, a cultura e a dramaturgia, na manutenção de padrões morais (p.200). Assim, a linguagem e a máscara do palco serão realizadas frente a frente num palco facilitando as interações das quais todos nós compartilhamos.

2 GÊNERO, FEMINILIDADE E FISCULTURISMO

Nesse capítulo, proponho uma leitura breve sobre a história na perspectiva, do referencial teórico de Thomas Laqueur (2001), de sua obra: *Inventando o Sexo dos Gregos a Freud*, uma análise profunda sobre o modelo de sexo único que predominou a sociedade ocidental. Apagando da história o sexo feminino, com discurso de estigmas, inferioridade, submissão e desigualdade social em diversos campos. Mostrando o empoderamento político e econômico sobre a ciência, decidindo pelas bases biológicas as distinções do gênero e sexo.

Da antiguidade até o século XVII, homens e mulheres eram considerados modelos de sexo único¹¹, o prazer era propriedade comum. Mulheres aprendiam a ter prazer junto com seus parceiros no ato sexual. Para procriarem, seus órgãos genitais eram considerados versões interiores a dos homens; a vagina como o pênis, o útero como o escroto, esta era a construção dos seres humanos (LAQUEUR, 2001).

No final do iluminismo, de acordo com Laqueur (2001), relatos de cientistas consideravam o orgasmo feminino relevante para a reprodução. O autor deixa claro que a biologia definiu os sexos, esse fato não tem contestação, mas o que mais poderia significar? O prazer do homem que supostamente mesmo sem pênis, não deixaria de serem homens, não deixava de perpetuar o relevante papel do sexo masculino e seus prazeres mesmo sem excitação (p.8). Várias outras diferenças poderiam acrescentar, mas isso não ocorreu para as mulheres, é claro que as mulheres possuem ventre para o feto se desenvolver e os homens não. As mulheres menstruam e os homens não. O que se está em discussão é a tentativa científicas para determinar o sexo, assim como, por exemplo, os testes feitos pelo Comitê Olímpico de configuração cromossômica das células da cavidade bucal, das mulheres para saber se realmente são do gênero feminino (p.8). Enquanto para os homens, isso não acontece.

Laqueur (2001) afirma que, do ponto histórico, não há qualquer conhecimento específico da diferença sexual a partir de fatos indiscutíveis sobre o corpo natural. Os órgãos passam a ser divididos, os orgasmos, a vagina, o útero, interpretados no século XVIII, como órgãos de natureza completamente diferente. Mais que na concepção cronológica das

¹¹ Sexo único está detalhada do historiador Thomas Laqueur em seu livro: *Inventando o sexo, corpo e gênero dos gregos a Freud*, sobre a construção do modelo do sexo único. Logo, ao descobrirei pelos relatos médicos do século XVII que a mulher era uma versão contrária, menos importante do homem. (LEQUEUR, 2001 p.8).

descobertas não havia alinhamento com as novas concepções do corpo sexual, portanto para o autor a existência do sexo único não havia desaparecido, não havia a divisão sexual.

Esse pensamento perpetuava com a forte influência de pensadores e pesquisadores científicos do século XVII. Galeno no (século, II d. C), cujo conhecimento de medicina foi marcado até a Revolução Científica no século XVII, corroborou com o pensamento científico da época, desenvolvendo o mais poderoso e exuberante modelo da identidade estrutural, e não espacial, dos órgãos reprodutivos do homem e da mulher. Descrevendo que “as mulheres eram essencialmente homens e o que lhes faltava era o calor vital de perfeição” (p.16).

Galeno (século, II d. C) percebendo o erro cometido afirma: “Não só os sexos são diferentes, como são diferentes em todo aspecto físico e moral” (LEQUEUR, 2001, p.16). Essa correção não teve efeito na condição do modelo, já condicionado do contexto do século XVIII. Esse modelo era, portanto, o gênero feminino e o masculino expresso por uma ordem natural e hierárquica que organizava o cosmo e o mundo dos seres vivos, mas o que faltava às mulheres era o calor vital da perfeição que os homens possuíam por serem seres perfeitos.

Vistos que na teoria Aristotélica, os seres humanos ocupavam o topo da cadeia dos seres vivos, baseando-se aí a hierarquia dos fluídos fundamentados em calor vital (MARINS, 2004).

No final do século XIX, um novo advento surgia, à anatomia, um olhar nunca pensado de forma lícita, a fisiologia incomensurável com múltiplas células, vasos sanguíneos, substituindo a metafísica do poder soberano, onipotente.

A hierárquica representação do homem continuava em relação à mulher confirmada pela diferença sexual consolidada e baseada na natureza embasada pelo professor Patrick Geddes, um biologista, que estudava as diferenças sexuais em espécies, não em grau, parecia solidamente basear-se na natureza, usando a fisiologia celular para explicar que de “fato, as mulheres são mais passivas, conservadoras, indolentes e variáveis. ” Apesar de admitir que não conseguiu elaborar completamente a ligação entre as diferenças biológicas e as “resultantes diferenciações psicológicas e sociais”. Justificava os respectivos papéis culturais do homem e da mulher (p.18). A Ciência, portanto, podia não saber explicar o conceito sexual, mas podia fornecer base a ser usada como teorização. Logo, a Ciência comunga em harmonia com as demandas do contexto social do século XIX. Em que os interesses já estavam marcados na política do poder de dominação masculina. Portanto, a forma de interpretação do corpo feminino não foi consequência de um estudo de conhecimento científico específico, mas sobre a forma de dois grandes desenvolvimentos analíticos: um epistemológico e outro político. Sendo assim,

[...] a epistemologia não produziu dois sexos opostos; isso ocorreu por um cenário político, uma política que compreendia a competição de poder, criando novas formas de constituir o sujeito e as realidades sociais dentro das quais o homem vivia. (LAQUEUR, 2001, p. 10).

Entretanto, Laqueur (2001) afirma que a forma interpretada pelos cientistas do século XIX, vai de acordo com o contexto político com a premissa dos discursos favorecendo os resultados científicos com imposições políticas da época. E, nessa perspectiva, muitos intelectuais, filósofos e médicos compreendiam a existência da competição pelo poder, assim, como Rousseau, filósofo iluminista, em sua obra *Emílio*, publicado em 1762, que deixava bem claro, que os discursos favoreciam a produção da desigualdade entre os sexos: o confinamento da mulher ao espaço doméstico e a sua inferioridade os quais tinham como fundamento a natureza e a razão.

[...] quando a mulher se queixa da injusta desigualdade que o homem impõe, não tem razão; essa desigualdade não é uma instituição humana ou, pelo menos, obra do preconceito, e sim da razão: cabe a quem a natureza encarregou do cuidado dos filhos a responsabilidade disso perante o outro (ROUSSEAU, 1992, p.473).

Rousseau (1992) corrobora firmemente com a desigualdade do gênero feminino como forma de exclusão dos espaços políticos. Em seu requintado discurso sobre a inferioridade feminina, Rousseau discursava com palavras bonitas e românticas, ressaltava as habilidades dos aprendizados dos trabalhos domésticos ao sexo oposto, para garantir que mulheres não fizessem parte da política, da educação e da sociedade, uma abrangente forma de exclusão. Afirmava também que o analfabetismo das mulheres era essencial para que elas não pudessem pensar e/ou reagir a qualquer fato. Portanto, cortar e costurar seus vestidos, rendar eram trabalhos que dariam atitude mais agradável para exercitar seus dedos com graça e ligeireza, fazer outros trabalhos do lar, conhecer bem a cozinha e a copa (ROUSSEAU, 1992).

Travam-se, então, um embate político, econômico e social por trás dos encobrimentos culturais perpetuando o mascaramento pelas desigualdades sociais dos gêneros. Influenciado pela forte demarcação dos espaços políticos, cuja fundamentação não estava na religião, mas na forma de conhecimento mais elevada da razão humana: a ciência, engendrada por evidências políticas, interpretando os resultados científicos (LAQUEUR, 2001). Portanto, ao negligenciarem os resultados científicos sobre a verdadeira história da mulher e sua sexualidade, houveram duplo retrocesso: exclusão da vida política e a reclusão

doméstica (KNIBIEHLER, 1976).

Além disso, na passagem do século XVIII, para a XIX, houve reações contra os movimentos revolucionários das mulheres com um novo argumento sobre a noção de que a desigualdade humana é o fundamento de toda sociedade adequada. Afirma Louis Dumont, fazendo alusão ao princípio da hierarquia decorrente da criação dentro do cristianismo:

[...]”Deus criou primeiro Adão, ou seja, o homem indiferenciado, protótipo da espécie humana. Depois, numa segunda etapa, extraiu de algum modo desse ser indiferenciado um ser de sexo diferente. Eis, face a face, Adão e Eva, agora como macho e fêmea da espécie humana. Nessa curiosa operação. Adão, em suma, mudou de identidade, ao mesmo tempo que aparecia um ser que é membro da espécie humana e diferente do representante principal dessa espécie. Adão ou, em nossa linguagem, o homem, são duas coisas ao mesmo tempo: o representante da espécie humana e o protótipo masculino dessa espécie. Num primeiro nível, homem e mulher são idênticos; num segundo nível, a mulher é o oposto ou o contrário do homem. Essas duas relações, tomadas em conjunto, caracterizam a relação hierárquica, a qual não pode ser melhor simbolizada do que pelo englobamento material da futura Eva no corpo do primeiro Adão.” (DUMONT, 1985, p. 129).

A partir dos diálogos acima, observa-se três movimentos históricos: a ciência, a medicina e os princípios religiosos, preenchendo lacunas e corroborando com a hierarquia na sociedade sobre o papel da mulher, marcando no contexto social uma posição como coadjuvante, mera reprodutora, acompanhante do gênero masculino, com diferenças comportamentais sexuais definidas socialmente.

O movimento feminista iniciado em torno de 1960, foi um movimento político que, de modo geral, tinha o objetivo de mudar as condições das mulheres na sociedade e lutar por igualdade entre os homens e mulheres. De acordo com Fox-Keller (2006), os estudos feministas e os estudos sociais da ciência traçam um paralelo em desconstrução da ideia de natureza. Assim como o gênero não seria mero “espelho” do sexo, a ciência não espelharia a natureza (p.3). São, portanto, compreendidos como distintos, mas o sexo não pode ser independente do gênero. Sendo, assim:

[...] que é explícita, porque o uso gramatical envolve regras formais que resultam da atribuição do masculino ou do feminino: plena de possibilidades não examinadas, porque em muitas línguas indo-europeias há uma terceira categoria – o sem sexo ou o neutro. Portanto, na gramática, o gênero é compreendido como uma forma de classificar fenômenos, um sistema socialmente consensual de distinções e não uma descrição objetiva de traços inerentes [...]. (SCOTT, 1995, p. 2).

Scott (2000, p. 32) argumenta que o conceito de gênero foi criado para opor-se a um determinismo biológico nas relações entre o “sexo” ou “diferença sexual” para caracterização social. Portanto, gênero é uma categoria útil à história e não apenas à história da mulher. O

gênero lança a história das mulheres, e dos homens e de suas relações entre homens e mulheres, dos homens entre si, e igualmente das mulheres entre si.

Portanto, o gênero é um conjunto de significados simbólicos que foram construídos sobre a base da diferença sexual, enfatizado igualmente aos aspectos relacionais das definições normativas da feminilidade na relação de poder (SCOTT, 1995, p.72). Um poder de dominação que atravessa séculos pelo discurso cultural incorporado através da permanência das relações das interações sociais em variados setores, políticos, econômicos, sociais, culturais, esportivas produzidas através das imagens de gênero enfatizadas na construção do comportamento social (SCOTT, 1995, p.72).

Assim, o leque de papéis e de simbolismos sexuais foi tecido de forma diferenciadora estabelecendo uma relação de contraste para manter a ordem social no discurso generalizado possibilitando a exclusão dos que não possuíssem as características exigidas pela noção das diferenças (p.34).

Contudo, podemos relacionar o estigma da hipertrofia nas mulheres fisiculturistas dentro e fora das academias de musculação, compreendidas pelas diferenças sexuais impostas pelo controle da padronização hegemônica do corpo feminino.

A definição de feminino está relacionada à categoria “mulher”, com terminologias afins como sexo, sexualidade e gênero. Um controle de comportamento imprimido no contexto social, regida por hábitos, costumes, crenças e tradições que caracterizam a cultura (MAUSS, 1974). Caracterizando a existência de determinada organização social, definindo como a mulher deve se comportar na sociedade de acordo com o caráter histórico transcorrido pelo tempo. Comportamento enfatizado e imprimido pela conduta tradicionalmente apreendida e transmitida de maneira consciente ou não (MAUSS, 1974, p. 218).

Um fenômeno social em sua totalidade¹², correspondendo às dimensões sociais, biológicas e psicológicas como conhecimento antropológico através das experiências vividas e observadas nas representadas pelo “eu” no cotidiano reproduzem a técnica do corpo com imitações prestigiosas que cada indivíduo, em cada cultura constrói em si, moldando as experiências vividas articuladas com o outro, sendo um comportamento expresso pela lógica de padronização global. (MEAD, 1999; MAUSS, 1974).

Logo, Simone de Beauvoir (1967, p.9.) “*Ninguém nasce mulher: torna-se mulher*”, afronta os padrões sociais estabelecidos como ordem ao modelo patriarcal, pela submissão de

¹² Noções de totalidade, Fournier considera que muitas coisas foram ditas sobre essa noção maussiana de totalidade. Fala, por exemplo, “ora de ‘homens total’, ora de ‘fato social total’”. No primeiro caso trata-se da natureza indissociavelmente psico-orgânica e social do homem (FOURNIER and MAUSS. 1993).

seus direitos humanizados, pela sua liberdade para fazer juízo de sua própria atitude. Essa frase incentivava e contribuiu para a revolução feminista trazendo uma chama que se fazia apagada.

2.1 O culto ao corpo da saúde feminina

“No corpo estão inscritas todas as regras, todas as normas e todos os valores de uma sociedade específica, por ser ele o meio de contato primário do indivíduo com o ambiente que o cerca”.

(*DAOLIO, 1995, p. 105*).

O campo das práticas esportivas e corporais é, com certeza, um terreno fértil para testar os discursos sobre a construção de novas relações nas questões de gênero na sociedade. Segundo Goellner (2003), é um território “permeado de ambiguidades”, que simultaneamente, fascinava e desassossegava homens e mulheres, dando margens às contestações aos discursos legitimadores dos limites e condutas próprias de cada sexo.

Nos esportes, a História mostra tentativas de mudanças nos padrões de beleza feminina, entre a década de 1950/1960. De acordo com Bourdieu (2007), a reprodução da sociedade seria, de fato, uma reprodução social de “corpos apropriados” considerados verdadeiros identidade, um local de exploração e de experiências, disponível ao exercício das transformações exercidas por meio de aparência física (SANTOS e SALLES, 2009).

Portanto, a mulher foi demarcada pela posição social, moldada nas aparências desde a infância, com estilos de caminhada, vestimentas, falas e adereços para mostrar valores dos grupos sociais determinados na divisão dos gêneros.

Com o movimento feminista¹³ na década de 1960 e 1970, houveram aderências, embora lentas, no sentido de “despadronizar” a intensa disputa sobre o que pode/dever fazer um “corpo masculino” e o “corpo feminino” (ADELMAN, 2006).

O pensamento hierárquico assolava cada vez mais a sociedade e com o movimento

¹³ O movimento feminista não pode ser entendido como um bloco homogêneo. Desde suas origens apresentou uma série de nuances e dissonâncias, e o próprio termo feminismo não é unívoco. Segundo as autoras Janet Richards e Judith Evans (1994). No Brasil existem várias vertentes, segundo a pesquisadora Carolina Branco Castro Ferreira (2001). Feminismo negro, radical, interseccional, trans., o feminismo liberal, feminismo marxista, Lesbofeminismo, científico, literário etc. (p. 230).

feminista deu-se uma ruptura da domesticidade feminina e de seus padrões de fragilidade cedendo lugar para um novo ideal de mulher ativa, como forma de transgressão á normatização dos padrões de identidade na corporalidade generificadas (ADELMAN, 2006).

A aparência do corpo feminino ganha identidade, o que era um corpo frágil, domesticado passa a ser transformado pela potencialização muscular descaracterizando os atributos valorosos que fazem parte da cultura hegemônica patriarcalista que impunha seus desejos de poder ao corpo feminino.

Logo, as transgressões dos padrões de normalidade passam a ser vistos e associados às características exclusivas da masculinidade. Portanto, era preciso reprimir e acentuar componentes que iriam caracterizar a aparência feminina, reafirmando o modo singular de ser mulher, através de gestos, olhares, roupas, estilo corporal dentro da estética definida como forma apropriada para ressaltar discursivamente a representação da normatização da sexualidade feminina (JAEGER E GOELLNER, 2011), no mundo.

No Brasil, as práticas corporais tornaram-se estilo de vida, e aumenta a preocupação com a forma do corpo marcando expressivamente o mercado consumidor da beleza independentemente da classe social ou faixa etária. A mídia, por sua vez, consolida o corpo perfeito, com dietas e imagens de mulheres e homens com seus corpos bronzeados, esculpidos, definidos, saudáveis e felizes (SUDO e LUZ, 2007), mantendo uma larga campanha do conceito de saúde, que ganha sentido nos exercícios físicos diários com consumos de medicamentos para acabar com as gordurinhas indesejadas, tornando-o o “mais belo objeto de consumo, com beleza assumindo o discurso do mercado” (VIGARELLO, 2006, p. 56).

O corpo ganha uma valorização como nunca visto, o culto ao corpo torna-se uma verdadeira obsessão no início do século XXI, transmutando-se em estilo de vida. Esse fato trouxe inovações nas práticas corporais, tornando-se regulares no cotidiano da vida dos indivíduos. Esses hábitos tornam-se populares motivando a proliferação das academias de ginásticas por todo centro urbano (CASTRO, 2003). O período marca crescente aumento das indústrias de beleza e expansão mercadológica de fabricação de produtos farmacológicos do mercado esportivo, de cirurgias plásticas e de setores alimentícios de produtos dietéticos e derivados, tudo em nome da “Geração Saúde” com o valor cultural na preocupação com a qualidade de vida. De acordo com Cavalieri *et al.* (2016), influenciado pelos norte-americanos chega ao Brasil o fisiculturismo, que, de acordo com Estevão e Bagrichevsky (2004), é um novo conceito para os padrões sociais entre os homens e mulheres, a moda “monstro” revoluciona com a nova construção do corpo, gerando um crescente aumento de adeptos no

universo das transformações.

2.2 O Corpo nunca envelhece

O empoderamento masculino apropriou-se dos séculos XIX e XX, trazendo um novo modo de controle social não só para as mulheres, mas também para os homens. Passando por um ritual, o que antes era um corpo disciplinado e docilizado, com crenças de valores morais, passa para um corpo espetacularizado, ganhando poder na valorização da aparência corporal (TURNE, 2005). A mídia consolida a satisfação da autoimagem, do “culto ao corpo”. Segundo Mattos (2014), não existe culto ao corpo, o culto, na contemporaneidade, é da aparência do corpo essa diferença é crucial, para a compreensão dos valores, códigos, sentidos e significados de corpo no mundo contemporâneo. Entretanto, a aparência do corpo, traduz a expressão de uma subjetividade que possui valor histórico. Por muitos séculos, a beleza era reconhecida pela harmonia entre as partes e o todo (MATTOS, 2014).

Na Grécia Antiga, conforme Platão (430 – 347 a.C. pp 60 -103), a harmonia entre as partes estava ligada à beleza e à bondade, tudo aquilo que era belo, era também verdadeiro e bom e vice-versa. A beleza das ideias atraía a inteligência dos filósofos, e o bem, por ser belo, atraía a sabedoria. Para Platão, a primeira beleza que aparece é a beleza do corpo, em seguida vem a beleza de todos os corpos, a beleza em si, que é eterna, fundamenta todas as outras belezas.

Medina (1983) argumenta que, durante muito tempo, a doutrina da instrumentalidade do corpo (o corpo como instrumento da alma) que perpassa os pensamentos dos grandes filósofos antigos e medievais como Platão, Aristóteles, São Tomás de Aquino, Hobbes entre outros, foi abandonada na divisão cartesiana entre a matéria e a mente, tendo um profundo efeito sobre o pensamento ocidental. O próprio pensamento de Descartes (1996) fundamentava o conhecimento de si mesmo como egos isolados existentes dentro dos corpos.

Entretanto, cabe identificar qual a função do corpo na atualidade, conforme a demanda da supervalorização da beleza, investida pelos meios de comunicação na demanda validada pela ordem capitalista na lógica industrial. Para Foucault (1994), a modernidade interliga saber e poder. Na pós-modernidade, entretanto, é visível a tendência do poder exacerbando a produção tecnicista do corpo, a partir do qual valores relativos à beleza, saúde, higiene, lazer, alimentação e às atividades físicas redirecionaram a sociedade, imprimindo um novo estilo de vida, “mais livre”, narcisista e hedonista. Louro (2000) afirma que

Os corpos ganham sentido socialmente e a inscrição dos gêneros – feminino ou masculino – nos corpos é feita, sempre, no contexto de uma determinada cultura e, portanto, com as marcas dessa cultura. As possibilidades da sexualidade – das formas de expressar os desejos e prazeres – também são sempre socialmente estabelecidas e codificadas. As identidades de gênero e sexuais são, portanto, compostas e definidas por relações sociais, elas são moldadas pelas redes de poder de uma sociedade (LOURO, 2000 p. 11).

Segundo Foucault (2012), um discurso pode ser conceituado enquanto rede de signos que se conecta a outras redes de outros discursos, ou a outras tantas redes de discursos – trata-se de um sistema aberto que tanto registra quanto reproduz e estabelece os valores de determinada sociedade, perpetuando-os. O discurso está relacionado à ordem social, onde um determinado imaginário social consegue se estruturar.

Logo, Mauss (2003) afirma que os diferentes discursos atravessam todo o corpo social, promovendo uma coerção dos membros sociais. Portanto, as instituições imprimem estruturas com manipulação pela lógica da verdade, validando ostensivamente falsas verdades, construção do mecanismo da dominação aos dominados. Para Mauss, o indivíduo utiliza-se do seu corpo para manifestar maneiras tradicionais imprimidas pela lógica da cultura na técnica corporal. Logo, Debord (1991) afirma que o espetáculo não é apenas um conjunto de imagens, mas consiste em uma relação social totalmente mediada por elas. Assumindo, assim, que é impossível separar as relações sociais do consumo das relações de produção, porque se configura como aparência daquilo que falta na vida real do homem.

Portanto, o espetáculo trabalha a favor do capitalismo, e este rege o modo de vida atual através do consumo (DEBORD, 1991). Diante de um sistema personalizado, resta apenas durar o máximo possível e divertir-se, aumentando a confiabilidade de corpo, ganhando tempo e ganhando a corrida contra o tempo. Lipovetsky (1944) adverte, entretanto, que permanecer jovem, não envelhecer, é o mesmo imperativo da funcionalidade pura, o mesmo imperativo da reciclagem, o mesmo imperativo da dessubstanciação que impede a manifestação dos estigmas do tempo a fim de dissolver as heterogeneidades da cidade.

Entretanto, o medo de envelhecer faz parte do neonarcisismo. De acordo com Lasch (1983), apareceu na aproximação do final do século XIX, a sociedade tendeu a refletir sobre as consequências catastróficas do fim dos tempos, esse imaginário social, invadiu o senso comum populacional, reforçado por catástrofes naturais e pela escassez de recursos naturais. O que era um ato profético, artístico e vanguardista passou a ser um sentimento do fim da sociedade.

Um sentimento que mais tarde tornou-se banal e natural atravessando século XX de forma que para os intelectuais, o desastre seria encarado com algo simplório, mas para a população comum restaria o sentimento de impotência diante de algo que aconteceria sem poder ser evitado. Diante dessa concepção, a sociedade passa a se individualizar, criando seus próprios meios como estratégia no prolongamento da vida, procurando terapias, exercícios físicos, yoga, e tudo que possibilite paz interior, para afastar o caminho natural da vida, que é a velhice e a morte (RODRIGUES, 2006).

A morte passa a ser uma recusa do enquadramento cultural, pois, ao se descrever o processo de transformação em termos puramente naturais, a sociedade de espetáculo se depara com a destruição do corpo, com a degradação que turvará a imagem social, obrigando a sociedade a refletir sobre si mesma, causando sentimento de não suportar a finitude do espetáculo (RODRIGUES, 2006).

Logo, envelhecer, de forma natural dentro do processo biológico é ficar feio, sem cuidado, transformados em preocupações constantes na contemporaneidade, um paradoxo da beleza da juventude na pós-modernidade. A estética natural passa a ser inadequada dentro da realidade tomada como sistema de significação (RODRIGUES, 2006).

Entretanto a cultura, distintivo da sociedade humana, é um mapa que orienta o comportamento dos indivíduos em sua vida social. O imaginário social, por sua vez, introjetado pela educação, garantindo a homogeneidade na lógica da representação de modo a fixar similitudes essenciais à vida coletiva, imprimindo uma nova tendência de poder da saúde e da boa forma, tendência essa difundida pelo imaginário midiático e pelo tratamento que a sociedade contemporânea ocidental dá aos corpos, enaltecendo-os como palco de performances e designs efêmeros, que encobrem um desprezo factual por sua realidade e suas imperfeições naturais (LUZ *et al.*, 2013b, p. 241).

Portanto, o culto ao corpo, passa a ter relação intimamente sustentada e reforçada na construção da modernidade, é um fenômeno engendrado aos discursos de uma rede social que fundamentam as reflexões das identidades na pós-modernidade (MATTOS, 2004).

Com mudanças tecnológicas e sociais, homens e mulheres buscam seus sentidos na identidade individual e social, promovidos no discurso heteronormativo de adequação às mudanças de uma nova transformação corporal impostas pelos padrões hegemônicos de beleza. Constituídos como novos modelos de corpos perfeitos, magros, jovens, musculosos alinhados à corporeidade do novo estilo de vida mecanizado estimulados pela mídia para o consumismo de produtos farmacêuticos, cirurgias plásticas com projeções dos desejos do “eu”, para o meio da globalizado.

2.3 A Ilusão narcisista

Com a sincronização do ritmo do planeta, o mundo passou por mudanças significativas. Mudanças tecnológicas invadem o mercado e sutilmente, modificam e estimulam principalmente as mulheres contemporâneas, sobre pressão dos discursos persuasivos para adequação ao padrão hegemônico de beleza feminina. A preocupação em ser eternamente jovem, magra e bela promove a busca da construção da “boa forma”, “implacáveis” ao tempo (HEINZELMAN 2012).

Segundo Sabino (2004), a busca da estética utópica, é como uma estratégia social que induz os indivíduos a lutarem contra a sua genética e o processo inexorável de envelhecimento, na busca frenética pela eterna juventude. Logo, (BAUDRILLARD, 1981; BAUMAN 1999; FEATHERSTONE, 1995; LIPOVETSKY, 1989) afirmam que a sociedade pós-moderna é uma sociedade de consumo. Nela, o indivíduo é visto como consumidor, em consequência da automatização do sistema de produção. O consumo de mercadorias presentes no dia a dia do indivíduo tem significado como “mercadoria-signo”, ou seja, a incorporação de uma vasta gama de associações imaginárias e simbólicas tornam as mercadorias mais atraentes. Consumir “surge como modo ativo de relação, como modo de atividade sistemática e de resposta global, que serve a todo nosso sistema cultural” (Baudrillard, 1981, p.57).

Assim, as imagens simbólicas do corpo desempenham um papel importante, atuando na direção de um sentido. Sentido que desvela, ou seja, a consciência de ser corpo que fala, que pensa, sente, age. O corpo, mostrado constantemente, veiculado pelo meio de comunicação, aumenta o nosso contato com a vaidade e com as novidades existentes. Formando uma sociedade organizada onde as instituições guiam mais desejos, livres de regulamentos e regras, onde há menos controle e mais flexibilidade das relações humanas, levando cada vez mais para os espaços públicos as emoções privadas e mais íntimas (LIPOVETSKY, 1944).

Portanto, com corpos atraentes, homens e mulheres se deleitam seminus, mostrando seus corpos malhados, bronzeados, magros, belos, jovens, saudáveis e felizes, corpos que conduzem as pessoas para obtenção de produto de consumo na construção de uma identidade, rica e poderosa, em que a feiura está ligada ao não cuidado pessoal, (MATTOS, 2009) e a velhice ligada à morte (RODRIGUES, 2006). Entretanto, tudo pode ser manipulável através

da tecnologia avançada: o campo corporal, a aparência estética, o controle de reprodução, o sono e até mesmo a criogenia na conservação dos corpos para guardar o momento de reviver (SIBILA, 2015).

Portanto, o corpo torna-se, um incômodo quando não consegue pertencer às propostas das regras sociais. O fantasma do envelhecimento e a gordura precisam ser afastados com esforços extraordinários em dietas (SANTOS e SALLES, 2009).

O passado precisa ser apagado, o corpo atual incorpora os reflexos da valorização de si próprio e transforma o corpo em objeto de consumo, ou seja, corrige as imperfeições por numerosos rituais de transformação (MALYSSE, 2002). Tornando o corpo um produto mercadológico da tecnociência, mostrados pelos veículos de comunicação midiático de propagandas e marketings. Desse modo, o corpo magro e belo, passa a ser desejado permanecendo jovem, desconstruindo a feitura e a velhice articulando com o discurso da saúde (PASSOS e GUGELMIN, 2013).

No que tange aos discursos das ciências biomédicas, presente em artigos especializados, Cecchetto (2014), afirma que os esteroides anabolizantes (EA) aparecem como possíveis drogas de grande abuso “sem receitas médicas”. De acordo com Cecchetto (2014) é necessário haver uma ação mais enérgica de políticas públicas quanto ao uso indiscriminado dessas drogas. No Brasil, são consideradas substâncias psicoativas, cujo aumento do consumo tem sido reportado principalmente entre homens jovens que sustentam estrategicamente o consumo indiscriminado de substâncias, sobretudo para o desempenho físico nas academias com o “culto da aparência” (MORAES, 2015).

De acordo Peter Conrad (2014), o aprimoramento biomédico refere-se a qualquer intervenção que vise aumentar o desempenho físico ou mental. Assim, grupos de pessoas adultas começam a despontar interesse nos produtos que geralmente melhoram a disposição física, seja para o trabalho, para o esporte, na posição social ou da imagem corporal e até mesmo para efeito de ideal viril de masculinidade hegemônica. Segundo Conrad (2014), o uso indiscriminado dos esteroides anabolizantes (EA) aumentou com o discurso da longevidade, sem controle e sem uma atuação eficaz das políticas públicas.

Segundo Oliveira (2005), o argumento usado pelo controle da saúde na obtenção de corpo saudável a partir do consumo exacerbado de suplementos alimentares e das drogas (EA) aquece o mercado farmacológico e valoriza a imposição dos padrões sociais, vinculado ao contexto social do corpo belo, perfeito, “malhado”, com baixa adiposidade, isto é, o modelo hegemônico normatizado (CONNELL, 2013).

Tornando-se formas socioculturais no campo da imagem, destacando-se nos registros

da visibilidade e das cenas de exibição, reduzidas à retórica do narcisismo (Debord, 1991). O autor descreve que o corpo foi reduzido a uma mercadoria na sociedade do espetáculo em que vivemos. Cuidar da aparência corporal é preparar o corpo para ser mostrado, exposto à visão de todos. O espetáculo é o apagamento dos limites do eu e do mundo. Em contrapartida, Lasch (1983) afirma que o lado real do narcisista é a baixa autoestima, que precisa da aprovação do outro através de sua audiência, tendo sua insegurança maquiada quando recebe o aval do outro. Essa concepção molda sua identidade na dependência do outro, iludindo-se na própria ótica de grandeza pessoal.

Sendo assim, nessa concepção, os estudos das ciências, como a Psicologia do desenvolvimento e a Sociologia, irão contemplar a compreensão de como os indivíduos atribuem valores e significados culturais incorporados em suas ações. Na Sociologia, a compreensão está na interação do meio entre o sujeito com o coletivo e com o mundo.

Por sua vez, a teoria das análises psicanalíticas propõe uma compreensão e explicação no âmbito intrapessoal. Segundo Retondar (2014), a psicanálise vai centrar sua atenção naquilo que acontece no interior do indivíduo, fazendo com que este adote determinados valores e significados e não outros.

No fisiculturismo, entretanto, o indivíduo transfere para o corpo toda a expressão dos sonhos, fantasias e desejos, garantindo a ação da realidade viva no sentido de sustentação da autoimagem adotando determinados valores. Assim sendo, na Psicanálise, Freud (1923) afirma que não há separação entre o Ego e o Id, mas que são fundidos com a razão e a paixão, alternando-se na luta para se fazerem presentes nas mais variadas manifestações do sujeito. Freud (1923) destaca que o ego está acima de tudo, como um ego corporal, isto é, uma projeção psíquica sobre uma superfície.

Deste modo, pensar o corpo é compreender que as projeções psíquicas se materializam na forma como ele se apresenta na construção da relação exigida pela cultura e pelo universo social (LASCH, 1983). Logo, deve-se pensar nas questões de ordem social, como paz interior, questões psíquicas, aumento da procura no campo fitness, agrupamento de hábitos saudáveis de vida, como alimentação controlada, práticas de exercícios físicos, danças, corrida. É criar comportamento guiado para relacionar pares ao interior, sendo exclusivamente pessoal e não coletivo, voltado para o narcisismo, concentrando-se no “eu”, unicamente em si, para o autocuidado (LASCH, 1983).

Ortega (2008) enxerga o narcisismo como sendo próprio de uma sociedade hedonista, na busca do prazer e do consumo desenfreado, imperativo da disciplina e do

controle corporal, provocando uma ansiedade e um sentimento de ambivalência. Essa ambivalência retrata o desejo de negar qualquer vontade que atrapalhe a procura pela saúde e pela perfeição de corpo. O autor afirma que o sujeito se transforma para ficar igual ao outro, A insegurança, desejo do sucesso, busca pelo pertencimento.

Para Goldenberg (2007), a construção cultural do corpo promove uma valorização de certos atributos em detrimento de outros, variando o contexto histórico e cultural em que o indivíduo repete atos e comportamentos que são vistos como “sucesso” na obtenção do corpo desejado, passando ser aceito pela sociedade.

O corpo é, portanto, uma produção social que elege sua aparência em um valor moral (MATTOS, 2007). Logo, as representações contemporâneas das normas de beleza excluem o gordo, tornando-o marginalizado e estigmatizado (DURET; ROUSSEL, 2003).

Surge então, a dicotomia entre os corpos “limpos” e os corpos “sujos”, abordada por Vigarello (2006), que vem ao encontro do juízo de valor atual em torno do obeso. Assim, o fisiculturista precisa eliminar a gordura “suja” do seu corpo, tornando-se um corpo “limpo” como forma de poder, de produzir saúde e bem-estar nos padrões da estética identitária.

2.4 A luta da mulher no campo do fisiculturismo

O crescente apelo midiático à valorização do culto da aparência se perpetua de modo que os números de adeptos na fisicultura ganham identidade em busca da ascensão econômica e cultural, possibilitando uma carreira de fisiculturista profissional dentro do esporte. (BOURDIEU, 2004).

Segundo Bourdieu (2014), a vida nas sociedades tem uma dinâmica complexa que pressupõe segmentos sociais que pensam e agem de acordo com lógicas próprias das atividades que desenvolvem em conjunto, criando espaços que se caracterizam como estruturado em posições, cujas propriedades dependem das posições nele ocupadas, podendo ser analisados independentemente das características de seus ocupantes.

Além disso, é um espaço abstrato de posições e relações, onde agentes específicos atuam buscando “troféus”, valores importantes para a disputa de prestígio, notoriedade e glória, formando um novo grupo de poder econômico.

Grupos como esse são definidos por Bourdieu (2014) a partir de várias características, tais como, econômicas (dinheiro, imóveis), culturais (educação e competências

variadas), sociais (relacionamento com pessoas influentes), estético ou corporal (beleza). O autor afirma que os grupos de poder econômicos e culturais se organizam como “dominantes” e definem regras de funcionamento do campo, ou seja, as regras com interesses na conservação de legitimação das distinções hierárquicas.

A conservação da dominação masculina (BOURDIEU, 2014) tem por hierarquia a relação de força, de apropriação com meios de reprodução, da concentração do capital e do monopólio de poder. O pensamento de dominação masculina, presente em grupos heterogêneos no século XXI, apresenta o posicionamento estigmatizante sobre a sexualidade feminina, estimulando as opiniões no senso comum como capital cultural incorporado, da dominação masculina na sociedade patriarcal brasileira, reafirmando o poder hierárquico masculino sobre o feminino (BOURDIEU, 2014)

Nas práticas corporais, como Fisiculturismo, o pensamento dos modelos padronizados imprime o comportamento social de como a mulher deve “ser”. Com a desconstrução do corpo frágil e delicado, passando a um corpo feminino de grande volume muscular, formam-se opiniões negativas a respeito da ocupação das mulheres no campo das práticas corporais. Ou seja, excluir a categoria das mulheres fisiculturistas da ala mais radical (com maior volume muscular) como uma forma de coação atrelada com estigmas, desvios e rotulações sociais para impedir a apropriação dessas mulheres do novo modelo de corpo feminino. A partir do exposto, entende-se que, no Brasil, ao longo dos anos, mulheres brasileiras foram moldadas a serem donas do lar, cuidadoras dos filhos, recatadas, docilizadas e frágeis e submissas (BECKER, 2008)

Essa cultura herdada pelas restrições medievais europeias (GOELLNER, 2005) consolidou-se por um modelo patriarcalista, em relação à dominância exercida pelos poderes sociais, políticos e culturais dos homens com os quais mantêm seus postulados de manobra para não perder seus hábitos de empoderamento (LAQUEUR, 2001).

Nessa perspectiva, ao escrever sobre a dominação masculina, Bourdieu (2014) afirma que ela se encontra reunida em pleno exercício universal, baseado em uma divisão sexual do trabalho de produção e de reprodução biológica e social, que confere aos homens a melhor parte, bem como nos esquemas da sociedade. Uma afirmação da virilidade explícita, na masculinidade hegemônica, nas conquistas amorosas, no mercado de trabalho, com o argumento do corpo forte, próprio para domínio da família e das práticas cotidianas.

Na luta de poder nas práticas cotidianas, as mulheres foram ganhando espaço, mesmo sendo estigmatizadas por grupos conservadores no campo da fisicultura.

Foucault (1987), ao analisar o campo de dominação por uma sociedade disciplinar, seja nas escolas, nos hospitais ou nas prisões, declara que os corpos se rebelam e desafiam o poder dessa dominação sobre corpos frágeis, transforma-se e determinam a sua identidade, reformulando os contextos históricos, culturais, econômicos na arquitetura do corpo feminino. Mesmo em época de difícil acesso ao campo da fisicultura, as mulheres entraram na hegemonia masculina na década de 80, quando havia uma relação muito maior no poder simbólico estruturante dos grupos hegemônicos masculinos, ganharam espaço e continuam lutando pela igualdade dos gêneros (SCOTT, 1989).

Entretanto, na contemporaneidade, as produções das identidades sociais são construídas nas práticas e nas representações (SABINO, 2007), divididas pela categorização de masculino e de feminino, estabelecendo diferenças com desigualdades justificadas pelo racionalismo biológico, na reinterpretação mais radical. Nessa construção do comportamento adaptado ao corpo da mulher brasileira, visa-se modificar, buscando uma reestruturação de um corpo na sua subjetividade para alcançar a prática ascética (Ortega, 2008.).

Segundo o autor, ascética se conceitua como formas subjetivas que podem definir ou não as identidades prescritas socialmente, culturalmente e politicamente. A ascese implica, portanto, na delimitação e reestruturação das relações sociais, desenvolvendo um conjunto alternativo de vínculos sociais e construindo um universo simbólico alternativo (ORTEGA, 2008).

Destaca-se, então, a importância da reestruturação com vínculos nas relações simbólicas do corpo feminino modificado, passando a ser mais valorizado socialmente quando os gerenciadores continuam controlando e exercendo poderes nas práticas ou nas relações de poder no contínuo desempenho das estratégias, ações humanas que garante aos agentes determinantes as eficazes produções do poder e saber (FOUCAULT, 2013).

Logo, a luta da mulher no campo da fisicultura corresponde, para a produção de poder, uma desordem social, uma desordem do corpo biologicamente natural discursos culturais criados na dinâmica do poder masculino pela permanência do poder de acumulação do capital. Assim, para não perder o poder instaurado na sociedade, promovem uma complexidade nas relações de poder para que se obtenha uma identidade social pertencente ao meio.

O antropólogo brasileiro Gilberto Freyre (2015) aponta as modificações do comportamento das mulheres brasileiras como um modelo de beleza: baixa, morena, cabelos negros, longos e crespos, cintura fina, anca (quadril) grande, peito pequeno, afirmando que

esse modelo de beleza brasileira sofreu o impacto norte-europeizante ou albinizante, com o sucesso das belas mulheres altas, loiras, cabelo lisos, peito grande, com corpo menos arredondado. Confirma-se, assim, o comportamento social da mulher europeia.

Esse comportamento na sociedade brasileira acentua-se no século XXI, o corpo que era “natural” passa a ser construído como forma repetida das interações sociais que elegem o comportamento, prestigiando o modelo instituído no universo global da corporeidade nas academias, modelando suas aparências, provocando uma reflexão antropológica, sociológica e psicanalítica no momento de valorização na transformação cultural do corpo e gênero (GOLDENBERG, 2002).

2.5 A saúde, autoimagem na hipertrofia.

Com a crescente importância atribuída à aparência corporal, o alto consumo de produtos mercadológicos tornou o corpo alvo de gerenciamento por dietas, exercícios físicos, academias, cirurgias plásticas e estéticas. Reafirmando a insatisfação dos indivíduos com seus corpos, promoveu a interpretação pelas diferentes áreas do conhecimento, vinculando dimensões aos olhares da complexidade de cuidado ao corpo com o intenso controle midiático da sociedade atual.

A presença constante dos movimentos culturais pela valorização da forma física rigidamente ligada ao processo fundamental da beleza passa a ser medida fundamental presente no cotidiano dos sujeitos. O corpo, portanto, tornou-se a materialização do desejo de prolongar a juventude e, por fim, a própria vida (MATTOS, 2009).

A construção da aparência como valor moral elege a forma física de homens e mulheres no mundo globalizado, mostram suas conquistas realizadas a partir do corpo magro, saudável, belo, viril, premiado através de dietas e de exercícios físicos, inserindo os indivíduos nas normas de controle padronizado pela sociedade ao buscar a construção e a manutenção do invólucro corporal. Exclui, por sua vez, aqueles que são “perdedores infelizes”, marginalizados por não conseguirem fazer parte do mundo da aparência, por não serem capazes de se “libertarem” da gordura (MATTOS, 2009).

A gordura corporal, entretanto, é vista como uma desordem individual, um estigma. O sujeito passa a ser caracterizado por ser fracassado, preguiçoso, sujo, impuro, aquele que

precisa ser excluído, ofende a ordem social, precisa ser, portanto, estigmatizado frente aos valores e sentidos do corpo “limpo”, “musculoso”, “sarado”. Isso mantém o padrão hegemônico da sociedade no processo da lógica da padronização da beleza (MATTOS, 2009). Goffman (2004) associa a aparência corporal a uma marca pelo juízo estético na contemporaneidade, que qualifica o sujeito como bom ou mau, atribuindo valores pelo excesso de peso, identificando o indivíduo gordo como uma pessoa má, descontrolada e sem valor.

Portanto, nas últimas décadas, o corpo passa a ter uma atenção redobrada e vigiada para não ser estigmatizado pela sociedade. Torna-se alvo midiático do discurso de corpo saudável, com alto consumo das substâncias anabolizantes para fins estéticos. Antes, o que era restrito aos atletas e fisiculturistas passa a ser popular com intuito de aumentar massa muscular e diminuir adiposidade (IRIART, 2009).

No Brasil, nas academias de musculação, o uso de anabolizante é predominantemente pelo sexo masculino, na faixa entre 18 a 34 anos de idade, embora sejam escassos os estudos que abordem o uso dessas substâncias e não existam dados epidemiológicos que indiquem a extensão deste consumo (IRIART, 2002).

O uso de anabolizante faz parte da modalidade de Fisiculturismo. Para manter o volume muscular na fase pré-competição, as fisiculturistas precisam perder adiposidade (chegando a ficar de 3% ou 4% da gordura total corporal) e não perder volume muscular. É a fase em que se consome muita proteína e nada de carboidrato, é o corpo em superação. Mulheres Fisiculturistas assumem certos riscos no consumo de esteroides anabolizantes (EA) para se incorporarem às categorias da competição. Nas categorias, o corpo precisa potencializar as modificações do metabolismo muscular, no sentido da aquisição da hipertrofia musculoesquelética. Muitas fisiculturistas mantêm as modificações de forma continuada, com doses diárias de exógenas de testosterona sintética, combinadas com os treinamentos (ESTEVÃO, 2004). Outras, no entanto, permitem ao corpo se reestruturar, fazendo intervalos regulares de acordo com os campeonatos.

A decisão dos intervalos fora das competições é sofrida, a imagem do corpo musculoso leva a uma emblemática reflexão pessoal, traz sentido individual ao convívio no universo da fisicultura, “parar” de consumir suas “bombas” indica perdas e valores centrais refletidos ao longo do tempo, como esforço individual dentro e fora das academias de musculação. Para a fisiculturista significa a perda do pertencimento ao meio social (tribo).

O consumismo permite aos indivíduos acúmulos de capital material e simbólico,

instituindo a inserção social na autoestima e exteriorizando a subjetividade. Portanto, as fisiculturistas hipermusculosa tornam-se dependente do uso contínuo do consumo de (EA), mesmo fora das competições, por ter significado de pertencimento ao meio. Como se pode notar na fala de uma ex-fisiculturista entrevistada que parou de consumir (EA) para ter seu primeiro filho.

[...] não vejo a hora de voltar para meus treinos, tomar minhas “bombinhas” e ficar com minha tribo, sinto muita falta disso... Por mais que as pessoas falem que estou mais bonita... Não sinto isso, quero voltar e me sentir bem comigo mesma [...]. (B, 40 anos, Graduada e Empresária).

Goffman (2004) explica como os estigmatizados procuram se relacionar com outros do mesmo grupo, procurando ter acolhimento e sentirem iguais, seguros, pois os iguais não atribuem diferenças e nem classificam os seus comportamentos.

Sendo assim, é comum a continuidade do consumo de esteroide anabolizante (EA). Parar de consumir é perder estímulo, perder o sentido de treino. A realidade do corpo natural não faz mais sentido para as fisiculturistas, pois a sua identidade é o corpo moldado, já que a existência desse corpo construído traz para o exterior a subjetividade. O consumo das (EA) torna-se constante, pois o corpo belo não pode ser vivido só em um dia.

Assim, para entender os sentidos dessa expressiva forma de pertencimento, faz-se necessário compreender o culto a aparência do espetáculo que permite ao indivíduo ter uma identidade social e mostrar que pertence ao mundo atual.

Goffman (2004) compreende que esse comportamento se trata de um resgate da categoria de “coerção social”, não com forma de violência (multas ou prisões), não com poder de imposições de leis, mas com forma de pertencimento definindo exatamente o que “sente” e o que “busca” uma fisiculturista quando pertence ao mundo do empoderamento do corpo como uma identidade.

2.6 Educação Física corpo saudável.

A história da Educação Física brasileira sempre foi demarcada com intervenções políticas, econômicas, educacionais. Durante o século XIX, médicos elaboraram um conjunto de propostas com projetos referentes à saúde coletiva e individual (PAIVA, 2004). No início do século XX, era conhecida como educação física militarista incorporado no plano civil a

partir do conhecimento médico. A saúde e a virilidade como representação de força acabariam tendo resinificado em uma perspectiva nacionalista/patriótica (BRACHT, 1999; COSTA; VENÂNCIO, 2004). O que antes era a ideia de uma Educação Física visando a saúde dos indivíduos e a saúde pública, passa a ser relegadas em detrimento da saúde da Pátria (GHIRALDELLI JÚNIOR, 1988). Com grande influência positivista, o homem passa a ser compreendido como um “ser” puramente biológico e orgânico que precisava ser disciplinado, domesticado (SANTOS 2010), priorizando a dimensão física e biológica no que se refere ao corpo. Homens e Mulheres recebiam instruções diferentes de ginástica, de modo a fixar no corpo da mulher restrições, perpetuando a lógica binária dos papéis sexuais de comportamento instituídos para outro sexo (SOARES, 2001).

Portanto, o fruto da biologização descrita por Laqueur (2001) no século XVIII imprimiu fortemente o ideário burguês da construção dos papéis sociais no contexto brasileiro que, durante a década de 1960, teve sua impressão fortificada no controle na saúde física e moral feminina para a preparação do corpo no desempenho de reprodução, permitindo a mulher ocupar o seu lugar privado, domesticado, apoiado predominantemente nas ciências biológicas do século XVIII.

Logo, o corpo segundo Luz *et al* (2009) pode ser compreendido de uma forma integral, como algo que, ao mesmo tempo em que se constitui como um todo, uno, é constituído por aspectos múltiplos que se realizam e se expressam em suas relações sociais. Assim, as práticas corporais desencadeiam inúmeras reflexões, sendo inesgotáveis as fontes de pesquisas nas diversificadas áreas do conhecimento.

As reflexões promovem compreensão dos fenômenos sociais produzidos com os discursos de corpo saudável, estando associadas à realidade vigente na sociedade, considerando duas questões: a primeira relacionada diretamente com a perspectiva da macroeconomia, submetida às leis econômicas capitalistas globalizadas e a segunda na perspectiva socioantropológica do processo de transformação cultural (CARVLHO *et al.*, 2009).

Portanto, os modelos corporais superexpostos pelos meios de comunicação contribuem para a ótica das relações de mercado, exercendo controle no que “deve” ou não “deve fazer” para preservar a valorização da padronização da estética corporal na ordem social. Boltanski (1989) considera que pessoas de classes populares se esforçam para obter imagens semelhantes às da classe dita superiores, repetindo seus comportamentos de acordo com as imposições sociais dentro do contexto de cada sociedade, seguindo as regras

normativas dos modelos vividos de outras classes sociais (MAUSS, 2003). Assim, com as imagens de corpos bronzeados, musculosos, belos, saudáveis amplamente divulgadas pela mídia, vendem imagens de como se deve ser para fazer parte do discurso de bem-estar social.

Segundo Luz *et al* (2007), deve-se vencer as tentações em nome de possuir um corpo saudável. Assim, as características atribuídas à preocupação em fazer exercício físico são definidas como a imagem ideal de corpo “sarado”, que apresenta ter “saúde”, não possuindo mais a valorização dos benefícios que são fundamentais para a legitimação de uma qualidade de vida. Atualmente, no contexto social, a norma dita a aparência esperada de todos os indivíduos, imposto na Educação Física, ao discurso do saber da ciência da saúde.

Deixa-se uma lacuna repleta de afetos na aquisição dos hábitos de vida dos sujeitos, não só biológicos, mas também, incontestavelmente, sociocultural (MATTOS, 2014). Portanto, ao iluminar as lacunas no contexto sociocultural, repleto de sentidos e significados, as práticas corporais, contempladas pela Educação Física entre saberes e práticas, são fundamentais nas interdisciplinaridades relacionadas as áreas: Sociologia, Antropologia, Filosofia, Psicologia e a Política que possibilitam o enriquecimento na compreensão dos fenômenos de grupos sociais contemporâneos.

Os diferentes grupos sociais utilizam representações que forjam suas identidades. As práticas corporais dão sentidos para os agentes sociais conciliarem com o processo estruturalista da ordem das interações fortalecendo inúmeras possibilidades de reconhecimento e sentidos dos corpos, signos, códigos, que são marcas pelas suas experiências. Resinifica a naturalização do homem.

3 MÉTODOS

Foi realizado um estudo qualitativo de natureza etnográfica com utilização de técnicas qualitativas como entrevistas formais e observação participante em uma academia de musculação de classe média do bairro do Flamengo, na zona sul da cidade do Rio de Janeiro, com 15 mulheres fisiculturistas. A pesquisa de campo desenvolveu-se no período de um ano a partir do parecer favorável pelo Comitê de Ética no dia 03/07/2018 a 03/07/2019, e do parecer favorável do Consentimento Livre Esclarecido Institucional (APÊNDICE B) do diretor da academia de musculação. A pesquisadora, a partir dos pareceres favoráveis, tomou todos os cuidados necessários para a preservação da identidade das participantes, além de todo esclarecimento acerca dos objetivos da pesquisa, a realização, duração, possibilidade de desistência em qualquer momento e a garantia do sigilo das informações fornecidas, em caso de divulgação científica dos dados analisados através do Consentimento Livre Esclarecido (APÊNDICE A).

Foi dividida em duas fases. A primeira fase foi composta por entrevistas informais não estruturadas (abertas), com informações coletadas e analisadas através da literatura socioantropológico, (GOFFMAN, 2004; WACQUANT, 2002).

Na segunda fase, as entrevistas formais¹⁴ foram desenvolvidas com roteiro

¹⁴ Mattos (2016) entrevista informal, não estruturada (aberta) tem objetivo eminentemente exploratório e não segue roteiro preestabelecido, ou seja, o entrevistado fica livre para expressar seus relatos e opiniões sobre determinados assuntos que serão registrados em diário de campo. Entrevista estruturada, fechada ou formal se desenvolve com apoio de uma relação de questões predeterminadas e invariáveis quanto à ordem e à redação para todos, trata-se de buscar superar, pela padronização a variedade de respostas obtidas nas entrevistas não estruturadas. Permite estudos comparativos entre os grupos e subgrupos (p.77-84);

Duarte (2008) caracteriza entrevista aberta por ter um tema central que flui livremente, sendo aprofundada em determinados aspectos significativos pelo entrevistador, enquanto o entrevistado define a resposta segundo seus próprios termos, utilizando sua referência de seu próprio conhecimento. Nas entrevistas fechadas (formais) é realizado a partir de questionários estruturados, de modo que seja possível estabelecer uniformidade e comparação entre respostas (p. 215);

Gil (2002) entrevista informal é recomendado nos estudos exploratórios, que visam abordar realidades pouco conhecidas pelos pesquisadores, É um tipo de entrevista que se distingue da simples conversação para obter objetivo básico a coleta de dados. A entrevista estruturada desenvolve-se a partir de uma relação fixa de perguntas com roteiros (p.109)

Prodanov *et al.*, (2013, p.106) as entrevistas são técnicas de levantamento de dados primários e dão grande importância à descrição verbal de informantes. Os dois apresentam vantagens e desvantagens que o pesquisador deve levar em conta no momento de escolher a técnica a ser aplicada no seu projeto. Na entrevista estruturada: o entrevistador segue roteiro preestabelecido. Com padronização para comparação de grupos de respostas; não estruturada: não exige rigidez de roteiro; o investigador pode explorar a entrevista abertas em qualquer direção.

(APÊNDICE C) que auxiliaram na construção da pesquisa, permitindo uma interpretação por meio da análise de conteúdo de Bardin (2011), realizadas através das entrevistas formais no espaço reservado para lanches dentro da academia, em horários alternados pelas fisiculturistas durante uma hora. Antes de cada entrevista formal, aceita pelas fisiculturistas, a pesquisadora deixou duas vias assinadas do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, sendo entregue uma via no final da entrevista a fisiculturista. Além das entrevistas, as atletas responderam um questionário socioeconômico (APÊNDICE D) que buscou obter informações do perfil de cada fisiculturista: idade, sexo, naturalidade, estado civil, filhos, profissão, bairro, cidade onde mora, renda e escolaridade.

Além da observação etnográfica dentro da academia, foi também realizada em campeonatos de Fisiculturismo. Na 1ª fase do campeonato Mr Rio, em 12 de maio de 2018, com valor de entrada de cinquenta reais e na 2ª fase do campeonato Mr Rio, em 09 de junho de 2018 com o mesmo valor, no horário de 14h às 21h. O evento ocorreu no Tijuca Tênis Clube, bairro da zona norte da cidade do Rio de Janeiro.

O outro evento de Fisiculturismo observado foi o terceiro Campeonato em Mr Petrópolis, em 22 de setembro de 2018, com o valor vinte reais, das 14h às 21h, Petropolitano Futebol Clube, na cidade de Petrópolis do Estado do Rio de Janeiro (ANEXO B).

Os apontamentos em diário de campo foram fundamentais para as análises interpretativas das investigações durante a pesquisa. Todas as anotações foram processadas para que a pesquisadora tivesse o encadeamento de suas futuras ações pelas avaliações com incorreções e imperfeições ocorridas no final do dia de campo.

A pesquisadora é matriculada na academia de musculação e praticou treinamentos diários, com dietas e suplementação alimentares, permitindo uma aproximação com a realidade das fisiculturistas em diferentes horários: manhã, início da tarde e noite, todos os dias da semana, de forma a conhecer o cotidiano e a rotina das fisiculturistas.

Estes elementos foram facilitadores para imersão da dinâmica e da interação social com as fisiculturistas permitindo maior aproximação com conversas informais e possibilitando uma maior realidade cotidiana com contato direto e regular, garantindo uma descrição densa (GEERTZ, 2008). O intuito foi de realizar um detalhamento manifestado empiricamente do cotidiano e suas relações como forma de interpretação das análises observadas (MALINOWSKI, 1976).

A realização das entrevistas junto ao campo etnográfico foi estratégia para criar laços de reciprocidade, amizade, afeto com as participantes, além de ajudar a compreender os aspectos plurais e dinâmicos que envolvem valores, crenças, normas e condutas na representação dos indivíduos nas interações sociais e obter provas dos objetivos dessas interações sobre os quais os indivíduos muitas vezes não têm consciência, mas que orientam seu comportamento (BONI *et al.*, 2005).

Os autores (MATTOS, 2016; DUARTE, 2008; GIL, 2002; PRODANOV *et al.*, 2013) afirmam a importância das entrevistas como instrumentos de coleta de dados, com objetivo principal de obter informações sobre determinado assunto ou problema, relacionada ao fato, em que por meio do relato verbal, obtenha-se avanço do conhecimento, crenças, motivações, experiências, planos e atitudes dos indivíduos, produções de prática efetivas mediante certos problemas.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido Institucional foi assinado em duas vias pelo diretor da academia de musculação que concordou com a observação etnográfica e com as entrevistas. O projeto foi submetido ao Comitê de Ética do Hospital Universitário Pedro Ernesto (HUPE) no dia 04 de março de 2018. Foi aprovado no dia 03 de julho de 2018. CAAE: 87604218.6.0000.5259.

3.1 **Etnografia na academia e nos campeonatos.**

Ao entrar no Programa de Pós-Graduação em Ciências do Exercício e do Esporte em 2017/2019, despertei para o fato de ter vivido em 1987/1989 com um grupo de halterofilias, homens e algumas mulheres fisiculturistas dentro do Clube de Natação e Regatas Santa Luzia¹⁵ na cidade do Rio de Janeiro, localizado no final do Aterro do Flamengo, perto do Aeroporto Santos Dumont. Um Clube com grande nome pela sua importância relacionada aos esportes náuticos, polo aquático, boxe, halterofilismo entre outros.

Nesse grupo a maioria dos casais tinha o mesmo objetivo: conquistar pelos corpos ascensão econômica nos Estados Unidos como atletas fisiculturistas e halterofilistas. O corpo espetacularizado trazia oportunidade para ascensão cultural e econômica, principalmente por jovens que queriam deixar o país em busca de oportunidade, assim como Arnold

¹⁵ Clube de natação e regatas santa Luzia Av. Alm. Silvio de Noronha, 300 - Centro, Rio de Janeiro - RJ, 20021- 010, telefone: 2524-3427. <http://www.clubessantaluza.com.br/clubessantaluza/contato.asp>

Shwarzenegger. De acordo com Bourdieu (1986), grupos ganham notoriedade com a produção e aquisição de bens culturais, com a valorização do corpo, com status, estão intimamente ligados ao consumo de bens simbólicos e em tipos específicos de estilo de vida, consolidando a integração do sujeito na artificialização dos valores estéticos, dentro da contemporaneidade como forma de poder normalizador dos modelos sociais.

Entretanto, os corpos normatizados plastificavam-se no contexto social ressurgindo como local criativo pela identidade (MATTOS, 2014). E ao conviver com pessoas de diferentes classes sociais, principalmente em um clube de renome, percebi que o corpo logo ganha notoriedade quando esse vincula sua identidade pela valorização do corpo.

O Clube é em um lugar de fácil acesso e, por ser perto do centro da cidade do Rio de Janeiro, a academia permanecia cheia. Em 1987, eu treinava para competir triátlon, que são três modalidades em uma competição: natação, corrida e ciclismo. Portanto, precisava de um lugar de fácil acesso para meus horários alternados, por isso o clube me proporcionou comodidade e liberdade nos horários para o treinamento de natação para ganho de condicionamento e mais tarde nadar no mar. A corrida de longa distância em dias alternados era bem mais fácil, pois saía de casa pelo Aterro do Flamengo e corria até o Clube, e as madrugadas, deixava para pedalar. À noite ir academia, onde passei a observar que havia maior movimento de homens em relação a mulheres.

Não pude entender o porquê daquela diferença e, ao longo dos anos, foi aumentando a minha curiosidade. Em 1988, o fitness estava em alta e percebi que nesta academia havia bastante preconceito com mulheres solteiras que treinavam para fisicultura. Mais tarde veio o entendimento dessa narrativa. No campo de dominação masculina tudo “pode”, o corpo com expressiva hipertrofia como um “monstro” não causava espanto na sociedade. Como Laqueur (2001, p.5) “mesmo sem pênis este será sempre homem” este corpo precisa “ser” musculoso, forte e viril, possuidor da normatividade e heteronormativo social. Não podemos esquecer que ao longo da história no Brasil a disciplinaridade e o patriarcalismo foram incorporados aos corpos militaristas (CANCELLA, 2013). Para as mulheres, no entanto, o pensamento era mantido pelas diferenças sexuais. Logo, se observava-se o maior número de homens na academia de musculação, principalmente nessas academias mais antigas.

Não poderíamos deixar de mencionar o pensamento idealizado por muitas mulheres, que ao conversarmos diziam que a academia não era um ambiente propício para elas. As academias eram “símbolo de masculinidade”, cheiro de suor, ferrugem, não era lugar para mulheres frágeis, conservadoras, domesticadas, refletindo o poder instituído pelos homens em

seus pensamentos, ações, em suas frases feitas quando diziam que as mulheres que malhavam ali eram “fáceis”, “prostitutas”, “vagabundas”, “mulheres direitas, não iam para aquele lugar”.

Mesmo com toda dificuldade as mulheres mostravam interesse no empoderamento da fisicultura para modelar seus corpos e serem possuidoras de uma identidade social, reconstruindo sua história na sociedade e no campo esportivo.

Embora sofressem violências simbólicas, algumas mulheres reiteravam a ideia de conquistar sua identidade com a modelagem do corpo na prática de Fisiculturismo, assim como Wacquant (2002) retrata o cotidiano dos guetos, onde os negros modelavam seus corpos com treinos lancinantes na rotina da academia por uma conquista no ringue. Os sujeitos da academia Santa Luiza eram marcados por estigmas por serem pobres, negros, brancos, mulheres, embrenhados ao único objetivo: lutar por uma identidade social, modelar seus corpos para fazer parte da complexidade humana nas práticas corporais na contemporaneidade. Assim, o local permitia o acolhimento com sentidos (LUZ, 2003).

O espaço da academia se transformava em sentido único, de forma que doutores, estivadores, marginais e policiais conviviam com respeito, em uma significação completa, uma transformação de valores humanos pela convivência social e, até mesmo da sexualidade, em proveito do individualismo de um solo sagrado, em busca do poder na reconstrução do corpo. O Clube Santa Luzia era referência na modalidade de Remo, obtendo 35 medalhas de ouro, 221 de prata e 260 de bronze entre 1897 a 1908, teve em seu leque de conquista a participação da atleta Marlene Pinheiro, a primeira mulher a ganhar o campeonato de Fisiculturismo em 1984.

Em 1989, o salão de musculação possuía uma vista arquitetônica de beleza natural. Um espaço tranquilo, muito amplo, muitos pesos, anilhas, máquinas com roldanas, com cheiro de maresia e ferrugem. O cheiro da maresia se misturava com o cheiro de suor e lavanda. Poucas mulheres “malhavam”, mas foi nessa academia que a primeira mulher carioca subiu ao palco e venceu o primeiro campeonato de fisiculturismo brasileiro, deixando sua marca na história. Mesmo com o avanço das mulheres na modalidade do fisiculturismo, homens achavam que a prática não era lugar para mulheres, com a cultura enraizada de que só homens podiam ter músculos, ficar “monstros” da cintura para cima enquanto as mulheres deveriam permanecer em casa cuidando dos filhos.

Para a maioria dos malhadores as mulheres eram vistas com seus corpos naturais para serem desejadas e apreciadas. Os homens deveriam ter corpos musculosos, a mulher não. Os homens queriam ter volume máximo no braço, principalmente no bíceps, o desejo era

simplesmente ficar igual ao Arnold Shwarzenegger, ser um “Conan, o Bárbaro”, um “mito” o mais rápido possível, fazendo uso de drogas ilícitas sem nenhum cuidado com a saúde. Os médicos que pertenciam a este solo sagrado não se pronunciavam como médicos eram todos iguais e faziam parte desse ritual social. As mulheres tinham que fazer natação, ficar entre mulheres, cuidar dos filhos, fazer alongamento. Esse era o pensamento, principalmente à noite, como eles falavam: “era só para machos”, “só para aqueles que realmente gostavam de levantar muito peso”. As poucas mulheres que treinavam à noite (podia-se contar nos dedos) achavam tudo normal, já estavam acostumadas com as falas altas, discursões, risadas, palavrões e as “bombas¹⁶”. Os seus risos se misturavam aos barulhos dos pesos sendo jogados ao chão, os ruídos eram muitas vezes abafados pelos gritos ouvidos saindo do banheiro pelas agulhadas de variadas bombas injetáveis, as pessoas achavam graça. A agulha era o pior inimigo.

Era um ritual, antes de tomarem uma bomba aplicada, eles se acalmavam com uma “tapinha na maconha” do lado de fora da academia. Ali dentro era um lugar sagrado e todos respeitavam o professor de Educação Física, que era um senhor de cabelos grisalhos, negro, forte, que tomava conta de tudo. As bombas eram comuns e se compravam nas farmácias, em lojas de suplementação, amigos, produtos fáceis de achar.

O treinamento, apesar da existência dos professores de Educação Física na sala de musculação eram os vídeos do Arnold Shwarzenegger, com seus treinos e rotinas que motivavam homens e mulheres aficionados pelos músculos.

Em 1987, mulheres que treinavam para o fisiculturismo no Clube Santa Luzia eram olhadas como mulheres masculinizadas, feias, muitas vezes eram vistas como travestis. Era constrangedor quando homens e mulheres expunham suas ideias fixadas e autoritárias com argumentos que denegriam a imagem das mulheres que gostavam de treinar pesado.

Observa-se que as ideias fixadas e autoritárias continuam rígidas em 2019, repletas de acusações morais, violência simbólica fortemente engendrada com o poder hierárquico heteronormativo no comportamento social. A não aceitação social das subjetividades vividas por todos aqueles que não preenchem as normas heteronormativo são perseguidos como desviantes sociais tanto na política de gênero como nas religiões.

¹⁶ Bomba: gíria usada pelos frequentadores de academia de musculação, com o significado de esteroides androgênicos anabólicos, é uma classe de hormônios esteroides naturais e sintéticos que promovem o crescimento celular e a sua divisão, resultando no desenvolvimento de diversos tipos de tecidos, principalmente muscular e ósseo. (BOTELHO,2004, p. 17).

De 2017 a 2018 vivenciei como é ser estigmatizada de forma desagradável e nociva quando decidi treinar para aumentar o volume muscular da forma como sempre quis ser, direcionando meus treinos, deixando de ser apenas “marombeira¹⁷” e passando a treinar para aumentar o volume da musculatura, modelando o corpo como eu queria ter, com dietas, superação da dor, cansaço físico. Deparei-me com os olhares de homens e mulheres fora da academia, amigos, familiares que questionavam o meu corpo, a minha imagem. Percebi que ser mulher têm que estar dentro dos padrões de normalidade e a feminilidade.

Portanto, para poder compreender o estigma do corpo das fisiculturistas incluí atividades etnográficas com observações diretas e participantes dentro da academia de musculação com grupo de fisiculturistas mulheres embasada com o referencial teórico-conceitual (MALINOWSKI, 1976; WACQUANT. 2002; GERTTZ. 2008; GOFFMAN. 2004).

Aprofundei-me nos relatos dos estigmas sofridos pelas fisiculturistas para mostrar como a cultura social imprime e controla o indivíduo na forma de como ele deve “ser e fazer”.

Sou matriculada na academia de musculação desde 2012. Em 2019, comecei o Projeto de Mestrado para o Programa de Pós-Graduação em Ciência do Exercício e do Esporte. Logo comecei a pesquisa pelos meus contatos - os professores de Educação Física com quem já tinha amizade de longo tempo - para dar início as atividades etnográficas com observação dentro da academia, no bairro do Flamengo, na zona sul da cidade do Rio de Janeiro. Após obtive o parecer favorável pelo Comitê de Ética e, também a aprovação do Consentimento Livre Esclarecido Institucional do Diretor da academia.

Assim, não tive problemas em começar logo com as observações. Todos os participantes foram esclarecidos acerca do público-alvo da pesquisa, os objetivos e a atividade a ser realizada. Como já conhecia os professores de Educação Física que possuíam experiência em treinar fisiculturistas mulheres, permitiu-se a minha aproximação com as atletas.

Mas senti que faltava mais interação, amizade para que eu pudesse me aprofundar nas conversas com as fisiculturistas. Logo, foi evidenciando o porquê dessa dificuldade com

¹⁷ “Marombeiros”. São definidos pelos fisiculturistas ou os praticantes de musculação que ostentam forma física com musculatura consideravelmente acima da média. A palavra deriva de maromba, vara ou barra que o funâmbulo usa para se equilibrar na maromba, que, vem a ser a corda na qual caminha. Maromba pode também estar relacionado ao peso com o qual o funâmbulo se mantém em equilíbrio. Como no fisiculturismo e halterofilismo são utilizadas barras com pesos (halteres) removíveis nas extremidades, não é difícil perceber a associação da imagem do homem que ainda na corda bamba, utilizando peso para se equilibrar, e daquele que utiliza pesos para aprimorar sua forma e construir sua identidade social (SABINO, 2002, p. 3).

as mulheres e não com os homens fisiculturistas. As mulheres são muito competitivas e, no caso das fisiculturistas, muitas delas são atreladas ao status e se distanciam de outras pessoas que não estão ao nível de sua representação social. Portanto, só consegui a aproximação por intermédio de uma amiga fisiculturista bem descolada, que ainda treina, mas que largou as competições para ser tornar “mãe”. Essa fisiculturista tinha contatos com muitas fisiculturistas que estavam competindo. Assim, pude entrevistá-las e ter aproximação tanto com as fisiculturistas que ela conhecia dentro da academia quanto nos campeonatos de fisiculturismo.

Confesso que a dificuldade me pegou de surpresa, afinal, eu estava sempre na academia, mas entendi o porquê da dificuldade. Eu não pertencia ao mundo das fisiculturistas, ou seja, mesmo estando com o “shape” no padrão das atletas, eu não fazia parte dessa tribo (MAFESOLI, 1987), só faz parte quem compete ou os que estão em foco, aqueles que têm um Coach conhecido. Isso faz perceber que o estigma é uma luta constante de quem é estigmatizado e de quem estigmatiza. Assim, quem não pertence a “tribo” acaba estigmatizada, não por todas, algumas mulheres fisiculturistas, mesmo sabendo que representam um coletivo social, são mais dispostas a simplicidades. Outras, no entanto, o empoderamento é perceptível, o glamour, as poses para fotos, a mídia, transformam o simples em uma simbólica representação de valorização da aparência hierarquizada do corpo construído para ter uma identidade. Portanto, no primeiro momento, causou-me estranheza, tanto na academia como nos campeonatos, mas logo percebi que o poder do *status* (para algumas pessoas) provoca distanciamento dos indivíduos, ainda mais se não possuem *status*, principalmente com as já foram campeãs e que agora são treinadoras (Coach).

Lembrando o que relatava Geertz (1989, 2008), que em sua experiência em Bali, “ninguém nos via”, “era como se fôssemos vento”, assim, pude compreender o que significava a etnografia em suas palavras e o porquê do esforço intelectual e das sutilezas que surgiam através das conversas e observações na elaboração da “descrição densa” (GEERTZ, 2008 p. 4). Muitas sutilezas apareciam, uma delas foi o entendimento da dificuldade na aproximação com as fisiculturistas, outras sutilezas são os fenômenos sociais que se repetem constantemente nos apontamentos diários observado na construção social. São as conformidades com o conceito de cultura¹⁸ utilizado por Kluckhohn (1968), é um mecanismo

¹⁸ Kluckhohn define a cultura como: (1) “o modo de vida global de um povo”; (2) “o legado social que o indivíduo adquire do seu grupo”; (3) “uma forma de pensar, sentir e acreditar”; (4) “uma abstração do comportamento”; (5) “uma teoria, elaborada pelo antropólogo, sobre a forma pela qual um grupo de pessoas se comporta realmente”; (6) “um celeiro de aprendizagem em comum”; (7) “comportamento aprendido”; (8) “um mecanismo para a regulamentação normativa do comportamento”; (9) “um conjunto de técnicas para se ajustar tanto ao ambiente externo como em relação aos outros homens”; (10) “um precipitado da história” (GEERTZ *et al* KLUCKHOHN, 1989 p. 14).

para a regulamentação normativa do comportamento, um comportamento que se regulamenta nas normas sociais entre o pensamento feminino, a competitividade entre si. Muito mais do que os homens, observado dentro da academia de musculação e nas competições de fisiculturismo.

Os homens são mais moderados, ligados ao volume muscular, aos músculos que estão mais videntes. Entre as mulheres a competição se estende para outras desavenças, até mesmo fora das competições. Assim, ao pesquisar sobre esse fenômeno social, pude entender que a construção histórica da mulher era domesticada, docilizada, fruto da imposição social devido a construção binária em que meninas ficavam em casa brincando de casinha, enquanto os meninos brincavam de correr, lutar, andar de bicicleta. Homem público e mulheres privadas (HARAWAY, 2004).

Portanto, essa competitividade extrema entre as mulheres tem um peso histórico. Como a liberdade de expressão e dos direitos iguais a mulher passa a ocupar espaços de empoderamento e, dentro das práticas corporais configura na competitividade. Essa observação me possibilitou compreender melhor a relação das desavenças e até mesmo de rompimentos de amizade entre as fisiculturistas. E, por outro lado, ficou clara também a distinção feita por elas em relação a outras mulheres “normais” quando se aproximam.

Goffman (2004) identifica esse tipo de encenação evitando colocar em público seus interesses, com seus códigos secretos, olhares, gestos, como um ciclo reproduzido nas configurações atribuídas as características de como “ser” e “fazer”, ou seja, o estigma sendo reproduzido na tribo para a sociedade.

A coerção social representada coletivamente pelas fisiculturistas leva aos “normais” o desejo de quererem fazer parte do mundo da corpolatria. E a pergunta era: como fazer parte? O corpo sem gordura, sem o inimigo cruel de todos os tempos, transformado pela mídia na “grande saúde”, produzindo uma histeria coletiva do *shape* sarado, perfeito, belo (para alguns), o auge da identidade normatizada. Principalmente para mulheres de meia idade que perguntavam o que era preciso fazer para aumentar a massa muscular (já que a idade nos proporciona uma queda de massa magra), ocasionando o aumento de gordura corporal. O que é preciso consumir? Qual era a melhor? Onde comprar? Foi em uma dessas conversas que percebi que estava quase pronta para subir ao palco e ser uma fisiculturista. Resolvi falar com um árbitro de Fisiculturismo, um Coach que treinava algumas pessoas, pois como era árbitro, não poderia ser avaliador de sua atleta.

Sendo de grande ajuda para entender como fazer para participar dos campeonatos, já que treino há mais de quinze anos e como ele disse: “isso faz diferença”, pois não ia precisar

treinar mais do que já treino para subir ao palco, só precisava saber em qual categoria poderia entrar acima dos 50 anos. Fiquei surpresa quando ele me disse que poderia escolher em qual categoria entrar e que achava que meu corpo estava melhor para Woman's Physique, porque essa categoria tinha poucas candidatas e ficaria mais fácil de conquistar o primeiro lugar ou a Body Fitness.

No segundo momento, precisaria contratar um profissional para treinar a entrada no palco esse fato é muito importante (conta muito a boa entrada no palco, com charme e beleza) as posições (regras fixadas para todas as categorias), pois, afinal, as mulheres ainda são avaliadas por beleza, pelo charme e feminilidade.

Logo, me veio à pergunta: porque a categoria Woman's Physique tem poucas candidatas? Essa categoria é nova, começou em 2014. A resposta estava em meus apontamentos, observei as expressões da plateia quando subiu ao palco uma fisiculturista que é da categoria Woman's Physique, só que ela se apresenta fora do Brasil. O seu volume muscular é maior, principalmente quando está se preparando para um campeonato. Essa fisiculturista estava ali só para entregar os troféus. Quando ela passou pelo corredor e subiu ao palco, a manifestação do público (os que não eram fisiculturistas) foi constrangedora. Alguns riam abaixando a cabeça, fazendo o movimento "não é possível", outros se cutucavam achando absurdo aquela mulher tão grande, mulheres e homens rindo histericamente, muitos olhares de reprovação. As mulheres hipermusculosa são vistas como desvios/, como o Goffman (2004) afirma, a sociedade critica as contínuas subjetividades vividas em qualquer contexto social, não há aceitação social para o novo modelo.

Principalmente quando se fala em mulheres musculosas, o corpo é alvo do ser diferente. Há, no entanto, algumas observações para serem discutidas. O homem com o corpo musculoso é sinal de virilidade e saúde. Esse pensamento se difere quando o homem possui um grande volume muscular (acima do que é previsto fisiologicamente) esse passa a ser estigmatizado assim com as mulheres. Entretanto, percebe-se que o estigma é muito maior em mulheres, sendo vistas como mulher-macho pelo senso comum. De acordo com Laqueur (2001, p.8), "homens supostamente continuam a serem homens mesmo sem pênis, e as tentativas científicas para determinar o sexo definitivamente, como acontece no teste do Comitê Olímpico de configuração cromossômica das células da cavidade bucal, levam a resultados ridículos". Portanto, tentativas de conhecimento entre a diferença sexual ainda é um fato a ser discutido, o que não se pode negar são os fatos biológicos dos corpos.

Assim, observamos que muitas mulheres fisiculturistas de grande volume muscular tiveram seu número de participante reduzido principalmente na modalidade que exija muita

hipertrofia muscular por não serem aceitas socialmente deixando de lutar como na década de 1980, continuando com o conceito de corpo padronização das práticas bioascética.

O processo para ser uma fisiculturista é muito dispendioso, a idolatria incorporada aos costumes com a aparência física, em homens e mulheres, reflete-se, segundo Malysse (2002), no grande crescimento de mercado de cosméticos, cirurgia plástica e consumo de substâncias químicas de variadas naturezas (SABINO, 2004), para corrigirem as imperfeições e transformar o corpo em uma “Grande Saúde” (SFEZ, 1996).

A valorização do corpo tem o objetivo de garantir a beleza e a feminilidade. De acordo com a regra da categoria. Tatuagem só pequena, as maiores não são apreciadas pelos árbitros, (argumento é que esconde os grupos musculares). A maquiagem é obrigatória, os cabelos bem feitos (pintados e escovados). Tudo tem que está em perfeita harmonia como o antigo concurso de Miss Brasil, com muito glamour, para fazer parte de toda a perfeição ao corpo.

Ao observar os campeonatos de fisiculturismo, pude notar que as mulheres da contemporaneidade vivem como sustenta Geertz (1978, p.5) na cultura engendrada pela “teia de significados que o próprio homem teceu” impostas, sem quebra de normas. Quando uma atleta de uma determinada categoria não está de acordo com as regras instituída às outras, muitas vezes, desaprovam sua atitude, consolidando o modelo dos anseios contextualizados no tempo. Assim tendemos a nos comportar, nos controlar, nos disciplinar para sermos inserida no contexto social, uma forma bioascética da atualidade.

Na academia, algumas mulheres fisiculturistas representam o reflexo do processo de padrão de beleza, portanto imperam de forma soberana, possuidora de saúde e perfeição do corpo, agem hierarquicamente como sendo absolutas, mostrando os corpos para serem copiados, liberto de seu inimigo crucial: a gordura.

Contudo, existe dois tipos de fisiculturistas: aquelas que modelam seus corpos, porque gostam de viver suas subjetividades, estando bem consigo própria sem se importarem com a mídia, caso aconteça é consequência do trabalho bem feito. Para outras, há necessidade expressiva de aparecer na mídia, ser fotografada, lucrar com *selfs* no Instagram, ser patrocinada e ficar socialmente conhecida, ter *status* para ser valorizada pelo espetáculo numa exibição pública.

E dentro dessa construção de identidade, observa-se uma luta hierárquica entre as categorias de fisiculturistas, ao mesmo tempo em que todas fazem parte da estética da corpolatria, existe uma disputa de poder simbólico (BORDIEU, 2004). O fisiculturismo feminino está dividido em algumas categorias mais conhecidas: Woman’s Physique, Body

Fitness, Wellness e Biquíni. Cada categoria tem sua peculiaridade, peso, hipertrofia, altura, forma de se apresentar etc. A atual categoria Woman's Physique é a que possui mais volume muscular. Quando falo da luta entre elas, estou me referindo ao pensamento sobre o que é 'ser Fisiculturismo de verdade', como falam as antigas atletas (mulheres e homens).

Um atleta das antiga comenta sobre esse fato importante no fisiculturismo. Fernando Sardinha¹⁹ (conhecido como Sardinha), fisiculturista desde 1985, fala sobre os estigmas sofridos, as rotulações que teve: "muita gente antigamente imprimiu com ignorância, por não ter ideia do que é, e o que vem a ser fisiculturismo". Hoje, houve uma pequena evolução no pensamento. Com o crescimento das indústrias, houve um extraordinário desenvolvimento tecnológico importados dos EUA, Japão ou Europa (SABINO, 2004). Os exercícios físicos apoiados pela biomecânica passaram a ter um novo olhar nas construções de grupos musculares que valorizaram cada vez mais os corpos. A estética da corpolatria engendrada ao consumo possibilitou mais intensamente o culto a aparência.

O culto à aparência ganha notoriedade entre os indivíduos que vivem individualizados, em busca de sua perfeição. A incansável busca pelo reflexo no espelho dentro da academia mostra a obsessão pela manutenção da resistência a toda forma de decadência física (MALYSSE, 2002). Os espelhos são reflexos que comprovam o objetivo alcançado pelo vigor da juventude entre homens e mulheres. Entre as mulheres, a preocupação com o volume das nádegas, como símbolo de prazer. Entre os homens, volume muscular de peito, costas, bíceps, como símbolo de virilidade e corpo saudável. Uma disputa de comparação evidente entre ambos, uma competição sem valor, pois a musculação não é uma competição, é uma forma individual de satisfação pessoal, mas para muitos a comparação de corpos exige a vigilância do controle da padronização.

Uma observação muito clara é a socialização presente dentro da academia um lugar que visivelmente estabelece prazeres aos encontros, conversas, abraços, produzindo acolhimento. Segundo Carvalho *et al* Luz (2003), são inseridas nas práticas corporais de saúde as transformações que trazem sentidos para o grupo. Assim, observa-se que em cada canto, cada espaço de academia tem uma rede de interação e pode ser interpretada nas práticas corporais, mostrando os sentidos expressos nas relações.

Quando me matriculei na academia de musculação em 2012, era uma academia

¹⁹ Sardinha, 50 anos, fisiculturista, técnico em musculação, árbitro e membro do corpo docente da NABBA/Brasil, árbitro IFBB, personal Traine e Preparador Físico registrado no CREF/SP. Possui um Ginásio da Musculação "*Sardinha's Gym*". Disponível em <https://www.youtube.com/watch>, conexão repórter com Cabrine, 21/08/2014.

simples e pequena, havia dois espaços bem divididos: o primeiro espaço era com pesos livres e algumas máquinas antigas com roldanas e poucas placas de peso que chegavam a 60 kg. Para ficar mais pesado, colocavam-se caneleiras envolvidas no cabo de sustentação para chegar ao peso ideal. Os halteres eram de ferro sem borracha, eram como chamamos de rústico. As barras eram montadas com as anilhas de ferro com cheiro de ferrugem. Não havia muitos pesos e precisávamos revisar o tempo tudo, os bancos (tenho uma péssima lembrança) eram de encaixe e esse encaixe bateu em meu dedo quebrando a unha pelo meio, tendo que arrancar a unha e levar três pontos.

Em 2019, a academia estava renovada, não possuía mais o banco de encaixe, não era preciso ficar horas esperando uma máquina, tudo passou a ser de primeira linha e multiplicado, vários pesos emborrachados, três máquinas de cada. Os professores de Educação Física que faziam parte do grupo da antiga academia permaneceram, sendo uma boa surpresa, porque mantiveram uma cumplicidade com o local. Agora é a maior academia do bairro do Flamengo, na cidade da zona sul da cidade do Rio de Janeiro. A área ocupa atualmente mais que 10.000 m² (ou mais), composta por várias salas: de Ginástica, de Dança, Lutas (Tatames), Alongamentos, Musculação, Body Pump, Spinning, Yoga, Hidroginástica, Pilates, Espaço de alimentação, vendas de roupas de ginástica, loja de suplementos etc.

A sala de musculação, com peso livre, foi ampliada e os grupos se formam para incentivar os que estão chegando. Portanto, os atores possuem outras imagens, mas continuam com o mesmo objetivo. Interação no palco com conversas informais, como suportes para desenrolar a ação humana e prestigiar suas representações sociais.

De acordo com Goffman (2004), as relações do “Eu” transmitem a forma de ajustamento para fazer parte do social. E assim os fisiculturistas com seus corpos musculosos, baixa adiposidade, são expostos como um troféu valioso exibido para ser copiado. A academia de musculação se renova com melhores máquinas, pesos livres emborrachados, para facilitar a praticidade e a comodidade, espelhos por todas as paredes, músicas para cada tipo de salão. Um mundo colorido de roupas, tênis variados, luvas, óculos, todo tipo de vestuário próprio para os corpos modelados espetacularizados, elevando o poder do consumo e do estigma. Com o projeto de pesquisa aprovado no Comitê de Ética e com a assinatura do Diretor da academia de musculação, pude entrevistar as fisiculturistas e ficar observando todo cotidiano delas. O período de trabalho como professora de musculação facilitou bastante para as conversas informais. Entre os horários alternados de trabalho pude marcar as entrevistas formais.

No final de 2018 houve muitos campeonatos e, nessa época, as fisiculturistas ficavam agitadas, com dietas rígidas, desidratadas, com treinos fortes e focadas, algumas fisiculturistas ficavam com o humor alterado. Mantive os meus olhares de observação. Estar em grupo é gerar riqueza de compreensão social dentro da ótica de elementos que o mundo Fisiculturismo proporciona ao sujeito. As práticas corporais possuem um poder de fazer viver, promovendo bem-estar nas interações sociais, como uma ordem de pertencimento no mundo dos “normais” (GOFFMAN, 2004).

Viver suas subjetividades, mesmo no “controle” social, é realizar desejos nos eventos, com glamour, muita pompa, dentro da estética da beleza. Nesse mundo, as mulheres aparecem apresentando o seu melhor, é nessa hora que mostram por alguns minutos seu trabalho, toda sua capacidade modelar sua própria identidade. Subir ao palco é mostrar sua capacidade de pertencimento, superar os desafios e conquistar o mundo fitness, ser uma atleta de ponta cada vez melhor. Nesse momento, as “estigmatizadas” se mostram com sua tribo, com empoderamento (MAFESOLLI, 1988).

Segundo Goffman (2004), os estigmatizados se juntam formando um grupo forte para mostrar uma nova construção social. Ao observar a complexidade da relação humana dos grupos (tribos, como os fisiculturistas chamam), abrem-se as portas para as pessoas que não são fisiculturistas (normais), o que promove um enredo na ordem da interação social, uma construção das relações no processo dinâmico e contextual, produzido socialmente na perspectiva do estigmatizado com os estigmatizantes. Logo, é pertinente ao modelo institucionalizado midiático do empoderamento de algumas fisiculturistas, ao se considerarem como “heroínas”, “Deusas do Olimpo”, transformarem-se em dominantes os dominados que não fazem parte do mundo Fisiculturismo.

[...] sofro estigma o tempo todo, nas ruas, na academia.... As minhas amigas têm inveja do meu corpo, é muito ruim.... Às vezes penso que dentro da academia tenho amigas, mas no campeonato são totalmente diferentes. É muito chato e muito triste [...] (26 anos, casada, estudante, Petrópolis).

Ao observar as interações humanas, percebo que o contexto social atual com tantas informações e influências sociais de controle, fica quase impossível não fazer parte das condutas que engendram o apelo do corpo, torna-se involuntário querer modelar o corpo e fazer parte do cenário social. Ficamos imersos, apostando na imagem tudo que se quer projetar. Sendo assim, somos atores interpretando nossos papéis diante uma grande plateia (GOFFMAN, 2004).

3.2. Análises de dados das entrevistas

A pesquisa qualitativa, de acordo com Denzin e Lincoln (2006), envolve uma abordagem interpretativa do mundo, que significa que seus pesquisadores estudam os fenômenos dos cenários naturais, buscando privilegiar o sentido e significado comportamentais de grupos sociais e individuais.

Na presente pesquisa, foi utilizada a análise qualitativa com observação etnográfica e entrevistas em profundidade (MATTOS, 2016; PRODANOV, 2013) informais (não estruturais) e formais para coleta de dados do grupo específico, engajadas nas ações sociais dentro da academia e, nesse caso, a utilização da análise de conteúdo de Laurence Bardin (2011), permitiu maior flexibilidade e gerou riquezas à pesquisa.

A entrevista é utilizada quando a intenção é recolher, através da linguagem, dados descritivos do próprio sujeito, permitindo ao pesquisador o desenvolvimento intuitivo de uma ideia sobre o modo como os sujeitos interpretam aspectos de determinadas situações (MATTOS, 2016; DUARTE, 2004; GIL, 2002; VEIGA, 2001)

Assim, foram feitas entrevistas (não estruturadas ou abertas), aquelas em que o pesquisador comenta um assunto com o entrevistado e o deixa falar. Segundo Mattos (2016) e Prodanov (2013), uma das estratégias mais eficientes é criar laços de reciprocidade, amizade, afeto com os entrevistados. A adesão emocional à pesquisa contribui muito para que as pessoas se sintam à vontade para participar e falar. Exercer bem a escuta e estabelecer empatia favorece a interação.

Para Becker (1986), o cientista deve entrevistar, isoladamente ou em grupo, a fim de examinar as origens sociais e as experiências anteriores de um participante. Essas entrevistas permitem que o pesquisador possa interpretar as ações, interações e comunicações ocorrentes num grupo.

Silva (2016), afirma que a análise de conteúdo pode ser definida como um conjunto de instrumentos metodológicos em constante aperfeiçoamento, capaz de analisar diferentes fontes de conteúdo (verbais ou não verbais).

As interpretações transitam entre dois polos: rigor da objetividade e da fecundidade da subjetividade, podendo ser aplicada com profundidade nas investigações psicossociológicas e nos estudos das comunicações em massa. A técnica exige do pesquisador disciplina, dedicação, paciência e tempo. De acordo com Freitas, Cunha e Moscarola (2004), a intuição,

a imaginação e a criatividade fazem-se necessárias, sem esquecer o rigor e a ética, fatores essenciais para definição das categorias de análise.

Segundo Bardin (2011), a Análise de Conteúdo é um leque empregado em diversos estudos. Além disso, aposta altamente no rigor como forma de não se perder na heterogeneidade do objeto do estudo.

Um conjunto de técnica de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 2011, p. 47).

Em sua perspectiva, Bardin (2011) esclarece que a função principal do método é o desvendar crítico, compreender a utilização de determinado conteúdo, dependendo da classificação das inferências, ou seja, dependendo daquilo que se procura ou o que se espera procurar por trás dos fragmentos das mensagens, por meio das palavras, das imagens, dos textos e dos discursos, busca-se descrever e interpretar opiniões, estereótipos, representações, mecanismos de influência, evoluções individuais e sociais.

Na análise das entrevistas, é importante privilegiar os discursos transmitidos pelo sujeito, nela o conteúdo simbólico remete a representações além de suas aparências (MATTOS, 2016). Podem ser transcritas com facilidade para um meio digital. Portanto, ao transcrever as entrevistas, é importante observar e notar o silêncio, suspiros, risos, a postura, gestos, comportamento, que muitas vezes podem influenciar o significado do subjacente (GRANEHEIN; LUNDMAN, 2004).

Bardin (2011) ainda ressalta que a Análise de Conteúdo privilegia o conteúdo dos discursos dos pesquisadores, frente ao comportamento durante a expressão dos falantes, por sua vez, Bérgeon (2005) afirma que sob as palavras e frases possuem relevante sentido.

Bardin (2011) considera algumas técnicas para analisar de forma coerente as análises das frases ou expressões utilizadas para variadas pesquisas: análise categorial, análise de avaliação, análise de enunciação, análise da expressão, análise das relações e análise do discurso. Alguns autores chamam de “método”.

Para a pesquisa em questão, foi utilizada a análise de conteúdo, que é uma técnica de pesquisa que trabalha com a palavra, permitindo de forma prática e objetiva produzir inferências do conteúdo da comunicação de um texto replicáveis ao seu contexto social. Nela o texto é um meio de expressão do sujeito, a partir do qual o pesquisador busca categorizar as unidades de texto (palavras ou frases) que se repetem, inferindo uma expressão representada.

Bardin (2011) afirma que a intenção da análise de conteúdo é obter indicadores para fazer inferências, ou seja, os indicadores são índices fornecidos pela etapa descritiva da análise, são os papéis de vestígios com os quais os pesquisadores podem trabalhar. As inferências, por sua vez, são deduções lógicas que explicam os antecedentes e as consequências da mensagem analisada, situando-se entre a descrição e a interpretação da mensagem, essa é a etapa intermediária.

As variáveis inferidas das mensagens consistem no objeto da análise de conteúdo. Por intuição, seria razoável esperar que o objeto da análise fosse a própria palavra, porém, tal oposição é ocupada pelo campo das determinações da mensagem, ou seja, pelas “condições de suas produções”. Porém, Bardin (2011) critica o termo pelo fato de excluir as condições de recepção, que também estão contidas no objeto. Assim, Bardin (2011) prefere a expressão “variável inferida”, que possui conotação mais neutra.

De acordo com Bardin (2011), os indicadores para análise de conteúdo devem ser organizados em três polos cronológicos fundamentais: 1) pré-análise; 2) exploração do material; e 3) tratamento dos resultados, inferência e a interpretação (BARDIN, 2011). A primeira fase, *pré-análise*, consiste na sistematização das ideias iniciais. Segundo Bardin (2011), são colocadas pelo quadro referencial teórico e estabelecem indicadores para a interpretação das informações coletadas. Esta fase envolve a leitura flutuante, ou seja, leitura do material eleito para *corpus* de análise. Incluem-se nessa seleção dos discursos dos pesquisados: transcrição para computador após a gravação ou apontamentos, as entrevistas formais e as entrevistas informais durante a observação participante, todos inseridos e orientados pelo objetivo geral e pelos objetivos específicos da pesquisa (MATOS, 2016, p. 90). Trata-se de uma fase com procedimento informal e intuitivo, podendo ser impossível cumprir as missões em ordem cronológica, visto que os fatores são interdependentes.

A segunda fase, exploração do material, culmina na constituição de um *corpus*. Foi realizada após a conclusão das diferentes operações da pré-análise com a finalidade de codificação dos dados na sintetização de pequenos textos ou temas (unidades de registro) para alcançar a compreensão das frases expressas emitidas durante as entrevistas.

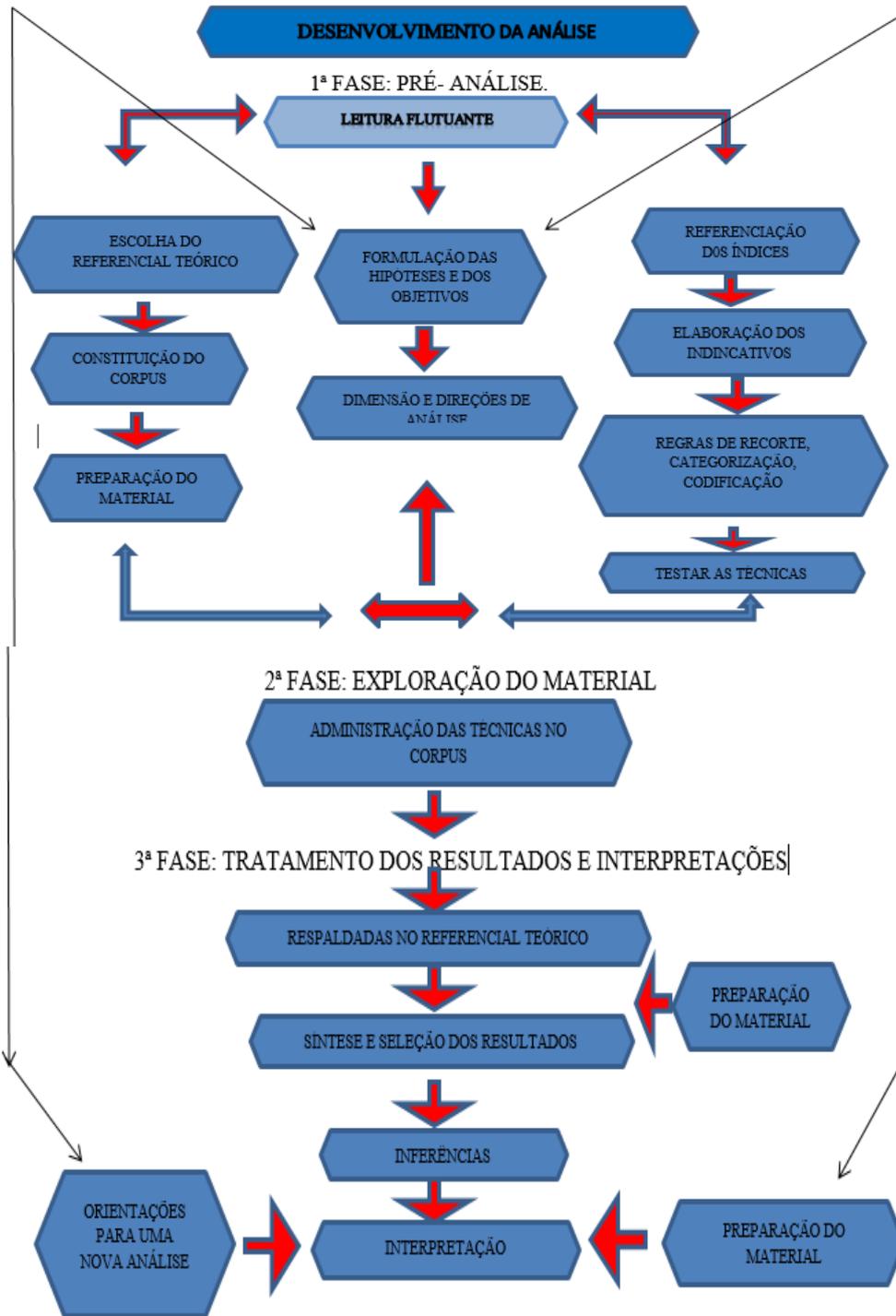
Para tanto, a pesquisa obedeceu a regras de (I) *exaustividade*, cada elemento foi mapeado para apenas uma categoria, como uma função, não omitindo nada; de (II) *representatividade*, exigindo que a amostra abrangesse todo o universo representado; de (III) *homogeneidade*, obedecendo, aos mesmos princípios de classificação pertinente ao *corpus*, adequando-os às hipóteses e objetivos pré-estabelecidos; (IV) *objetivas*, quando foi superada

a tendência do classificador de emitir juízos subjetivos; e produtora, devendo possuir o potencial para fornecer resultados e a (V) pertinência, exigindo que os documentos se adaptassem ao objetivo da pesquisa.

A leitura flutuante, segundo Bardin (2011) é a leitura livre que possui o intuito de conhecer o conteúdo do documento. Quando foi pertinente, o documento, permaneceu no *corpus*, passando a se formular, a partir dele, hipóteses e objetivos. Após a exploração do material, entramos na terceira fase da análise de conteúdo, a de tratamento dos resultados em que foram feitas inferências e interpretação. Nesta fase, conforme orienta Bardin (2011), os resultados brutos foram analisados para que tivessem significados e validações. Todo conteúdo coletado (entrevistas, documentos e observações) foi aplicado aos resultados, auxiliando, com maior rigor, propiciar o objetivo previsto a fim de obter outras descobertas nas interpretações relacionadas com as inferências observadas (BARDIN, 2011).

O material codificado com regras específicas teve a identificação das unidades de registro efetivadas por palavras, tema, objeto ou referente, personalidade, acontecimento ou documento. São as unidades do contexto que também serviram para codificar a unidade de registro e compreender sua significação exata (BARDIN, 2011). Com intuito de tornar mais claro, ilustrarei as sequências passo a passo previstas no método como demonstra no gráfico abaixo: desenvolvimento da análise, a seguir:

Gráfico 1- Desenvolvimento da análise de conteúdo



Fonte: Bardin (2011)

Na interpretação dos dados, com o embasamento do referencial teórico, o significado do verdadeiro discurso das falas enunciadas aparece em profundidade. O que eram certas afirmações aparentemente superficiais se traduz em verdades vividas (BARDIN, 2011).

Assim, elaboramos a fase interpretativa no texto e o relacionamos com a observação etnográfica, com entrevistas informais. Na fase interpretativa, as entrevistas não foram as únicas medidas de instrumento metodológico. O que as pessoas dizem nas entrevistas precisa ser confrontado com que fazem. (MATTOS, 2016).

Ao chegarmos ao final do processo de Análise de Conteúdo, lembramos que há outras formas variadas de conduzi-las, não sendo só as três fases expostas. Caberá ao pesquisador escolher palavras, sentenças, parágrafos e até mesmo os textos diferenciando também as unidades com as expressões ou as palavras ou desenvolver a análise da estrutura lógica do texto ou partes delas centrando atenção em temáticas determinadas (BARDIN, 2011; GODOY, 1995b).

3.3 Perfil socioeconômico das fisiculturistas

Participaram deste estudo 15 mulheres fisiculturistas, todas se identificaram como sendo do gênero feminino, entre a idade de 23 a 50 anos. As fisiculturistas com maior volume muscular foram as entre a idade de 48 anos a 50 anos. Essas mulheres passaram por muitas competições para chegarem ao profissionalismo dentro do fisiculturismo, cada competição é uma forma de mostrar o trabalho feito na modelação do corpo e com a possibilidade de serem vistas e conseguir patrocínio e continuarem a competir fora do Brasil.

Em relação ao estado civil, 9% das mulheres fisiculturista são casadas com seus treinadores pelo fato de terem o mesmo objetivo e estarem na mesma tribo, possibilitando a afetividade; 1% são solteiras namorando homens fisiculturistas. Em relação a filhos, 7% das fisiculturistas possuem; 2% disseram que não possuem filhos, mas pretendem tê-los depois de entrarem para o profissional na carreira de fisiculturismo; 1% não desejam filhos, foram incisivas em suas falas, pretendem manter a forma física dentro da modalidade. Á escolaridade, observamos que a maioria tem graduação na Educação Física, portanto 7% das fisiculturistas são graduadas em Educação Física Plena com Pós-Graduação; 2% estão se graduando em Educação Física; 1% das fisiculturistas possuem ensino médio (sem intenção

de graduar). Na atuação profissional compreende que 5% das fisiculturistas são profissionais da Educação Física e trabalham com alto rendimento no fisiculturismo; 3% das fisiculturistas são estudantes de Educação Física e alegam atuarem informalmente em outras áreas dentro da Educação Física e 2% das fisiculturistas trabalham no comércio. Sobre a renda bruta mensal familiar, constatamos que é proporcional ao nível de escolaridade: 5% das fisiculturistas têm uma renda média de dez salários mínimos, essas são profissionais no fisiculturismo e possuem pequenas empresas de suplementos; 3% das fisiculturistas têm renda média sete salários mínimos trabalhando em outras áreas e (2%) das fisiculturistas têm uma renda média de dois salários mínimos. Em relação ao Estado onde moram, constatamos que 6% das fisiculturistas são naturais do Rio de Janeiro, 1% moravam na cidade de Niterói e 3% moravam na cidade de Petrópolis no Estado do Rio de Janeiro.

O objetivo das entrevistas formais foi caracterizar o perfil socioeconômico das fisiculturistas com relatos de dados mais aprofundados de suas vidas cotidianas, buscando mostrar suas identidades a partir do modelo atuante na construção do corpo musculoso, mostram em seus perfis expressivas formas que não correspondem com os argumentos usados pela instituição de poder do fisiculturismo. Percebemos que os discursos são vinculados às questões de gênero, feminilidade e sexualidade.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A primeira categoria construída para a unidade de registro refere-se à “A vida na tribo”. Essa categoria diz respeito ao conceito usado pelas mulheres fisiculturistas entrevistadas, a vida dentro e fora das academias, a importância de estar em tribo, a intervenção das fisiculturistas em episódios de estigma dentro e fora da tribo e apontam onde sofrem mais com o estigma.

Esta categoria apresenta informações sobre a importância de estarem em “tribo” como forma de intervenção no acolhimento. Também foi considerada parte desta categoria como inferências encontradas a partir das falas das entrevistadas.

A segunda categoria refere-se à Bioesceses e Bioidentidade procurando discutir a forma como as mulheres fisiculturistas consideram os campeonatos de Fisiculturismo. As entrevistadas alegaram a forte influência social nas questões dos corpos musculosos femininos e afirmaram que essa forte influência interfere diretamente no comportamento do mercado do Fisiculturismo e em suas identidades. As fisiculturistas comentaram que veem os campeonatos de Fisiculturismo como uma forma de mostrar a sua própria criação. Elas afirmaram a luta dentro dos campeonatos com empoderamento do gênero feminino. A influência da *bioesceses* tem como forma de disciplinamento e controle na intervenção corporal pelo objetivo de pertencimento, mesmo sendo pela cultura do risco na saúde.

Quadro1 – Categorias e subcategorias

<p>Categorização</p> <p>Vida na tribo da fisicultura.</p>	<p>Categorização</p> <p>Bioesceses e Bioidentidade</p>
<p>Subcategorias</p> <p>Conceituação/ Tipos/ Intervenção/ Momentos de realização</p>	<p>Subcategorias</p> <p>Mercantilização/ Campeonatos/ Modelamentos da corpolatria Curta duração</p>

Fonte: Bardin (2011).

4.1 A Tribo dos fisiculturistas

Quando se coloca a expressão “vida na tribo”, estamos usando uma metáfora para determinar a existência de grupos que se dedica na construção de um novo modelo de corpo feminino em busca de reconhecimento e aceitação. A expressão “vida na tribo” foi conceituada por Maffesoli (1988), que usou a expressão para caracterizar pequenos grupos bem delimitados, com regras e costumes particulares em contraste com o caráter homogêneo e massificado que comumente se atribui ao estilo de vida das grandes cidades, na medida em que se individualizou com o fenômeno sociológico do desenvolvimento da bioasceses.

Outro autor que expressa a construção de grupos bem delimitados na contemporaneidade, Magnani (2005), afirma que “tribo urbana” tem tendência oposta ao gigantismo das instituições e do Estado nas sociedades modernas, diante da impessoalidade e anonimato. A “Tribo” traz laços e agrupa os iguais, possibilitando intensas vivências comuns, estabelecendo laços afetivos caracterizados por lealdades, criação de códigos de comunicação e por comportamentos particulares.

Portanto, as falas das fisiculturistas manifestam a compreensão da valorização sobre as tribos dos fisiculturistas mantendo a lógica dos indivíduos como parte de um comportamento, na construção fora do estilo de vida das grandes metrópoles, busca-se formas e maneiras de viver suas subjetividades fora das imposições controladas pela representação social construindo suas interações em busca de prazer, satisfação e reconhecimento (SOUZA *et al.*, 2014).

As falas das entrevistadas acentuam o intenso laço de afetividade e corrobora com a compreensão da interpretação:

[...] gosto de tomar minhas bombas e sinto falta da minha tribo. Sinto falta das malhações e sentir que meu corpo está firme de novo. Estou fora de forma. Sinto-me um peixe fora d'água, quero voltar para minha tribo. Sempre fui feliz com os fisiculturistas, conheço muita gente do meio [...] (40 anos, casada, empresária, Flamengo).

O corpo humano é a parte integrante da identidade pessoal do sujeito, é uma construção cultural indissociável da sociedade como um todo. Segundo Ortega (2008), o corpo é capaz de retratar a vida social de um povo ao trazer em si as marcas da cultura, de valores, de percepções, de tabus e de rituais que o representam.

[...] ser fisiculturista é muito difícil, você não tem vida social com outras pessoas. Perde todos que estão à sua volta, tem que ser muito regrada, alimentação, treinos e na época da competição fica pior. Por isso, fico com os fisiculturistas o tempo todo [...] (30 anos, solteira, propaganda, Tijuca).

Observa-se a importância demasiada na dedicação à imagem corporal revelando inquietações, incoerências internas, subjetividade alienada, valores, em que só resta mesmo aparência. De acordo com Reis (2002), “o mundo contemporâneo, em que os objetos da sociedade de consumo são substituídos a toda hora pelos de última geração, a mulher tornou-se vulnerável à obrigação de assumir o papel de produto com data de validade”. Portanto, a relação com a construção do corpo físico, de hábitos alimentares, consumo de determinados produtos estão diretamente relacionados à imagem corporal, alterando a dimensão, dos padrões vigentes:

[...] é muito difícil conciliar vida de fisiculturista com a vida social, você fica sem condições de ficar indo para barzinho, boate...porque, a gente não bebe, tem que comer na hora certa e produtos certos da sua dieta, precisa dormir bem, hidratar e treinar todos os dias. Então, como ficar perto de outras pessoas que não pensam como você e não tem o mesmo interesse? Você acaba se excluindo das outras pessoas [...] (28 anos, casada, professora, Tijuca).

Considerando o entendimento de estarem em grupo (tribo), as fisiculturistas se relacionam nas práticas corporais, fundamentalmente, pela presença absoluta de potencialização muscular nos corpos dos praticantes (JAEGER e GOELLNER, 2011). Os laços das interações sociais desses sujeitos permanecem constantes pelos hábitos, crenças, prazeres, desejos e realizações. Entendemos que o estigma da hipertrofia (GOFFMAN, 2004) é ocasionado pela construção social, que desqualifica os fisiculturistas, principalmente as mulheres, atribuindo juízos de valores pejorativos como: anormais, lésbicas, monstruosas, travestis, bombadas, sem atrativos sexuais, indesejáveis, por não se inserirem nas normas padronizadas hegemônicas da sociedade.

[...] fui e sou estigmatizada muitas vezes. Em casa, minha mãe disse que eu estava ficando parecida com um homem e que estava ficando feia. Na academia onde trabalho, uma aluna me perguntou se eu era transgênero; outra aluna disse que eu estava muito forte e que parecia um homem [...] (28 anos, casada, professora, Tijuca).

Mattos (2012) afirma que a cultura impõe normas em relação ao corpo, as quais os sujeitos podem ou não se adequar. O corpo é modelado segundo os valores compatíveis com a sociedade onde está inserido ou com o padrão de corpo como a sociedade espera que os corpos se ajustem:

[...] na cidade onde moro é muito difícil ser mulher fisiculturista. A ideia de ter músculos sempre foi para homens. Os familiares não aceitavam, os amigos me recriminavam, foi péssimo. Quando saía na rua as pessoas me xingavam, me ignoravam, porque elas não entendiam o significado de ser uma atleta da modalidade[...] (36 anos, solteira, professora, Minas Gerais).

A violência simbólica, segundo Bourdieu, é impresso ao gênero feminino, como parte integrante que perpétua numa teia engendrada e enraizada pela cultura incorporada na sociedade, promovendo constantemente a violência simbólica, entranhando ao corpo sem ser percebida.

[...] tive muitos problemas com pessoas amigas e familiares, elas me criticaram muito, mas tive muito apoio do meu marido, portanto, hoje passo por cima. E olha que não sou muito musculosa [...] (48 anos, casada, empresária, Petrópolis).

Segundo Bourdieu (2014), o capital cultural incorporado na sociedade pela dominação masculina imprime nas mulheres o padrão hegemônico normatizado de corpo feminino. Excluem-se e rotulam-se as mulheres por possuírem uma imagem corpórea hipermusculosa, com argumento de perda da feminilidade e com a sexualidade duvidosa. De acordo com Sabino (2014), apesar da aparência musculosa não presenciei, nem ouvi falar, de qualquer fisiculturista homossexual declarada. Todas casadas com homens fisiculturistas ou namorando treinadores.

[...] estigmatizada? O tempo todo, ainda mais aqui no Brasil, mas não tenho problema, sei também que é difícil ver uma mulher enorme na sua frente.... Então, fico na minha e não dou atenção a ninguém, é um meio talvez de me proteger de qualquer situação. As pessoas não sabem o que é ser fisiculturista, portanto, não esquento [...] (43 anos, casada, empresária e professora, Barra).

[...] desde minha opção em ser fisiculturista, tive milhões de pessoas dizendo que só me faltava “Pinto”, era cruel, porque eram pessoas que conviviam comigo, familiares, amigos íntimos. Fiquei muito triste e pensei em parar, sou uma pessoa muito sensível e certos comentários me deixam abalada. Não sei lidar com preconceitos [...] (36 anos, casada, professora, Flamengo).

O conceito de estigma apresentado por Goffman (2004) afirma as falas das fisiculturistas com a exclusão da categoria dentro das regras institucionalizadas e a não aceitação da hipertrofia muscular feminina pela sociedade. Wolf (1992) afirma que no momento em que as mulheres saíram da obscuridade para se tornarem visíveis ao mundo, iniciou-se a ideologia da beleza que as mantém aprisionadas, controladas para o mercado consumidor, fortalecido através dos meios de comunicação vinculados ao determinismo social da dominação masculina pelo padrão hegemônico de corpo feminino.

[...] sou muito feminina e tenho músculos. Não me acho diferente.... Tenho dois filhos e sou feliz fazendo o que gosto e o que quero. Sinto-me linda. E quando subo no palco fico mais linda ainda, meus filhos e meu marido estão ao meu lado sempre. Quando vamos ao restaurante, vejo e noto os olhares... mais não falam nada, talvez porque estou sempre acompanhada[...] (48 anos, casada, empresária, Petrópolis).

O corpo feminino está vinculado e delineado nas diferenças entre o masculino e o feminino. Laqueur (2001) afirma que as diferenças sexuais obedeciam às disposições naturais entre as diferenças. Assim, teóricos como Rousseau, Hegel e Kant, no início do século XX, consideravam a diferença entre masculino e feminino, corroborando com a legitimidade de suas inserções sociais. Portanto, os discursos produzidos pautavam em promover uma perfeita adequação para as mulheres atribuindo funções, predicados e restrições denominado feminilidade (ALMEIDA, 2012). Assim, a imagem da mulher com seus desejos indomáveis precisava cumprir seus objetivos de ser mãe, esposa, esse destino ao qual estariam naturalmente designadas (p.30).

[...] sempre fui feminina, sou fisiculturista desde 2003, já tive mais músculos do que hoje, na época era difícil arranjar namorado, acho que homens têm medo de mulher musculosa. Mas nunca deixei de ser feminina, gosto de sair, ir ao shopping, as pessoas me olham, mas não ligo.... Faço o que gosto de fazer, gosto do meu corpo, renasço a cada dia, cada dia tem uma pessoa diferente em mim [...] (35 anos, solteira, professora, Botafogo).

Segundo Goffman (2004), os indivíduos carregam características que os tornam diferentes dos outros, de modo que possam ser enquadrados, inclusive, em categorias menos desejáveis. Muitas vezes são reduzidas a pessoas diminuídas, são pessoas que carregam estigma:

[...] me sinto mais feminina agora do que antes, treino desde 1984, não tenho tempo para bobagens, só porque tenho músculo não quer dizer que não seja feminina.... Adoro meus músculos, sou feliz assim e meu marido gosta, isso é o que importa, não tenho tempo a perder com outras pessoas, trabalhamos muito a vida é muito agitada [...] (49 anos, casada, professora, Barra).

[...] me sinto feminina e linda. Mulheres fisiculturistas são bem resolvidas com sua aparência, apesar de não ser muito musculosa. Mas creio que por ser um pouco diferente ficamos mais seguras, vou a clube e não tem como as pessoas não olharem, não ligo! [...] (34 anos, solteira, professora, Petrópolis).

Segundo Bourdieu (1989, p. 117), o poder exercido sobre o grupo traz a existência enquanto grupo, impondo-lhe princípios de visão e de divisão comuns, uma visão única da sua identidade, uma visão idêntica da sua unidade. Assim, o reconhecimento detém não só ao próprio reconhecimento, mas a partir do outro esse reconhecimento traz identidade.

[...] sou muito feminina, acho que dá para ver em minhas fotos, nunca perder o charme, sou casada o meu marido é treinador, fazemos o que gostamos. Sou das antigas e sempre fui muito feminina, me apresento com coreografia em alto estilo, não é porque tem músculo que você deixa de ser feminina (43 anos, casada, professora, Barra).

Se o indivíduo molda seu corpo dentro dos padrões sociais hegemônicos, este será mais aceitável na sociedade, expressando no corpo um padrão estético ideal do discurso do modelo da mulher feminina bela, magra e definida (PASSOS e GUGELMIN, 2014).

[...] não sofro estigma, ando nas ruas e as pessoas me admiram. Acho que é por causa da minha categoria que é mais “normal” não tem muito músculo, por isso é mais fácil, não chama atenção [...] (26 anos, solteira, estudante, Tijuca)

Não podemos esquecer que, para Bourdieu (2014), a dominação masculina exerce o poder simbólico nas palavras, gestos e expressões rituais e as estratégias de reprodução do mundo social estabelecida pela realidade, incorporada através do *habitus* dos agentes.

Mulheres e homens são engendrados à ideia de permanecerem dignos aos seus próprios olhos que, por exemplo, torna o homem viril, verdadeiramente homem. Logo, a exaltação dos valores masculinos tem, em contrapartida, tenebrosos medos e angústias que a feminilidade suscita (uma espécie de medo do feminino), fragilidade e princípios de fraqueza

vulneráveis sempre expostos à ofensa de sua honra. Uma violência simbólica²⁰, isto é a violência suave, insensível, invisível às suas próprias vítimas exercida pelas vias sutis de dominação (BOUDIEUR, 2014, p. 76).

[...] sofro com a violência o tempo todo e todos os dias nas redes sociais, eu não consigo deixar de responder... já me chamaram de puta, vadia, vagabunda, prostituta, fútil. Tive sérios problemas emocionais por isso. A categoria sofre com apelo sexual, para as pessoas, as Wellness são putas e fazem programas [...] (30 anos, solteira, propaganda, Tijuca).

Para Bourdieu (2014, p. 77) o *habitus*, é o princípio gerador de respostas mais ou menos adaptadas às exigências de um campo, é produto de toda a história individual, portanto, como esquema de ação permanente de forma de ver o mundo, de classificar a si próprio e classificar seus pares. *Habitus* se apresenta evidenciando as posições sociais, decorrente das estruturas sociais e históricas de cada um dos agentes, assim reforçam as práticas de movimentos exteriorizados incorporando e assegurando as imposições objetivas que o engendram (ORTIZ, 2005). Portanto, o dissenso nos discursos das fisiculturistas em relação ao conformismo em relação às violências simbólicas, evidencia o quanto se torna mecanizado as frequentes violências, tornando-se banais como formas fundamentadas nas posições que as mulheres devem manter em sua trajetória de toda uma linhagem.

[...] já me falaram sobre ficar masculinizada, mas não me afeta.... Não dou ouvidos. A fisiculturista é uma mulher normal, como todas as outras. As pessoas falam muita coisa errada sobre nosso corpo, tive vários comentários depreciativos no meu Instagram sobre meu corpo, que na época estava muito seco para competir e apareciam os músculos. As pessoas não entendem mesmo o que é ser fisiculturista [...] (49 anos, casada, professora, Barra).

Ao interpretarmos as falas das entrevistas quando falam de suas formas, potencializando ao máximo seus músculos, elas estão rompendo com a domesticidade feminina e com o padrão da fragilidade. Cedem o terreno para um novo ideal, mais adequado à noção da “mulher ativa” (ADELMAN, 2003). Esse novo modelo transgredem a normatização da feminilidade inscrita na história, portanto, é colocando em dúvida a

²⁰ Violência simbólica é um conceito social elaborado pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu, o qual aborda à for de violência exercida pelo corpo sem coação física, causando danos morais e psicológicos. Para o autor consiste no processo em que a classe economicamente dominante se impõe sobre a cultura dos dominados, porém, esse fenômeno não se restringe a isso, mas se exerce através do jogo de agentes sociais. O poder simbólico surge com todo poder que impõe significações como legítimas (BOURDIEU; PASSERON, 2008, p. 26).

autenticidade do seu sexo (GOELLENER, 2003). Logo, corpos musculosos perturbam e ameaçam os padrões impostos da feminilidade assim, com a maternidade.

[...] não penso em ser mãe, optei por ser atleta e não teria tempo para me dedicar a uma criança. Sou bem resolvida nesse assunto. Acho muito legal ser mãe, mas não para mim. Quero continuar com meus projetos, o meu namorado, também fisiculturista, aceitou isso numa boa [...] (36 anos, solteira, professora, Minas Gerais).

[...] filho? Nem pensar... Agora não é hora, quando tiver mais idade pensaremos juntos. O meu marido também é fisiculturista e é profissional lá fora, com mais idade eu pensarei nisso [...] (26 anos, casada, estudante, Petrópolis).

Segundo Del Priore (2000, p.84), “a identidade do corpo feminino corresponde ao equilíbrio entre a tríade beleza-saúde-juventude essas são as bases das três condições culturais da fecundidade, portanto a perpetuação da linhagem”. Entretanto, em todas as culturas, viu-se no decorrer do tempo que a mulher tomou para si o controle de seu corpo a partir de década de 1960 com a revolução sexual.

[...] não penso em filho agora, mas um dia terei, sim. Nesse momento não queremos. Só se por acaso acontecer entre os ciclos, aí, é outra coisa..., mas agora não é hora. Estamos em plena competição, ele lá fora e eu em São Paulo, preparação total [...] (35 anos, solteira, professora, Botafogo).

Com essa ruptura de comportamento nos deparamos com a liberdade das mulheres em vários aspectos, principalmente em relação à submissão a exigências do homem e da sociedade pela perpetuação da linhagem dentro do comportamento social.

[...] filhos! Não quero, já falamos sobre isso muitas vezes, a nossa vida é muito agitada, foi nossa opção [...] (49 anos, casada, professora, Barra).

O argumento institucional que a sexualidade das fisiculturistas deixava “dúvidas”, mostra como o desvio/estigma foi construído e perpetuado na sociedade por um discurso de dominação masculina ainda existente (GOFFMAN, 2004)

[...] adoro trabalhar o meu corpo, mas dei uma parada porque queria engravidar. O meu filho já vai chegar, aí eu volto para minhas malhações e minhas bombas [...] (40 anos, casada, empresária, Flamengo).

Foucault (2008, p. 159) afirma que a sexualidade não é uma qualidade herdada da

carne que várias sociedades louvam ou reprimem. É uma forma de moldar o *self* “na experiência da carne”, que por si só é “constituída em torno de certas formas de comportamento”.

[...] tenho três filhos, na verdade, meus são dois, mas o meu marido atual tinha uma filha, portanto tenho três. Não tive problema nenhum em tê-los foi muito bom, tive que parar com a competição. Mas depois voltei numa boa. Quem disse que não podemos ter filhos, né? (39 anos, casada, empresária, Petrópolis)

Essa forma de comportamento, por sua vez, existe em relação a sistemas historicamente especificáveis de conhecimento, regras sobre o que é ou não é natural. Foucault (2008) chama de “modo ou relação entre o indivíduo e ele próprio, que permite com que ele se reconheça como um sujeito sexual entre outros”.

[...] tenho uma filha, que me disse que talvez faça fisiculturismo, mas ela é muito nova para isso. Na realidade, sempre pensei em ter filhos, então, entre os treinos e os ciclos dei uma parada para isso acontecer, foi muito bom! Hoje, só tenho minha filha que gosta do que faço, se ela quiser fazer o mesmo vai ficar a cargo dela. Daremos todo o suporte [...] (43 anos, casada, empresária, Barra).

Laqueur (2001) afirma que a medicina com seus artigos e teses no século XVIII, juntamente com grupos de políticos, reafirmam a distinção clara entre os sexos e entre as relações com suas características socialmente atribuídas. Nada podia prejudicar o rumo do “natural”, a mulher tinha que ser preparada para ser mãe, esposa e assumir seu papel na sociedade em seu destino “natural”.

[...] tenho dois filhos, o primeiro foi entre os ciclos, para me preparar para o palco, foi surpresa, o segundo eu estava me moldando para o próximo evento. Mas, não tenho que reclamar, foi tudo muito tranquilo e meu marido não é fisiculturista e meus filhos também não querem [...] (48 anos, casada, empresária, Petrópolis).

As fisiculturistas são muito rígidas, controladas, disciplinadas dentro das práticas bioascetes contemporâneas juntamente com dieta e muito treinamento para alcançar o objetivo: modelar o corpo chegar ao pódio e mostrar sua conquista. Segundo Adelman (2003), as mulheres fisiculturistas brasileiras encaram com muito orgulho o glamour feminino atlético, mostrando que fitness se concilia com a feminilidade como repositória da normalidade.

4.2. Bioasceses e Bioidentidade

Segundo Ortega (2008), na antiguidade greco-romana, as *asceses* eram fundamentalmente uma prática de liberdade que integrava corpo e alma e remetia os valores comunitários à necessidade de singularização, demandando a solidariedade política, mas permitindo a resistência à cultura.

Na contemporaneidade, os contrapontos que distingue as práticas ascéticas das bioasceses fez nascer uma nova forma de sociabilidade política. Em vez de práticas de liberdade, deu lugar a exercícios de adequação, de conformidade à norma. Logo, nasce uma nova biosociabilidade sob formas de extrema ideologia individualizada, o *healthism* (moralidade da saúde), ou seja, uma ideologia que combina o estilo de vida hedonista junto a uma corpolatria generalizada que se encerra na aparência e o fitness (moralidade da adequação) (CRAWFORD, 1980). Nesta perspectiva, o homem contemporâneo constrói a “bioidentidade apolítica”, levado pelo discurso da saúde submetida aos ditames daquilo que a cultura diz que “é” e que “não é” saudável, submetidas ao disciplinamento, regida e reorganizada por imperativo categórico (SILVA, 2016).

[...] faço ciclo uns meses antes da competição... paro um tempo, menstruo normal e volto ao meu ciclo. Assim, não tenho estresse com o meu corpo, volto ao médico e faço todos os exames, a saúde está perfeita. Não tenho interesse em ficar muito musculosa [...] (35 anos, solteira, professora, Botafogo).

Ortega (2008, p.83) declara que o ambíguo da cultura do corpo ou cultura somática, uma vez que ao mesmo ocorre o recrudescimento do controle e da vigilância sobre o corpo, produz um grau maior de incerteza sobre ele. No lugar do eu prolifera novas imagens de subjetividade: como socialmente construída, dialógica, inscrita na superfície do corpo (ROSE, 2001).

[...] comecei muita nova a malhar... na época não quis tomar bomba, eu tinha 14 anos muito jovem para isso. E na época, o fisiculturismo era ainda o Culturismo, categoria mais pesada. Eu teria que tomar muita bomba para competir, por isso não achei certo. Esperei ter mais idade, só em 2015 que eu comecei a fazer ciclo, é tranquilo! [...] (49 anos, casada, professora, Barra).

Os valores sociais das últimas décadas vêm se individualizando e o consumismo busca o prazer imediato como privilégios. Esses fatos esgarçam o tecido social e são os geradores dos efeitos sobre a saúde das populações. De acordo com Joubert (1993), trata-se de uma “pequena epidemiologia do mal-estar”, caracterizado por uma síndrome coletiva.

[...] com 26 anos comecei a treinar e passei por muitas categorias, desde 1980 que venho competindo, eu era da categoria pesada e agora só compito lá fora. Sou profissional e tenho todo aparato para isso [...] (43 anos, casada, empresária, Barra).

A potencialidade muscular das mulheres fisiculturistas não foi aceita na sociedade principalmente pelo discurso do grupo conservador e patriarcal da instituição de poder, colocou-se “imagem ideal de mulher” como uma criação perpetuada sob domínio masculino, que justificava aos homens a superioridade pela anatomia do corpo e do sexo (JAEGER e GOELLNER, 2011).

[...] comecei a trabalhar em uma academia e me apaixonei pelo fisiculturismo, muitos amigos profissionais vendiam bombas e suplementos, apesar de ser caro, era fácil. Tive problemas com distorção de imagem, foi muito sério, me via gorda foi difícil sair dessa situação, foi na época do campeonato. Acho que até hoje não me recuperei bem. Mas adoro subir ao palco e acho muito difícil parar com o fisiculturismo [...] (30 anos, solteira, estudante, Tijuca).

Nas práticas de musculação e fitness, o capital fundamental é a forma física e sua imagem. Imagem de um corpo “saudável” (musculoso e com baixa adiposidade), o que significa dizer que o Fisiculturismo é a busca pela maior quantidade de capital estético e que move ações e disputas dos agentes (SABINO, 2014).

[...] todo mundo sabe que para construir um corpo como o nosso, não dá para ser só com suplementos. Para subir no palco e disputar com as outras preciso ganhar hipertrofia, fazer o músculo aparecer, a gente fica um pouco diferente, rosto, voz, músculos. Mas, isso não quer dizer que sou masculinizada [...] (35 anos, solteira, professora, Tijuca).

Considerando as falas das entrevistadas acima, podemos compreender o novo perfil dos agentes em busca da valorização do corpo, a individualidade, a conservação da juventude, associada à fisicultura. Engendrada no aparecimento e no desenvolvimento de novas representações do corpo, de indivíduo, de pessoa e de salubridade, que segundo Luz (2005), tendem a se opor às representações e às concepções de temas classicamente ligadas à cultura médica. A auto saúde é uma técnica antiga de ser médico de si mesmo, pela qual o indivíduo quer tornar-se sujeito de sua avaliação, de sua medicação e de sua cura (ANDRIEU, 2008). Segundo o autor, impera a crise da individualidade que o hedonismo teria conduzido a um individualismo excessivo, a crise de identidade é frequentemente interpretada como criação narcisa do “eu” em busca da imagem ideal do corpo perfeito (ANDRIEU, 2008).

Em consideração ao grande e continuado desenvolvimento da tecnologia e da ciência no campo da medicina (LUZ, 2005), o auto design da identidade se materializou na ideologia da racionalidade em saúde por parte de distintos grupos sociais como as fisiculturistas, uma ideologia fitness (moralidade de adequação).

Le Breton (2003, p. 22) aponta que o homem sente em alterar seu corpo para torná-lo uma representação visível de si para a sociedade. Modificar o corpo “não é mais o caso de contentar-se com o corpo que se tem, mas de modificar suas bases para completá-lo ou torná-lo conforme a ideia que dele se faz”.

Na fisicultura o corpo construído por uma imagem corpórea hipermusculosa chama atenção pelo fato de estarem transgredindo o poder de dominação na economia das trocas imagéticas (SABINO, 2014).

[...] estou me preparando para ganhar massa, esse é o objetivo, sempre fui muito magra, quero ficar com o *shape* grande, me faz bem! [...] (28 anos, casada, professora, Tijuca).

[...] a princípio, eu tinha muito preconceito com as fisiculturistas, vim do Balé. E o pensamento de treinar e ser fisiculturista nunca tinha passado pela minha cabeça. Depois, acabei me acostumando, me apaixonei, hoje não quero ficar parada, gosto de tomar minhas bombas e ficar com o *shape* rasgado [...] (40 anos, casada, empresária, Flamengo).

Para compreender o que o ser humano faz, é necessário entender uma ação dentre várias outras e localizá-la, caracterizá-la. Logo, Geertz (2008) cita o conceito de Max Weber, que afirma que o homem é um ser amarrado em teias de significados que ele mesmo teceu. A cultura é, portanto, uma interpretação em busca do significado. O comportamento é uma ação simbólica. O Fluxo do comportamento (ação social) faz com que as formas culturais se articulem. E o significado emerge do papel que desempenham.

[...] adoro treinar e observar os meus músculos, me sinto linda. Sinto que as mulheres têm inveja e ficam disputando o tempo todo, isso é muito chato [...] (26 anos, casada, estudante, Petrópolis).

As ações articuladas promovem a bioidentidade, o “eu” é exteriorizado, exercido pela tirania da estética, visto que o corpo é capturado cada vez mais pelo olhar do outro. Sibila (2004) afirma que a subjetividade estruturada em função do corpo torna-se um espaço constante de criação epidérmica e de expressão do eu. Assim, o esvaziamento da interioridade

e a transformação constante da superfície estão a serviço também da espetacularização do eu (SIBILA, 2004).

[...] não tinha noção do meu corpo, para mim a transformação logo apareceu, me senti autoconfiante, senhora de mim mesma. Apesar das desordens na vida afetiva e profissional [...] (30 anos, solteira, propaganda, Tijuca).

De acordo com Silva (2016), a superfície do corpo se faz um território, um lugar, uma área fronteira entre a natureza e cultura, interna e externa, eu e o outro, que é o domínio privilegiado das identidades e tem transformado a relação entre o nosso eu e o mundo como um espetáculo. Ou seja, o corpo é um objeto de exposição para ter pertencimento social.

[...] subir ao palco é tudo que quero, estou treinando para isso. Quero sentir esse prazer [...] (40 anos, casada, professora, Flamengo).

[...] estar no palco é uma sensação que não dá para explicar, você percebe que venceu [...] (26 anos, casada, estudante, Petrópolis).

A espetacularização do corpo visa apresentar ao mundo como é possível adquirir o corpo desejado e concretizar sonhos de satisfação dos desejos, possibilitando as relações de como “fazer” e “ser”. Segundo Debord (1991), o espetáculo é apontado como a representação da realidade a partir de um modelo imposto pelo meio de produção que se configura na aparência do que falta na vida real do homem.

Rose (2001), por sua vez, afirma que no mesmo momento em que essa imagem do ser humano é declarada pelos teóricos sociais, certas práticas regulatórias buscam governar os indivíduos, definindo características que definem o “eu”.

[...] adoro subir no palco, são os 5 minutos mais incríveis da sua vida, não tem palavras. Sempre quando acordo, vejo uma pessoa diferente criada por mim mesma, isso é uma coisa absurda, incrível, dá uma felicidade incrível [...] (35 anos, solteira, professora, Botafogo).

[...] competir. Estar no palco é uma sensação de liberdade, você sabe que conseguiu o seu máximo, estar lá é ser guerreira, você sentiu que lutou com você mesma e conseguiu vencer os seus próprios medos [...] (49 anos, casada, professora, Barra).

De acordo com Goldman (1986), o ritual da passagem, tem a capacidade de elaborar identidade aos indivíduos no decorrer do processo específico da interação social. Logo, as

práticas corporais com a construção do novo modelo corporal passam por várias adaptações para obter uma identidade. Pois o processo disciplinar do corpo, com dietas incorporadas ao processo de possibilidade de ascensão social na construção da imagem o que se evidencia nas fisiculturistas.

[...] gosto de mostrar o que eu consegui fazer com o meu corpo, me sinto forte, saudável, me sinto recompensada por toda luta. Sempre gostei de trabalhar o corpo. É uma realização e uma superação pessoal [...] (30 anos, solteira, Estudante de Educação Física, Tijuca).

Portanto, observamos que o fisiculturismo é uma prática bioascética na contemporaneidade. O indivíduo é livre para moldar seu corpo, mas vai depender das relações identificadas pelas pessoas fora do mundo fitness, para poder ajustar-se ou não às novas formas de variações. Estas formas serão operadas sobre diferentes autoridades (RABINOW E ROSE, 2006) que podem excluir e/ou marginalizar de acordo com os atributos considerados adequados plenamente com as normais sociais (GOFFMAN, 2004).

[...] sou apaixonada pelo que sou, ser fisiculturista é uma superação na minha vida. Pretendo continuar até chegar a hora de ter que realmente parar, sou muito feliz e realizada [...] (43 anos, casada, empresária, Barra).

Portanto, os novos modos de subjetivações podem produzir novos modos de exclusões. As ascetes fariam, então, parte dos modos de subjetivações, sendo um conjunto de exercícios recomendados, ou até mesmo obrigatórios, no interior de uma sociedade. Engajando-se nas afirmações atribuídas aos critérios que dá consistência a uma identidade (COSTA, 2000). Em uma perspectiva de maquinações e estratégias engendradas como identidade heterogênea agenciada e anexada às práticas corporais contemporâneas, coloca-se as subjetivações em jogo para a bioidentidade. Assim, o corpo continua ocupando um lugar privilegiado nas configurações das subjetividades, sofrendo manipulações como dispositivos de visibilidade vinculados ao controle dos riscos da nova racionalidade da biopolítica (FOUCAULT, 1999a).

CONCLUSÃO

O objetivo geral: compreender o estigma da hipertrofia relacionado às questões de gênero na fisicultura dentro e fora da academia de musculação foi alcançado na categoria identificada como “A tribo dos fisiculturistas”. Nesta categoria, pôde-se interpretar diversos relatos sobre a interação social que ocorre na tribo dentro da academia e nos campeonatos fisiculturismo descritos em suas falas.

O acolhimento, a sociabilidade, crenças e costumes, permitem ao grupo de fisiculturistas uma maior interação social dentro das práticas permitindo o mesmo objetivo de subjetividade na construção do corpo e de uma identidade social.

Segundo Magnani (1992) e Maffesoli (1988), com o processo estrutural capitalista, ocorreram mudanças socioeconômicas graves no cotidiano dos indivíduos. Trazendo individualização social, muito trabalho e pouco lazer. Atualmente, as tribos urbanas aumentaram promovendo cooperação, cordialidade, solidariedade, acolhimento e prazer, proporcionado em formas de práticas corporais rompendo com o isolamento fruto do individualismo social (LUZ, 2007). Portanto, as falas das entrevistadas nos mostram como é importante a interação social relacionada a tribos das fisiculturistas.

Foram evidenciados diversos relatos de estigmas, violência simbólica, rotulações, que estão diretamente relacionadas com a posição social onde as mulheres fisiculturistas estão inseridas. Ressalta-se ainda os discursos da dominação masculina, produzidos a partir do contexto histórico na construção do capital cultural incorporado à sociedade. Cabendo lembrar que as construções das relações são objetivas entre oposições, como corpo socialmente diferenciado do gênero oposto, pelas mediações dos *habitus* sociais. Pode-se, a partir dessa informação, dizer que as ações e os pensamentos dos sujeitos são culturalmente enraizados nas relações de poder (BOURDIEU, p.43).

Assim, pode-se direcionar a relação de poder existente ao estigma sofrido pelas fisiculturistas e interpretado pelas suas falas nas entrevistas com relatos da existência do estigma, que antes era empírica, falado pelo senso comum, passando para um discurso verdadeiro, relacionado à hipertrofia muscular da mulher fisiculturista como uma experiência vivida trazendo um resultado positivo para o objetivo da pesquisa.

Ao discutir os sentidos atribuídos à feminina das mulheres fisiculturistas observa-se que diversas formas sociais direcionam o aprisionamento da subjetividade vividas pelas mulheres na contemporaneidade. Formas de como devem “ser” e “fazer” ainda é imprimido

pelo controle social. O discurso determinado pelo International Federation of Fisiculturismo (IFBB) a construção de violência simbólica, considerada um estigma físico, moral e com rotulações no âmbito microssocial (dentro da tribo do fisiculturismo) ao macrosocial (fora da tribo do fisiculturismo). Um discurso que perpetuou mundialmente a rotulação das mulheres fisiculturistas e principalmente as mais radicais (com maior volume muscular), levando à imagem da mulher o estigma de “não ser mulher”, persistindo com ideias do capital cultural incorporado no *habitus*, com o discurso que mulheres musculosas são homossexuais, travestis, não são femininas.

Esse discurso fundamentado pela instituição International Federation of Bodybuilding (IFBB) influenciou a sociedade com a não aceitação no âmbito das práticas corporais pelo fato de “não atrair público e patrocinadores”, engendrando dúvidas sobre a “imagem da mulher” fisiculturista como meio de controlar e limitar a nova construção de um novo corpo feminino. (GIANOLLA, 2003).

Ao identificar os sentidos atribuídos à saúde das mulheres fisiculturistas com o consumo de esteroides anabolizantes andrógenos e suplementações. Observa-se que a instituição (IFBB), em seu discurso fomentado pela perda da feminilidade e colocando em dúvida sua sexualidade, passa a exigir que as mesmas diminuíssem seus volumes musculares (JAEGER e GOELLNER, 2011). Nota-se que esse discurso proveniente do alto consumo de (EAA) não era para os homens da modalidade. Os homens da categoria de maior hipertrofia muscular, por exemplo, continuam existindo e competindo, ou seja, para as mulheres da categoria de maior volume muscular a instituição exclui com argumentos que reflete a dominação masculina em relação às suas imposições referentes às mulheres pelo comportamento social, ou seja, homem público e mulher privada.

Portanto, no mundo fitness as mulheres fisiculturistas são consideradas *insiders* no fisiculturismo, por se estabelecerem em um campo da dominação masculina heteronormativo, em que só os homens poderiam ser fortes e musculosos, considerado um grupo de valorização superior em relação a grupos de homens que não compactuam com o “ser” heteronormativo (ELIAS, 1994b). Assim, a permanência das mulheres na modalidade do fisiculturismo foi considerada uma transgressão, uma ameaça ao que sempre foi estabelecido ao corpo feminino natural na divisão binária. Ao descaracterizar os atributos valorosos da cultura hegemônica patriarcal, transgrede a normalidade assumindo as características exclusivamente masculinas. Dessa forma, é preciso acentuar outras aparências femininas reafirmando o modo singular da mulher. Foi inserida outra categoria com musculatura menos agressiva (como era chamada).

As mulheres fisiculturistas são *insiders* dentro do mundo caracterizado para homens. Dessa forma, notou-se os discursos produzidos a partir das regras impostas pelo jogo dos determinantes sociais ao excluírem a categoria das mulheres fisiculturistas (radicais), que nivelavam seu corpo ao padrão muscular dos homens fisiculturistas pelos direitos igualitários dentro da modalidade. Esse direito não poderia acontecer, já que as mulheres não podem ter empoderamento dentro do cenário masculinizado. Estigmatizar e apontar como desvio social mostra para as futuras atletas o que elas “podem” ou “não fazer”, e ser.

Compreende-se que há uma relação de poder disciplinar, segundo Foucault (1999b) não em relação à punição com sofrimento físico, mas no que se refere a uma sequência de direitos privados. Direitos excluídos por não serem aceitas na institucionalização, por não estarem nos padrões hegemônicos normatizados de beleza feminina dentro do Fisiculturismo.

Fica caracterizado, de forma pontual, que as mulheres fisiculturistas com mais hipertrofia muscular são as consideradas *outsiders* (BECKER, 2008) por não comungarem do processo da construção das regras normatizadas do padrão hegemônico e por não terem autonomia para decidir se pode ou não aumentar a hipertrofia muscular.

As mulheres fisiculturistas atualmente não se opõem contra o poder disciplinador (FOUCAULT, 1999b). Hoje, o grupo com mais volume muscular é pequeno em relação às outras categorias. Alguns motivos foram apresentados e esclarecidos em suas falas como: muito músculo assusta os homens, mulher muito musculosa chama muito atenção nas ruas, as pessoas ficam olhando ou até falam mal.

Dessa maneira, as mulheres estão buscando ganhar visualização com a espetacularidades do corpo padronizado, voltando a fazer parte da hegemonia feminina, confirmando o controle social na permanência do padrão normatizado. As estratégias usadas pelos dominantes da mídia, acentua um corpo com muito peito, aumento de glúteos, aumento de coxa e pouca gordura corporal, confere o controle e o disciplinamento das práticas bioascética na contemporaneidade vivendo o conformismo da relação de poder imposta pela instituição de Fisiculturismo com o mercado capitalista.

Por isso, viver em sociedade é viver sobre o domínio de uma lógica, o que antes era um corpo liberto, converte-se na lógica disciplinada do corpo espetacularizado, da valorização da aparência do corpo mediada por interesses tecnológicos, nos moldes de uma sociedade do espetáculo, do narcisismo, da construção do indivíduo egoísta e hedonista. A luta continua e alguns indivíduos ressurgem com o corpo, uma identidade, revelando sua subjetividade e indo contra a imposição social, com em seus rituais místicos, artísticos, suas crenças, seus valores e

costumes, os quais se expressam no processo civilizatório da natureza humana.

Mas a sociedade persiste em impor suas condições. Encontrou-se nas falas das entrevistadas traços de: estigma, violência simbólica, rotulações, transgressões, questões de gênero e sexualidade, feminilidade. A procura da satisfação com a imagem no âmbito da corpolatria do capital estético, da produção de mercado capitalista, através da espetacularização do corpo modelado por “si”, da escolha da maternidade e da felicidade a partir do corpo almejado. Constatou-se como o comportamento está relacionado ao capital cultural incorporado no *selfs* da construção da interação social contemporânea.

Outro fator importante é o não querer consumir altas dosagens de esteroides anabolizantes andrógenos (EAA). Portanto, as fisiculturistas procuram categorias que não exijam tanto do consumo. Um paradoxo na construção com o uso contínuo dos esteroides anabolizantes (EA) para não perder a densidade muscular e, também o *shape*.

Segundo Corbin (2012), é importante conhecer as fases dos diferentes sentidos de acordo com a cultura e o tempo histórico porque os controles corporais lentamente elaborados são rapidamente esquecidos, a ponto de parecerem naturais.

Logo, o controle do corpo é incorporado aos padrões hegemônicos pela lógica do poder simbólico dos dominantes sociais que disseminam de modo invisível o “ser” e o “fazer”. O sentido da saúde atribuído às práticas corporais, segundo Luz (2003), são valores de estratégias dominantes concebidas as valorizações basicamente estéticas que incluem representações e imagens corporais de juventude, beleza e vigor. Representações que permeiam os sentidos atribuídos às práticas de saúde.

O segundo objetivo específico foi alcançado na categoria identificada como Bioasceses e Bioidentidade. Nesta categoria, foi possível interpretar diversos relatos e os sentidos atribuídos à feminilidade das mulheres fisiculturistas.

Na interpretação das falas das entrevistadas, verificou-se que o fato de terem hipertrofia muscular e fazerem uso de esteroides anabolizantes não impede a feminilidade. Quanto à maternidade, as alterações hormonais são incontestáveis fisiologicamente. Portanto, quando se trata de maternidade há todo um processo que garante a saúde da mãe e do feto precisa ser avaliado pelos especialistas da área médica. Esses argumentos são defendidos com muito afinco por todas elas. Assim, pode-se afirmar que a maternidade para as fisiculturistas são formas de escolha (ter ou não filhos) como seus direitos individuais já que as mulheres não precisam ser mães para constituir como gênero biologicamente feminino de reprodução.

As mulheres brasileiras encaram, com muito orgulho, as noções de glamour feminino

atlético e mostra que ser fitness se concilia, atualmente, com a feminilidade, maternidade como repositória da normalidade (ADELMAN, 2003). Essa perspectiva permitiu observar as especificidades do capital social, segundo Bourdieu e Coleman (1984, 1997, 2001), referindo-se não apenas à sua forma econômica, mas também à sua forma cultural e social. Ou seja, são “recursos efetivos ou potenciais ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de conhecimento ou reconhecimento mútuo”. Trata-se, portanto, de um conjunto de práticas, saberes, relações e influências associados ao corpo feminino a partir de dois campos distintos: os palcos da competição de Fisiculturismo e a academia de musculação. Ambos permeados pela bioidentidade na exposição do corpo moldado e pela bioasceses na individualidade, submetidos ao disciplinamento corporal na atualidade. Neste sentido, Foucault (1999a) afirma.

[...] o controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela consciência ou pela ideologia, mas começa no corpo, com o corpo. Foi no biológico, no somático, no corporal que, antes de tudo, investiu a sociedade capitalista. O corpo a uma realidade biopolítica. A medicina é uma estratégia biopolítica [...] (FOUCAULT, 1999a, p. 80).

A partir dessa análise do processo de medicalização da sociedade Foucault (1999) sinaliza os efeitos de uma medicalização da vida e do espaço social, onde indivíduos perdem o direito sobre seu próprio corpo, o direito de viver, de estar doente, de ser curar e morrer como quiserem. Assim, a medicina, como um sistema de racionalização e de controle, invadiu o campo da saúde, dilatando o da doença. Gerindo a população, a medicina se torna uma instância normativa, um componente do Biopoder²¹(FOUCAULT, 1999a).

Constituindo uma nova economia e uma nova política do corpo, de acordo com Rabinow (2002), a nova genética deixará de ser uma metáfora biológica para a sociedade moderna e se tornará uma rede de circulação de termos de identidade e lugares de restrição. A identidade passa a ser definida em termos biológicos e não mais a partir das categorias de sexo, idade ou raça. Segundo Rabinow (2002, p.221), a produção de um homem novo opera uma ruptura sistemática com todas as formas anteriores de sociabilização técnica. Trata-se de uma nova forma de autoprodução técnica, que o autor chama de “biossociabilidade”.

²¹ Biopoder, é um termo criado originalmente pelo filósofo francês Michel Foucault para referir-se à prática dos estados modernos e sua regulação dos que a ele estão sujeitos por meio de uma "explosão de técnicas numerosas e diversas para obter a subjugação dos corpos e o controle de populações" esse termo apareceu pela primeira vez em *A vontade de saber*, primeiro volume da *História da Sexualidade* (FOUCAULT, 1976).

Ortega (2003) amplia a noção de biossociabilidade salientando que a cultura da biossociabilidade é produzida com novos critérios de mérito e reconhecimento, novos valores com base em regras higiênicas, regimes de ocupação de tempo e criação de modelos ideais de sujeitos baseados no desempenho físico.

Essa tendência exprime a criação de uma nova moral da saúde, denominada de “*Healthism*”, que é a forma que a medicalização adquire na biossociabilidade (RABINOW, 2002). A saúde passou a ser exigida pela autoconsciência de ser saudável, afirmando continuamente de forma ostentosa, constituído o princípio fundamental de identidade subjetiva. A saúde perfeita passou a ser a nova utopia apolítica de nossas sociedades viver para viver as biotecnologias (ORTEGA, 2004). Assim, a nova moral que estrutura a biopolítica da saúde é a moral do bem-comer (sem colesterol), beber um pouco (vinho tinto para as artérias), ter práticas sexuais de parceiro único (perigo da AIDS). O controle do corpo não é um assunto técnico, mas político e moral (SFEZ, 1996, p.68).

Podemos observar no Manifesto Ciborgue (2000), Haraway convida a assumir a responsabilidade pelas relações sociais decorrente da ciência e da tecnologia, como o encontro do corpo e as drogas para melhorar a *performance*. Mas, com ou sem treinamento, e tecnologia fazem dos atletas parte de uma rede tecnológica composta por elementos artificiais, dietas, práticas de treinamentos, fabricação de calçados de corrida, roupas específicas e equipamentos para visualização e controle do tempo abraçando a delicada tarefa de reconstruir os limites da vida (HARAWAY, 2000). A autora declara:

[...]. Estamos falando, neste caso, de formas inteiramente novas de subjetividades. Estamos falando seriamente sobre mundos em mutação que nunca existiram, antes, neste planeta. E não se trata simplesmente de ideias. Trata-se de uma nova carne [...] (HARAWAY, 2000, P.25).

De uma maneira mais ampla, a noção de biossociabilidade visa descrever e analisar as novas formas de sociabilidade apolítica surgidas pelos interesses das interações do capital privado, com as biotecnologias e a medicina. O que antes era apenas uma sociabilidade social que reunia agrupamentos tradicionais como raça, classe, estamento, orientação política, dentro das práticas corporais, com critério de saúde, longevidade, deu lugar a uma nova carne com novas regras, novos modelos ideais de sujeitos baseados no desempenho físico (RABINOW, 2002, p.30). Criaram-se novos critérios de méritos e reconhecimento. Suas ações passam a ser dirigidas com objetivo de ter a melhor forma física, mais longevidade, prolongamento da

juventude, etc. (ORTEGA, 2004, p.64).

A normatividade da vida, emerge da própria atividade do ser, como vive e como se manifesta em suas escolhas. Correspondendo à imagem de cada sujeito em sua trajetória vital singular, refletindo seus valores e objetivos, os quais são comunicados através de seu corpo (MATTOS, 2014).

Portanto, os resultados indicam que as fisiculturistas em sua carreira moral (GOFFMAN, 2004, p.30), incorporam seus estigmas adquirindo as crenças da sociedade formalizado nos padrões distintos de corpos modelados e saudáveis, sincronizados ao contexto social. A tribo representa a coletividade como capacidade de ajustamento pessoal de sua carreira moral tornando-se possível a convivência social, passando a ser afetivamente uma construção socioantropológica do corpo ajusta ao processo da bioescases e da bioidentidade nas práticas corporais da atualidade.

Assim, acredita-se que com novos conhecimentos será possível romper as questões de gênero e sexualidade e que, no futuro, também será possível trabalhar sem diferenças raciais, etnias, gênero, classe, pois somos seres racionais que ainda não evoluímos o suficiente para chegarmos perto da nossa capacidade de aceitação de nossas diferentes. Acredita-se que, só com conhecimento, a igualdade chegará a todas mulheres e homens que apenas querem viver sua subjetividade.

REFERÊNCIAS

- ADELMAN, M. Mulheres atletas: ressignificações da corporalidade feminina. *Revista Estudos Feministas*, Universidade Federal de Santa Catarina, v. 11, n. 2, 2003.
- ANDRIEU, B. *A Nova filosofia do corpo*. Lisboa: Instituto Piaget, 2004.
- BANDEIRA, L. A contribuição da crítica feminista à ciência. *Revista Estudos Feministas*, Universidade Federal de Santa Catarina, v. 16, n.1, 2008.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70 Brasil, 2011.
- BAUDRILLARD, J. *Simulacros e simulação*. São Paulo: Relógio D'água, 1991.
- BAUDRILLARD, J. *Simulacros e simulação*. Tradutora Maria João da Costa Pereira. Lisboa: Relógio D'água, 1981.
- BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BECKER, H.S. *OUTSIDERS: estudos de sociologia do desvio*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008
- BIRMAN, J. *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.
- BOLIN, A. "Fisiculturismo". In: CHRISTENSEN, K.; GUTTMANN, A; PFISTER, G. (org.). *International Encyclopedia of Women and Sport*. New York, v.1, p. 146-152, 2001. Macmilian Reference.
- BOLTANSKI, L. *As classes sociais e o corpo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Graal; 1989.
- BORDO, S. *Twilight zones: the Hidden Life of Cultural Images from Plato to O.J. Berkeley*: University of Califórnia Press, 1997b. -2000.
- BOTELHO, F. M. Corpo, risco e consumo: uma etnografia das atletas de fisiculturismo. *Revista Habitus*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 104-119, jul. 2009. IFCS/UFRJ.
- BOURDIEU, P. *A Dominação masculina*. Rio de Janeiro: Best Bolso, 2014.
- BOURDIEU, P. *A Economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- BOUVOIER, S. *Segundo sexo*, v.2. 2. ed. Tradução Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BRACHT, V. A constituição das teorias pedagógicas da Educação Física. *Caderno Cedes*, Campinas, v. 19, n. 48, p. 69-88, 1999.
- BRANNON, L. *Gender: psychological perspectives*. Boston, MA: Allyn and Bacon, 1999.

BRASIL. Decreto nº 3.199, de 14 de abril de 1941. Dispõe sobre as bases de organização dos desportos em todo o país, a vigorar em 1941. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Poder Executivo, Brasília, DF, 14 abril 1941. Seção 1, p.96.

BUTLER, J. *Problemas do gênero: feminino e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CANCELLA, K. B. Das gymnasticas nos quartéis ao esporte competitivos: análise sobre a introdução das práticas esportivas entre os militares até a fundação das ligas esportivas militares. *Pensar e Prática*, Goiânia, v. 16, n.3, p.619 – 955, 2013.

CARRARA, K.; FERNANDES, D. M. Corrupção e seleção por consequências: uma análise comportamental. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. Brasília, v. 34, e3423, 2018.

CARVALHO, M. C. V. S.; LUZ, M. T. Práticas de saúde, sentidos e significados construídos: instrumentos teóricos para sua interpretação. *Revista Interface – Comunicação, Saúde, Educação*, Botucatu, SP, v.13, n.29, p.313-326, 2009.

CARVALHO, M. P. O conceito de gênero: uma leitura com base nos trabalhos do GT Sociologia da Educação da ANPED (1999 – 2009). *Revista Brasileira da Educação*, v. 16, n. 46, 2011.

CASTELLANI, F. L. *Educação física: uma história que não se conta*. Campinas: Papirus, 1994.

CASTRO, L. de. O método francês na Polícia Especial. *Revista Educação Física*, Rio de Janeiro, n.9, p.12-14. 1933.

CAVALIERI, M. A. R.; CURADO, M. L. As influências norte-americanas de Roberto Simonsen: controle social, institucionalismo e planejamento. *Estudos Econômicos*, São Paulo, v. 46, n.2. 2016.

CECCHETTO, F.; MORAES, D. R.; FARIAS, P. S. Distintos enfoques sobre esteroides anabolizantes: riscos à saúde e hipermasculinidade. *Revista Interface Comunicação, Saúde, Educação*. Botucatu, SP, v.16, n.41, p. 369-82, 2012.

CHAIN, M. *Diário do culturismo: educando treinadores e atletas*. 2006.

CONRAD, P. *The medicalization of society: on the transformation of human conditions into treatable disorders*. Baltimore: Johns Hopkins University Press. 2007.

CORBIN, A. *Saberes e odores: o olfato e o imaginário social nos séculos dezoito e dezenove*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, 2012a.

COSTA, E. M. B.; VENÂNCIO, S. Atividade física e saúde: discursos que controlam o corpo. *Pensar a Prática*, Goiânia, v. 7, n. 1, p. 59-74, mar. 2004.

COURTINE, J. J. *História do corpo*, v. 3: as mutações do olhar – O século XX. Tradução e revisão de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes. 2008 a.

- COURTINE, J. J. Os stakhanovistas do narcisismo: Bodybuilding e puritanismo ostentatório na cultura americana do corpo. In: SANT'ANNA, D. B. (org). *Políticas do corpo*. São Paulo: Estação liberdade, 1995.
- CRAWFORD, R. Healthism and the medicalization of everyday life. *International Journal of health services*, v.10, p.365-88, 1980.
- D'INCAO, M. A. Modos de ser e de viver: a sociabilidade urbana. *Tempo Social*, São Paulo, v.4, n.1-2, p. 95-109, 1992.
- DAOLIO, J. *Da cultura do corpo*. 12. ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 1995.
- DEBORD, G. A sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro, Contraponto, 1991.
- DEL PRIORE, M. *Corpo a corpo com a mulher: pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil*. São Paulo: Senac, 2000.
- DELEUZA, G.; ESPINOSA: *Filosofia prática*, São Paulo: Escuta, 2002.
- DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. *Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa*. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (org.). *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 15-41
- DESCARTES, R. *Os Pensadores*. Tradução de J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. São Paulo: Nova Cultural, 1996.
- DEVIDE, F. P. *Gênero e mulheres no esporte: história das mulheres nos jogos Olímpicos Modernos*. Ijuí: Unijuí, 2005.
- DOBBINS, B. *Woman's fisiculturismo: a revolution in progress*. 2010
- ELIAS, N. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Zahar, v. 1. 1994b.
- ELIAS, N.; SCOTSON, J. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- ESTEVÃO, A. Práticas do fisiculturismo. *Motrivivência*, ano 17, n. 24, p. 41-57, 2005.
- FAHEY, T, D. *Bases de treinamento de força para homens e mulheres*. [Porto Alegre]: AMGH Editora, 2014.
- FAUSTO-STEHLING, A. Dualismo em duelo. *Caderno Pagu*,v.17/18, n. 02, p. 9-79, 2001.
- FEASTHERSTONE, M. *Cultura de consumo e pós-modernismo*. Trad. Júlio Assis Simões. São Paulo: Studio Nobel, 1995.
- FIGUEREDO, D. C.; NASCIMENTO, F. S.; RODRIGUES, M. E. Discurso, culto ao corpo e identidade: representações do corpo feminino em revistas brasileiras. *Tubarão*, Santa Catarina, v. 17, n.1, p.67-87, 2017.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade II: o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal, 1990a.

FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

FOUCAULT, M. *Vigiar e punir*. Tradução Raquel ramallete. 38. ed. Rio de Janeiro: Petrópolis: Vozes, 2010.

FOX-KELLE, E. Qual foi o impacto do feminismo na ciência? *Caderno Pagu*, v. 27, p. 13-34, 2006.

FREUD, S. O Ego e o ID e outros trabalhos. In: *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas*, v. 19. Rio de Janeiro: Imago, 1923-1925. p. 77.

FREYRE, G. *Interpretação do Brasil*. São Paulo: Global Editora, 1944-2015.

GEERTZ, C. *A interpretação da cultura*. 1. ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editores, 2008. v. 13.

GHIRALDELLI JÚNIOR, P. *Educação física progressista: a pedagogia crítico-social dos conteúdos e a Educação Física*. 6. ed. São Paulo: Loyola, 1988.

GIANOLLA, F. *Musculação: conceitos básicos*. ed. Barueri: Manole, 2003.

GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. *Revista De Administração de Empresas*, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.

GOELLNER, S. V. A Educação Física e a construção do corpo da mulher: imagens de feminilidade. *Revista Motrivivência*, Santa Catarina, n. 16, 2001.

GOELLNER, S. V. *Bela, maternal e feminina: imagens da mulher na Revista Educação Physica*. Ijuí: Unijuí, 2003.

GOFFMAN, E. M. *A representação do Eu na vida cotidiana*. 7. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1986.

GOFFMAN, E. M. *Estigma: notas sobre a manipulação da Identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2004.

GOFFMAN, E. M. *Gender advertisements*. Nova York, Harper and Row, 1979.

GOFFMAN, E. M. *Interaction ritual*, Garden City, NY, Doubleday, 1967

GOLDENBERG, M. (org.). *Nu e vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. Rio de Janeiro: Record, p.414, 2002.

GOLDENBERG, M. Gênero e corpo na cultura brasileira. *Psicologia Clínica*, v.17, n.2, p. 65-80, 2005.

GRANEHEIN, U. H.; LUDMAN, B. Análise qualitativa de conteúdo em pesquisa em enfermagem: conceitos, procedimentos e medidas para alcançar a confiabilidade. *Educação de Enfermeira Educação Hoje*, v. 24, n. 2, p 105-12, 2004.

HARAWAY, D. “Gênero” para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra. *Revista Pagu*. Rio de Janeiro, v. 22, p.201-246, 2004.

HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Caderno Pagu*, Rio de Janeiro, v. 5, p. 07-41, 1995.

HEINZELMAN, F. L.; MUHLEN, V. K. B.; SCHLEINIGER, C. S.; LEITE, M. D. P.; STREY, M. N. Corpos em revista: a construção de padrões de beleza na Vogue Brasil. *Psicologia Revista*, Belo Horizonte, v. 18. n. 3. 2012

IRIART, J. A. B; CHAVES, J. C.; ORLEANS, R. G. Culto ao corpo e uso de anabolizantes entre praticantes de musculação. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 25, n.4, p. 773-782, 2009.

JAEGER, A. A.; GOELLNER, S.V. Músculo estraga a mulher? A produção de feminilidade no fisiculturismo. *Revista Estudo Feministas*, v. 9, n.3, pp. 955-976. 2011.

JOUBERT, C. E. *Expectativas subjetivas da aceleração do tempo com o envelhecimento*. Habilidades perceptivas e motoras, v. 70, n.1. p. 334, 1990.

JOUBERT, C. E. *Relação da frequência com a percepção de adequação de gênero em nomes pessoais*. Habilidades perceptivas e motoras, v. 80, n.1, p. 331-335, 1995.

KLUCKHOHN, C. Los valores y las orientaciones de valor en la teoría de la acción. In: PARSONS, T.; SHILS, E. A. (org.). *Hacia una teoría general de la acción*. Buenos Aires: Editorial Kapelusz, pp. 435-485, 1968.

KNIBIEHLER, Y. Les médecins et la “nature féminine” au temps du code civil. *Anais*, n.4, p. 824-845, 1976

KPROWSKI, E. *História da NABBA*. Fonte: NABBA Rio Fitness: 2016. Disponível em: <http://nabbario.com.br/historia.html>.

LAKATOS, E. M. *Fundamentos de metodologia científica*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LAQUEUR, T. *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos e Freud*. Tradução de Vera Whately. Rio de Janeiro: Relume Dumará. 2001.

LASCH, C. *A cultura do narcisismo: a vida americana numa era de esperança em Declínio*. Tradução por Ermani Pavaneli. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

LÊ BRETON, D. *Antropologia del cuerpo y modernidad*. Buenos Aires: Nueva Vision, 2002.

LESSA, P. Corpos blindados: a desconstrução de gênero no fisiculturismo feminino. *Revista Ártemis*, v.13, p 210-221, 2012.

LIOTARD, P. Fisiculturismo. In: ANDRIEU, B. BOETSCH, G. (org.). *Dictionnaire du Corps*. Paris: CNRS, 2008.

- LIPOVETSKY, G. *A felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo*, São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- LOURO, L. G. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. *Pro-Posições*, v. 19, n. 2, p. 56, 2008.
- MAED, M. *Sexo e temperamento*. Tradução Rosa Krausz. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- MAFFESOLI, M. *Le temps des tribus: le déclin de l'individualisme dans les sociétés postmodernes*. Paris: Méridiens Klincksieck. 1988.
- MAGNANI, J. G. C. "Tribos urbanas: metáfora ou categoria?". *Cadernos de Campo. Revista dos Alunos de Pós-Graduação em Antropologia da USP*, v. 2 n., p.49- 51, 1992.
- MALINOWSKI, B. *Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos Arquipélagos da Nova Guiné Melanésia*. São Paulo: Abril Cultural, 1976.
- MALYSSE, S. *Em busca dos (H) alteres-ego: olhares franceses nos bastidores da corpolatria carioca*. In: GOLDENBERG, M. (org). *Nu & vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. Rio de Janeiro: Record, 2002. p. 79-137.
- MARCUSE, H. *O homem unidimensional: estudo da ideologia da Sociedade Industrial avançada*. São Paulo: Edipro, 2014.
- MARINHO, I. P. *História da educação física no Brasil*. Rio de Janeiro: Cia. Brasil Editora, S/A, 1984.
- MARTINS, A. P. V. *Visões do feminino: a medicina da mulher nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, p. 287, 2004.
- MATTOS, R. S. *Imagem corporal: novos olhares numa perspectiva interdisciplinar para o século XXI*. Jundiaí, Paco Editorial: 2014.
- MATTOS, R. S. Sobrevivendo ao estigma da gordura: um estudo socioantropológico sobre obesidade. *Physis Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 19, n, 2, p. 489- 507, 2009.
- MAUSS, M. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.
- MEDINA, J. P. S. *A educação física cuida do corpo... e "mente": bases para a renovação e transformação da educação física*. Campinas: Papiros, 1983.
- MEDINA, J. P. S. *O Brasileiro e seu corpo: educação e política do corpo*. Campinas, SP: Papiros, 1987.
- MOSCAROLA, J; FREITAS, H; JANISSEK, R. *Análise qualitativa em formulário interativo: rumo a um modelo cibernético conjugando análises léxica e de conteúdo*. CIBRAPEQ-Congresso Internacional de Pesquisa Qualitativa, Taubaté/SP, 2004.
- MOSCOVICI, S. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Petrópolis: Vozes: 2011.

MOURÃO, L. Representação social da mulher brasileira nas atividades físico- desportivas: da segregação à democratização. *Revista Movimento*, v. 2, n. 13, 2002.

O'CONNELL, J. *Joe Weider (1919-2013): recordando o pai do Fisiculturismo*. 2019. Disponível em: <https://www.fisiculturismo.com/>

OLIVEIRA, M.E. O uso de anabolizantes como forma de produção de si e tentativa de controle do corpo. *Revista Eletrônica de Ciências Sociais*, n. 8, p. 34/37, mar. 2005.

ORTEGA, F. *O corpo incerto: corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea*, Rio de Janeiro, Garamond, 2008.

ORTIZ, R. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 2005.

ORTIZ, R. *Mundialização e cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2006.

PAIVA, F. S. L. *Contribuição de higiene à escolarização da Educação Física*. Movimento. Porto Alegre, v.10, p. 53-75, 2004.

PASSOS, M.D; GUGELMIN, I. R. R.C; CARVALHO, M. C. V S. Representações sociais do corpo: um estudo com adolescentes do Município do Rio de Janeiro, Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v.29, n.12, 2013.

PERROT, M. *História da vida privada*. (org.). São Paulo: Companhia das Letras. 1993.

PLATÃO. *A República*. São Paulo: Martin Claret, 2005.

PRADANOV, C. C; FREITAS, E. C. *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. 2. ed. Novo Hamburgo, RS, 2013.

RABINOW, P. Artificialidade e iluminismo: da sociobiologia à biossociabilidade. In: RABINOW, P. *Antropologia da razão*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999. p.135-157.

REIS, M. M. F. Mulher: produto com data de validade. São Paulo: O Nome da Rosa, 2002. [Resenha]. *Movimento & Percepção*, Espírito Santo do Pinhal, SP, v. 11, n. 16, 2010.

RETONDAR, J. J. M. *Imagem corporal na psicanálise: entre a máquina e os sentidos*. Imagem corporal: novos olhares numa perspectiva interdisciplinar para o século XXI. Rafael Mattos, Jundiaí, Paco Editorial, 2014.

RODRIGUES, J. C. *Tabu do Corpo*. Revista. 7.ed. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2006.

ROSE, N. The politics of life it self. *Theory, Culture & Society*, v.18, n.6, p 1-30, 2001.

ROSEMBERG, F. O movimento de mulheres e a abertura política no Brasil: o caso da creche. *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, n. 51, p. 7-79, nov. 1984. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/cp/n51/n51a07.pdf>. Acesso em: 14 jan. 2015.

ROUSSEAU, J.J. *Emílio ou da educação*. 3. ed. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo; Rio de Janeiro: Difusão Editorial S.A. Brasil, 1992. p. 423.

- SABINO, C. Anabolizantes: drogas de Apolo. In: GOLDENBERG, M. (org.). Nu & vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca. Rio de Janeiro: Editora Record; 2002.
- SABINO, C. *Os Marombeiros: construção de corpo e gênero em academias de musculação*, Dissertação (Mestrado em Sociologia) – PPG – AS/ IFCS/ UFRJ, Rio de Janeiro, 2000.
- SALVINI, L; JÚNIOR, W.M. Uma história do futebol nas páginas da revista Placar ente os anos de 1980- 1990. *Movimento*, Porto Alegre, v. 19, n.01, p. 95- 115, jan. /mar. 2013.
- SANTOS, S. F. DOS; SALLES, A. D. Antropologia de uma academia de musculação: um olhar sobre o corpo e um espaço de representação social. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v.23, n.2, p.87- 102, abr./jun. 2009.
- SANTOS, S. M. M. DOS; Oliveira. L. Igualdade nas relações de gênero na sociedade do capital: limites, contradições e avanços. *Revista Katál*, Florianópolis, v. 13, n. 1, p. 11-19, 2010.
- SAYERS, D. L. *A mente do criador*. [São Paulo]: Ed. Realizações. 2016. p. 192. (Coleção Crítica, História e Teoria da Literatura).
- SCHWARZENEGGER, A. *Enciclopédia de fisiculturismo e musculação*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, p. 799. 2002.
- SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71- 99, 1995.
- SCOTT, J. O enigma da igualdade. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v.13, n.216, p.11- 30, 2005.
- SFEZ, L. *A saúde perfeita: crítica de uma nova utopia*. São Paulo: Loyola, 1996.
- SIBILIA, P. *O homem pós-orgânico: corpo, subjetividade e tecnologias digitais*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.
- SILVA, A. C; FERREIRA, J. Suando a camisa em academias de ginástica do Rio de Janeiro: um estudo etnográfico. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, n. 3, v. 26, p. 768-783, 2016.
- SOARES, C. L. Imagens da retidão: a ginástica e a educação do corpo. In: CARVALHO, Yara Maria de; RUBIO, Katia. (org.). *Educação física e ciências humanas*. São Paulo: Hucitec, 2001. 170 p. 53-74.
- SOUZA. J. Gilberto freire e a singularidade cultural brasileira. *Tempo Social*, v. 12, n., 1, São Paulo, 2000.
- SUDO, N.; LUZ, M. T. O gordo em pauta: representações do ser gordo em revistas semanais. *Rev. C. S. Col.*, v. 12, n. 4, p. 1033-1040, 2007.
- TURNER, V. *O Processo ritual: estrutura e antestrutur*a. Petrópolis: Vozes, 1974.
- VELHO, G. *Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.

VOTRE, S. (org.). *A Representação social da mulher na educação física e no esporte*. Rio de Janeiro: UGF, 1996.

WACQUANT, L.J.D. *Corpo e alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxer*. Paris: Agone, 2002.

WEBER, M. Classe, estamento e partido. In: WEBER, M. *Ensaio de sociologia*. Rio de Janeiro: LTC, 1982.

WEBER, M. *Economia e sociedade*. São Paulo: Editora da UNB. 2004. v.5, p. 176-77.

WELLES, S. *Qual é o físico feminino perfeito?* Reportagens sobre o fisiculturismo feminino. Disponível em: <http://femalemuscleshow.forunsfratis.net/view-topic.php?> Acesso em: 2006.

WOLF, N. *O mito da beleza*. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 2018.

APÊNDICE- A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(Resolução CNS nº 466/2012)

Eu, _____, abaixo assinado(a), declaro ter sido informado(a) dos motivos para participar desta pesquisa.

Entendo que as informações prestadas por mim serão utilizadas no projeto de pesquisa “O Estigma da hipertrofia: um estudo de caso com os fisiculturistas do Rio de Janeiro”, desenvolvido por Eliane de Queiroz Grivet, aluna do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Exercício e Esporte (PPGCEE) do Instituto de Educação Física e Desportos (IEFD) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

Declaro ter compreendido as explicações transmitidas pela pesquisadora, que tem por objetivo Compreender o estigma dos fisiculturistas nos diferentes espaços sociais. Para construir um corpo com grande volume muscular e alcançar os padrões estéticos da modalidade, exagera-se no consumo de suplemento e esteroides anabolizantes andrógenos. Este fato implica estar mais próximo aos riscos eminentes, da saúde, sem a orientação médica adequada. Para compreender os sentidos dessa problemática será realizada uma pesquisa qualitativa de caráter etnográfico com entrevistas abertas com atletas de fisiculturismo em diferentes academias no Rio de Janeiro.

Compreendo que todas as entrevistas abertas serão com questionamentos por meios da elaboração de um roteiro informal na prática com os fisiculturistas e que serão anotadas e utilizadas pela pesquisadora somente para coleta de dados. Fica claro que minha participação é totalmente voluntária e posso recusar-me a participar, ou mesmo desistir, a qualquer momento, sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo a minha pessoa. Não haverá desconfortos e riscos com a minha participação. A pesquisa não terá nenhum custo para mim e não receberei qualquer vantagem financeira para participar deste estudo.

Entendo que os resultados poderão contribuir para propostas de melhoria da compreensão dos atletas da modalidade de fisiculturismo e para o universo acadêmico nas questões socioculturais que permeiam os processos de qualidade de vida e bem esta social.

Fica acordado que a pesquisadora está ao meu dispor, sempre que necessário, para esclarecer as minhas dúvidas e responder às perguntas que eu deseje fazer, para me ajudar a compreender quaisquer questões que possam surgir relacionadas ao tema da pesquisa.

Sendo assim, declaro que concordo em participar desta pesquisa, ciente que meu direito de não responder a qualquer pergunta será respeitado, se esta for minha decisão, não importando o(s) motivo(s). Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Rio de Janeiro, ____ de _____ de 201__.

Assinatura do atleta.

Assinatura da pesquisadora

Qualquer dúvida, entrar em contato com a pesquisadora Eliane de Queiroz Grivet telefones (21) 98360-3335 ou e-mail elianegrivet@yahoo.com.br ou com o pesquisador Rafael da Silva Mattos pelo e-mail profmattos2010@gmail.com.

APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido Institucional**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
INSTITUCIONAL**

(Resolução CNS nº 466/2012)

Eu, _____, abaixo assinado (a), declaro ter sido informado (a) dos motivos do projeto de pesquisa “O Estigma da hipertrofia: um estudo de caso com os fisiculturistas do Rio de Janeiro”, desenvolvido por Eliane de Queiroz Grivet, aluna do Programa de Pós-Graduação em Ciências de Exercício e do Esporte (PPGCEE) do Instituto de Educação Física e Desportos (IEFD) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

Declaro ter compreendido as explicações transmitidas pela pesquisadora, que tem por objetivo. Compreender o estigma dos fisiculturistas nos diferentes espaços sociais. Para construir um corpo com grande volume muscular e alcançar os padrões estéticos da modalidade, exagera-se no consumo de suplementos e esteroides anabolizantes andrógenos. Este fato implica estar mais próximo aos riscos eminentes, da saúde, sem a orientação médica adequada. Será realizada uma pesquisa qualitativa de caráter etnográfico com entrevistas informais com atletas de fisiculturismo na academia UPPER.

Fica claro que minha autorização é totalmente voluntária e posso recusar-me a autorizar, ou mesmo desistir, a qualquer momento, sem que isto acarreta qualquer ônus ou prejuízo a minha pessoa. A pesquisa não terá nenhum custo para a academia e não receberei qualquer vantagem financeira para autorizar este estudo. Entendo que os resultados poderão contribuir para propostas de melhoria da compreensão dos atletas da modalidade de fisiculturismo e para o universo acadêmico nas questões socioculturais que permeiam os processos de qualidade de vida e bem-estar social.

Fica acordado que a pesquisadora está ao meu dispor, sempre que necessário, para esclarecer as minhas dúvidas e responder às perguntas que eu deseje fazer, para me ajudar a compreender quaisquer questões que possam surgir relacionadas ao tema da pesquisa.

Sendo assim, declaro que concordo em autorizar esta pesquisa e que recebi uma cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido Institucional para ter a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Rio de Janeiro, de 2018.

Assinatura do Diretor_____
Assinatura da pesquisadora

Qualquer dúvida, entrar em contato com a pesquisadora Eliane de Queiroz Grivet (21) 98360-3335 ou e-mail elianegrivet@yahoo.com.br ou com o pesquisador Rafael da Silva Mattos pelo e-mail profmattos2010@gmail.com

Caso não consiga encontrar um dos pesquisadores, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa, CEP-HUPE no telefone (21) 2868-8253 ou e-mail cep-hupe@uerj.br

APÊNDICE C - Roteiro de entrevista realizado com as fisiculturistas

Roteiro de entrevista realizado com as fisiculturistas

O Roteiro Prévio das entrevistas com as temáticas que foram abordadas:

- Há quanto tempo você é fisiculturista?
- Você já se sentiu ou se senti estigmatizada?
- O que você achou sobre a exclusão das Fisiculturismo Femininas?
- Qual o motivo que te levou a querer subir ao palco como fisiculturista?
- Qual é a sensação de mostrar seu corpo, seu trabalho para as pessoas na competição?
- Você já se sentiu masculinizada?
- Há quando tempo você treina para o fisiculturismo?
- Você se senti feminina?
- Qual seu objetivo dentro do fisiculturismo?
- Como as pessoas: amigos, parentes, namorados agem em relação a você com seu corpo musculoso?
- Alguma vez falaram mal ou te maltrataram de alguma forma?
- O que pensa da maternidade?
- O que acha do corpo feminino musculoso?
- Qual é o seu relacionamento com as fisiculturistas de outras categorias?

APÊNDICE D - Aprovação do Comitê de Ética

Aprovação do Comitê de Ética

- LISTA DE APRECIACOES DO PROJETO							
Apreciação	Pesquisador Responsável	Versão	Submissão	Modificação	Situação	Exclusiva do Centro Coord.	Ações
E1	ELIANE DE QUEIROZ GRIVET	2			Em Edição		  
PO	ELIANE DE QUEIROZ GRIVET	1	04/03/2018	03/07/2018	Aprovado	Não	 

- HISTÓRICO DE TRÂMITES							
Apreciação	Data/Hora	Tipo Trâmite	Versão	Perfil	Origem	Destino	Informações
PO	03/07/2018 14:55:46	Parecer liberado	1	Coordenador	UERJ - Hospital Universitário Pedro Ernesto/ Universidade do Estado do Rio de Janeiro	PESQUISADOR	
PO	14/06/2018 15:35:05	Parecer do colegiado emitido	1	Coordenador	UERJ - Hospital Universitário Pedro Ernesto/ Universidade do Estado do Rio de Janeiro	UERJ - Hospital Universitário Pedro Ernesto/ Universidade do Estado do Rio de Janeiro	
PO	14/06/2018 15:33:09	Parecer do relator emitido	1	Coordenador	UERJ - Hospital Universitário Pedro Ernesto/ Universidade do Estado do Rio de Janeiro	UERJ - Hospital Universitário Pedro Ernesto/ Universidade do Estado do Rio de Janeiro	
PO	22/05/2018 12:30:17	Aceitação de Elaboração de Relatoria	1	Coordenador	UERJ - Hospital Universitário Pedro Ernesto/ Universidade do Estado do Rio de Janeiro	UERJ - Hospital Universitário Pedro Ernesto/ Universidade do Estado do Rio de Janeiro	
PO	13/04/2018 19:15:22	Confirmação de Indicação de Relatoria	1	Coordenador	UERJ - Hospital Universitário Pedro Ernesto/ Universidade do Estado do Rio de Janeiro	UERJ - Hospital Universitário Pedro Ernesto/ Universidade do Estado do Rio de Janeiro	
PO	13/04/2018 18:44:23	Indicação de Relatoria	1	Coordenador	UERJ - Hospital Universitário Pedro Ernesto/ Universidade do Estado do Rio de Janeiro	UERJ - Hospital Universitário Pedro Ernesto/ Universidade do Estado do Rio de Janeiro	
PO	13/04/2018 15:47:51	Aceitação do PP	1	Coordenador	UERJ - Hospital Universitário Pedro Ernesto/ Universidade do Estado do Rio de Janeiro	UERJ - Hospital Universitário Pedro Ernesto/ Universidade do Estado do Rio de Janeiro	
PO	04/03/2018 17:47:23	Submetido para avaliação do CEP	1	Pesquisador Principal	PESQUISADOR	UERJ - Hospital Universitário Pedro Ernesto/ Universidade do Estado do Rio de Janeiro	

ANEXO A - Trabalhos publicados durante o mestrado

TRABALHOS APRESENTADOS NO MESTRADO





Certificado

Certificamos que o trabalho O FISCULTURISMO NAS ACADEMIAS DE MUSCULAÇÃO: FORMA DE LAZER de autoria de ELIANE DE QUEIROZ GRIVET foi apresentado III CONGRESSO BRASILEIRO DE ESTUDOS DO LAZER | XVII Seminário "O Lazer em Debate, no período de 27/04/2018 a 30/04/2018, no campus Cidade Universitária da Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande-MS, realizado pela Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-graduação em Estudos do Lazer, na qualidade de poster.

Junior Vagner Pereira da Silva
Coordenador da Ação

Marcelo Fernandes Pereira
Pró-Reitor - Pró-reitoria de Extensão, Cultura e Esporte



I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS

I INTERNATIONAL PHYSICAL EDUCATION AND SPORTS CONGRESS

22 e 23 de novembro de 2018 | November 22 and 23, 2018
IEFD/UERJ - Rio de Janeiro - Brazil

Certificamos que o Trabalho intitulado

A estética do músculo no fisiculturismo e o fim da adiposidade

dos autores

**Eliane de Queiroz Grivet, Fernanda Andressa dos Santos Chagas, Rafael da Silva Mattos,
Leonardo Hernandes de Souza Oliveira e Stephany de Sá**

foi apresentado no I Congresso Internacional de Educação Física e Desportos, promovido pelo Instituto de Educação Física e Desportos (IEFD) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), realizado nos dias 22 e 23 de novembro, na UERJ, Rio de Janeiro, na qualidade de Pôster.

Rio de Janeiro, 23 de novembro de 2018

Prof. Dr. Luiz Alberto Batista
Presidente do I CIEFD

Prof. Dr. Carlos Elias B. Pimentel
Diretor do IEFD

Prof. Dr. Dirceu Gama
Presidente da Comissão Científica do I CIEFD



as políticas públicas nestas áreas.

Palavras-chave: Esporte; Lazer; Aprendizagem.

O FISCULTURISMO NAS ACADEMIAS DE MUSCULAÇÃO: FORMA DE LAZER

Eliane Queiroz Grivet², Fernanda Andressa dos Santos Chagas¹, Rafael da Silva Mattos¹,
Wecisley Ribeiro do Espírito Santo¹

¹Universidade do Estado do Rio de Janeiro

RESUMO: A presente pesquisa tem como objetivo, analisar o fisiculturismo nas academias de musculação como forma de lazer e enfrentamento do estigma do corpo excessivamente hipertrofiado. Os fisiculturistas buscam, dentro das academias, acolhimento e integração social através da cultura corporal de movimento como forma de lazer. Os estudos socioantropológicos sobre o estigma evidenciam que a sociedade estabelece meios de categorizar e configurar atributos considerados como naturais e comuns, ao que o homem deva ser, do ponto de vista intelectual, moral e físico. Assim, se uma pessoa tiver um traço diferente dos demais, será estigmatizada e sofrerá com o isolamento social. Portanto, os fisiculturistas com grande volume de massa muscular ultrapassam os limites da fisiologia humana com o uso exacerbado de suplementos alimentares e esteroides anabolizantes andrógenos (EAA), para alcançar a estética da modalidade. Assim, estão inseridos na lógica hegemônica dos padrões de beleza, do corpo saudável na atualidade, na medida em que reforçam o corpo belo, musculoso com baixa adiposidade, sendo considerados pela sociedade, um desvio de padrão não saudáveis, sobretudo, por serem outsiders da estética hegemônica. O método utilizado nesse estudo consiste em um estudo de campo, de cunho qualitativo, que utiliza como instrumento de pesquisa a observação participante que se constitui numa técnica privilegiada para a coleta de dados, promovendo uma significativa interação com os sujeitos observados, possibilitando uma variedade de fenômenos e situações para registros para análise. A amostra é constituída por 20 atletas de ambos os sexos escolhidos pelo critério de oportunidade e conveniência. O estudo de campo é realizado em academias de musculação da zona sul da cidade do Rio de Janeiro. Os praticantes de fisicultura se aproximam nas academias como forma de prática de solidariedade entre praticantes do fisiculturismo e não como uma prática de anormalidade e monstruosidade ao contrário do que muitos pensam. A sociedade imprime um olhar de repúdio, aos praticantes de fisicultura, criada pelo senso comum como uma forma doentia e absurda. Portanto, a partir da prática do fisiculturismo, os praticantes procuram criar laços que minimizam o isolamento social na cultura de padronização dos corpos normais dentro da sociedade. Assim, a prática da fisicultura, mais do que uma ascese intramundana, torna-se uma prática de lazer, compondo o conjunto de ocupações às quais os indivíduos entregam-se de livre vontade para a diversão, potencializando a expressividade humana, superando os interesses capazes de competir pelo estereótipo de beleza. A prática que sustenta a relação entre o corpo que produz também brinca. Concretizando nas práticas corporais um espírito rico na compreensão da cultura corporal, no desenvolvimento pessoal e descanso das atividades laborais cotidianas. Portanto, as academias, lugar de treinamento para alto rendimento na modalidade da fisicultura, tornam-se um cenário paradoxal: na construção do corpo dentro da estética da modalidade, através do trabalho ascético em um cenário de muita dor e suor, e que ao mesmo tempo, consiste no alívio da prática livre, hedonista e não submissa ao discurso hegemônico de promoção da saúde e de estilo de vida saudável. Portanto, é preciso compreender que o cultivo desses valores e as atribuições dos sentidos e significados às práticas exercidas pelos praticantes de fisicultura, dentro das academias estão relacionadas como prática de lazer para os fisiculturistas, fortalecendo a interação social e o prazer de estarem juntos.

Palavras-chave: Hipertrofia; Academias; Lazer.



**SOBREVIVENDO AO ESTIGMA DA HIPERTROFIA: NOTAS ETNOGRÁFICAS
SOBRE O FISCULTURISMO FEMININO**

Rafael da Silva Mattos¹, Eliane Griver², Juliana Brandão Pinto de Castro³, Wecisley Ribeiro do Espírito Santo⁴, César Sabino⁵, Jeferson José Moebus Retondar⁶, Dirceu Gama⁷

1- Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Doutor em Saúde Coletiva (IMS-UERJ).
profmattos2010@gmail.com

2- Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Mestranda em Ciências do Exercício e do Esporte (PPGCEE - UERJ). elianegrivet@yahoo.com.br

3- Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Doutoranda em Ciências do Exercício e do Esporte (PPGCEE - UERJ). julianabrandaofp@hotmail.com

4- Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Doutor em Antropologia Social (PPGAS/UFRJ). wecisley@yahoo.com.br

5- Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Doutor em Sociologia e Antropologia (UFRJ). sabino350@gmail.com

6- Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Doutor em Educação Física (UGF/RJ).
retondar@oi.com.br

7- Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Doutor em Filosofia (UGF/RJ).
paula.dirceu@hotmail.com

ANEXO B – Fotos dos Campeonatos de Fisiculturismo**FOTOS DAS COMPETIÇÕES**



0%